Herbert Vianna: a tragédia que abalou o rock brasileiro

SHOW
Bizz

Edição 188 - Ano 16
nº 3 - março 2001 - R$ 5,00

Exemplar de Assinante - Venda Proibida

PJ Harvey
A musa deprê dos alternativos está feliz da vida

Tony Iommi
A alma do Sabbath mostra suas garras

Pavilhão 9
Engatilhado para explodir

Santana
Um guitarrista sem fronteiras
+ Guia da nova cena latina

Dinho: "Começar de novo salvou a banda"

Como o **Capital Inicial** atingiu o ponto mais alto de sua carreira depois de provar o lado escuro da fama

Frank Black e Pixies • Ira! • Oasis • Wallflowers • Pantera

Capa: Luiz Queiroz

BARULHO

6 O acidente de Herbert Vianna; Pensador no estúdio

9 Cabra Cega
Com o baterista Barret Martin

11 Que Fim Levou
Rás Bernardo, ex-vocalista do Cidade Negra

12 Até Quando Esperar
Bicycle Thief, Wannadies

14 Palco
Festival australiano, Pantera, Yo La Tengo

ESTE MÊS

18 Capital Inicial
Felizes e prontos para voltar ao tamanho normal

30 Tony Iommi
A mão maldita do Black Sabbath em grande fase

34 Pavilhão 9
A bomba vai explodir... Os rappers na trilha da fama

38 Frank Black
O gordinho segue feliz e sem Pixies (por enquanto)

42 Santana e o novo rock *en español*
Papo com o guitarrista e um guia da cena latina

50 Wallflowers
Jacob Dylan deixa claro o que quer para sua banda

52 Sonic Junior e Flávio Cavalcanti
Vêm do Nordeste as duas promessas do pop nacional

56 John Lee Hooker
O tiozinho que não deixa o blues morrer

58 PJ Harvey
De volta ao rock básico e cansada de sofrer

DISCOFAGIA

61 Stephen Malkmus, Outkast, Paulo Miklos, Halford

70 Importe-se
Donnas, Oneida, Orishas, Gentle Waves

72 Os 10 mais...
Para a hora do chill out

74 Minha Coleção
Fred, dos Raimundos, abre suas caixas

75 Discoteca Básica
Psicoacústica, terceiro álbum do Ira!

82 Detalhes
O começo do Oasis – sem Noel Gallagher

Mais do que qualquer bad trip proporcionada por drogas, mais do que as diferenças pessoais acentuadas com o decorrer dos anos, talvez seja a auto-indulgência a principal razão para o fim de várias bandas – considerando-se apenas aquelas que percebem o erro e, em vez de brindarem os ouvintes com álbuns cada vez piores, decidem encerrar as atividades. O Capital Inicial demorou alguns discos para detectar o problema. Como Dinho confessa na reportagem da página 18, depois da boa receptividade da estréia, a banda passou a acreditar que tudo o que fazia era bom, genial, fora do comum. O quarteto de Brasília sacou a roubada a tempo de recuperar uma carreira que começou em 1983. Mas quantos seguem convictos de que suas canções são extraordinárias porque são e ponto final? Apesar de muitas pessoas acharem que foram ungidas com o toque divino, raras são aquelas que precisam apenas de inspiração para realizar sua missão de um modo acima da média. Não é uma questão de botar fé no seu taco – isso é uma coisa saudável e necessária, desde que na medida certa. O complicado é equilibrar essa certeza com a impressão de que, com um pouco mais de esforço, ficaria melhor. Ora, criar não é assim tão fácil. Não pode ser assim tão fácil. Senão, todo mundo seria artista (e não haveria mais ninguém para falar mal deles). Felizmente, existem os amigos. São eles que apontam os defeitos e incoerências, com a mesma intimidade que avisam quando você tem meleca no nariz. Se já não existem desafios a serem alcançados, se já se descobriu a fórmula ideal, se tudo está perfeito, então o único caminho é pendurar as chuteiras e fugir para Florianópolis ou se suicidar. Ainda bem que a gente está sempre inventando novas falhas e encontrando soluções a cada edição. Não repetindo os primeiros erros, está tudo sob controle. No resto, a gente dá jeito.
Tchau e bênção,
Emerson Gasperin

O que rolou enquanto trabalhávamos para fazer o rock prosperar

PARADA DA REDAÇÃO

***In The Valley Of Dying Stars*, Superdrag** No novo disco, o grupo do Tennessee continua fazendo um pop rock pesado, de refrãos fortes e riffs memoráveis. Fãs de Foo Fighters precisam ouvir "Gimme Animosity" e "Goin' Out".

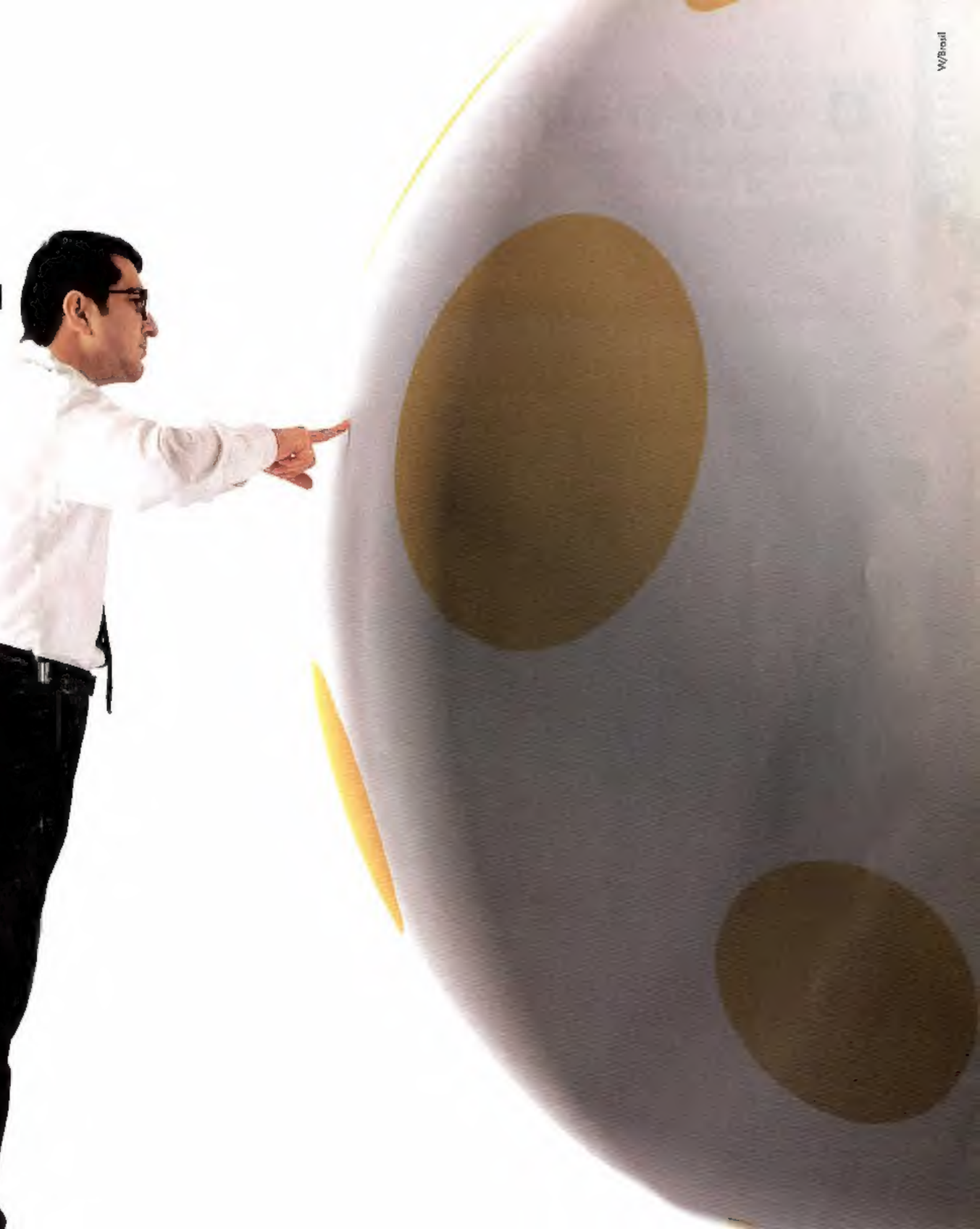
***Public Pieces*, Russell Simins** A estréia-solo do baterista do Jon Spencer Blues Explosion não se parece em nada com o som de sua banda. O perfume alternativo vem de seu vocal canastrão sobre bases às vezes caóticas, às vezes pop.

***Detroit Rock City*, Vários** Trilha da comédia que passou batida no Brasil. Tem desde os históricos Thin Lizzy ("Jailbreak") e Cheap Trick ("Surrender") até bandas novas relendo velharias, tipo as Donnas fazendo "Strutter", do Kiss.

Flávio, Fê, Dinho e Loro depois do purgatório

Luiz Queiroz

É, A COISA NÃO ESTÁ MOLE.



W/Brasil

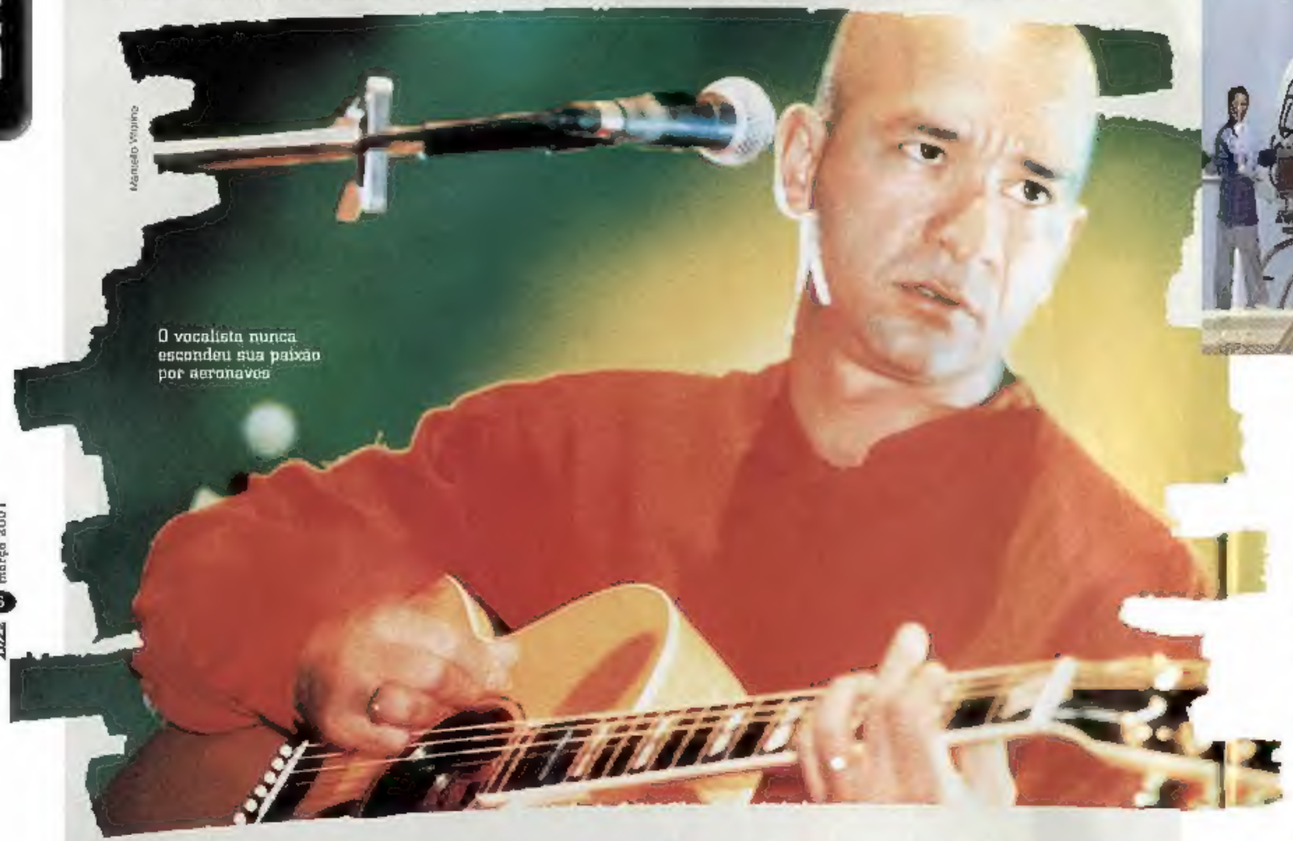
FOLHA DE S.PAULO

FOLHA 80 ANOS

VOCÊ POR DENTRO DA COISA.

O vôo trágico de Herbert Vianna

Domingo festivo acaba com o ultraleve do líder dos Paralamas caindo no litoral do Rio de Janeiro, vitimando sua esposa, Lucy, e deixando o cantor entre a vida e a morte



Manuela Viqueira

O vocalista nunca escondeu sua paixão por aeronaves

O acidente ocorrido após a queda na praia de Mangaratiba

Agência O Globo

Domingão, 4 de fevereiro, um sol de rachar no Rio e adjacências. Herbert Vianna e família (a esposa, Lucy Needham Vianna, jornalista inglesa, e as filhas Hope, de 5 anos, e Phoebe, de 1 e meio, faltando o primogênito Luca, de 8, que ficou na capital) estão em um condomínio em Angra dos Reis, no sul do estado, passando o fim de semana. O motivo do passeio é a comemoração do aniversário da artista gráfica Fernanda Villa-Lobos, esposa do ex-legionário Dado. A tarde está tão linda que Herbert convida Lucy para uma voltinha no ultraleve que ele havia comprado dois meses antes. Pouco depois, Lucy está morta, o veículo é retirado da água despedaçado, e Herbert, em estado gravíssimo, é levado a um hospital em Mangaratiba, ali perto, e depois transferido de helicóptero para o Rio.

Alguns freqüentadores da praia particular onde o avião caiu dizem que Herbert havia dado um looping e se preparava para um segundo quando o aparelho, muito próximo da água, acabou tocando-a de bico e caiu. Convidados da festa, como o cantor Toni Platão e o produtor Victor Kelly, da Rock It!, gravadora de Dado, juram que não houve acrobacias. Especialistas em ultraleves corroboram essa teoria, alegando que o aparelho não era capacitado para as cambalhotas.

Marido e pai apaixonado, Herbert já falava em pisar no freio nas atividades dos Paralamas para se dedicar mais à família. "Nós três moramos longe um do outro, cada um tem a sua vida, temos de saber equilibrar o trabalho e as realizações pessoais", disse, na época do lançamento de *O Som Do Sim*, seu terceiro disco-solo, no segundo semestre de 2000. Ironicamente, na ocasião, Herbert comentava que se sentia próximo da morte. "Ando freqüentando cemitérios demais", queixava-se. O nome do álbum era exatamente uma manifestação de positividade. Ainda assim, nem a carreira-solo, nem a dedicação à família o faziam pensar em aposentadoria. "Eles são os meus melhores amigos, quero tocar com eles para sempre" afirmava, referindo-se a seus companheiros nos Paralamas.

O número de manifestações de apoio na primeira semana de internação era uma prova de que Herbert não tinha desafetos (Lobão não conta). Ele costumava dar instrumentos a bandas necessitadas, como o Cidade Negra e os Ratos De Porão, no começo de suas carreiras. "Na minha coleção, toda vez que entra um instrumento, outro tem de sair", explicava.

O líder dos Paralamas sempre foi um apaixonado pela arte de voar. Há uma história que conta, inclusive, que ele só não virou piloto – como o pai, o brigadeiro da reserva Hermano Vianna – por causa da miopia que o inspirou a compor "Óculos", um dos primeiros sucessos de sua banda. Primeiro, ele tentou helicópteros, mas acabou ficando com os ultraleves por serem de manutenção mais barata e menos barulhentos.

"Foi graças a esse avião que passei a me sentir carioca de verdade", garantia ele, nascido em João Pessoa (PB). "Esse litoral *(da Barra e Recreio dos Bandeirantes, zona oeste do Rio)* é o lugar mais bonito do mundo." O ultraleve em questão, que Herbert possuía antes de comprar o aparelho em que se acidentaria, era vermelho e preto, como o Flamengo (seu time do coração) e a bandeira da Paraíba.

Bernardo Araujo

Até o fechamento desta edição, os médicos estavam otimistas quanto à recuperação de Herbert. O artista havia se submetido a novas tomografias no crânio, tórax e abdômen. A expectativa da equipe era de que o cantor deixasse a UTI em, no máximo, uma semana.

Rap por um mundo melhor

Está em período de gestação o quinto álbum de **Gabriel O Pensador**, estreando parceria com o produtor norte-americano Itaal Shure, conhecido por trabalhar com Maxwell e compor "Smooth", o hit que estourou pelas mãos de Santana. O contato surgiu em uma viagem para o Brasil, onde Itaal conheceu a mãe do rapper e voltou para casa com uma cópia do disco *Nádegas A Declarar*, enquanto Gabriel só ficou sabendo que "um cara que ganhou nove Grammys vai ligar".

Telefonemas e viagens depois, a dupla já tem produzidas (em um estúdio no Rio) faixas como "Até Quando", primeira experiência do pensador com rock, que fala sobre a acomodação e passividade do brasileiro ("Até quando você vai ficar levando porrada/Até quando você vai ficar sem fazer nada/ Até quando você vai ser um saco de pancada"). A música tem bateria e guitarra gravadas ao vivo, em uma onda que reveza suingue com peso. "No show do Red Hot Chili Peppers eu percebi legal essa capacidade do rock de transmitir sentimentos. Estou louco para tocar 'Até Quando' em um palco", explica o artista.

Mais engajado do que nunca, Gabriel planeja também lançar um livro de poemas e fez recentemente uma participação no livro *Para Entender o Brasil*, que traz textos de Ziraldo, Zuenir Ventura, Luís Fernando Verissimo, Barbosa Lima Sobrinho, Frei Beto, Roberto Freire e outros. O resultado deixou o rapper empolgadíssimo, não só para compor, como também para divulgar a obra. "Pretendo dá-lo para artistas, funkeiros, esportistas e personalidades da tevê, pessoas com poder de falar na mídia." Ele acredita que a alienação é fruto apenas da dificuldade de acesso à informação e da má-educação. "Porque, na real, o brasileiro tem a maior garra, a maior força de vontade para improvisar, sobreviver e ainda ser feliz", aposta.

Esperanças à parte, mesmo com pérolas como "Retrato De Um Playboy" e "Brazuca", fica difícil engolir uma imagem muito revolucionária do autor de "2345678" e "Festa Da Música Tupiniquim" – hits culpados pela venda de 1,5 milhão de cópias e repetidas execuções nas rádios. A defesa é breve e justa: "Desde o início da carreira, nunca me assumi como um artista underground. Respeito e gosto muito do trabalho das pessoas que conseguem fazer, por exemplo, o que os Racionais fizeram. O meu interesse é realizar um trabalho não só para o fã de rap, mas para todas as pessoas que ficam ali assistindo a Gugu e Faustão. E também gosto de estar no palco vendo as pessoas dançando e curtindo o som... Mas vou tomar mais cuidado com esse aspecto de música de trabalho. Não vou deixar acontecer como no meu último disco, no qual um CD cheio de coisas interessantes passou uma idéia diferente por causa do primeiro single, 'Cachorrada'".

Matias Maxx

Gabriel arrumou um produtor superstar para trabalhar no novo álbum

Matias Maxx

As aventuras de um crítico de rock virgem

"Seja honesto e impiedoso." Esse conselho proferido pelo grande crítico americano de música Lester Bangs a um pirralho de 15 anos (e que deveria ser adotado por 90% dos especialistas brasileiros, sempre a lascar um "gênio" a cada músico regular que aparece no mercado) é apenas um dos diversos ensinamentos apetitosos de ***Quase Famosos*** (*Almost Famous*), que estréia este mês no Brasil. O filme é a autobiografia do diretor Cameron Crowe. Responsável, entre outros, pelo roteiro de *Picardias Estudantis* e pela comédia grunge *Singles – Vida De Solteiro*, ele decidiu contar a sua curiosa trajetória como crítico de rock. Crowe entrou na redação da *Rolling Stone* aos 15 anos e entrevistou todos aqueles artistas que babaríamos por dez minutos de bate-papo. O currículo do rapaz inclui luminares como Led Zeppelin, Who e Allman Brothers. No filme, Crowe vira William Miller, rapaz que tem uma mãe quadradona (ela censura Simon & Garfunkel porque eles falam de "drogas e sexo promíscuo") e que, de repente, cai na estrada ao lado da fictícia banda Stillwater. Ali, Miller conhece seus ídolos, perde a virgindade e descobre que a relação jornalista-músico é bem mais complicada do que parece.

Uma das grandes lições de *Quase Famosos* é mostrar como o rock já foi mais romântico e o jornalismo musical menos comprometido. Em 1973, Lester Bangs (em uma interpretação elogiada de Philip Seymour Hoffman, o gordinho boiola de *Boogie Nights*) já demonstrava preocupação com o excesso de profissionalismo que estava tomando conta do rock. Ele acreditava que o gênero perdia cada vez mais a espontaneidade para se transformar em negócio. Hoje, todo mundo sabe que Bangs estava certo. Vivemos em uma era de turnês monstruosas, com efeitos especiais que sobraram da última edição de *Guerra Nas Estrelas*. O relacionamento entre artistas e imprensa também mudou muito nos últimos anos. Antigamente, o repórter costumava seguir todos os passos do grupo até possuir elementos suficientes para uma matéria. Daí nasceram grandes reportagens de Nick Kent (que podem ser encontradas no livro *The Dark Stuff*) e do próprio Cameron Crowe. Muitas só viravam capa após meses de apuração. Nos dias de hoje, qualquer conjunto de meia-pataca reserva apenas meia hora para entrevistas. E ainda tem direito a assessores de imprensa, que vetam as perguntas mais polêmicas. Mesmo a imaculada *Rolling Stone* de Crowe se rendeu ao mercado: as últimas edições da revista babaram o ovo para a musa teen Britney Spears e para Backstreet Boys.

CENAS QUE POUCA GENTE VIU Algumas dicas para se curtir melhor Quase Famosos

• Stillwater, a banda, é uma mistura de Led Zeppelin, Allman Brothers e Lynyrd Skynyrd. A dupla formada pelo vocalista Jeff Babe e pelo guitarrista Russell Hammond é nitidamente inspirada naquela perua louca chamada Robert Plant e em Jimmy Page. "Eu sou o *frontman* e você o guitarrista com *mystique*", profere o bofe dos vocais. Mas a frase atribuída a Hammond – ele grita "Eu sou um deus dourado" em meio a uma viagem de ácido – foi na verdade dita por Robert Plant em uma de suas diversas egotrips.

• William Miller apaixona-se por Penny Lane, uma groupie (ela gosta de se chamar de "band-aid") e perde a virgindade com uma das meninas que acompanham o Stillwater. O menino foi realmente deflorado por uma groupie. A aventura deve tê-lo deixado traumatizado, já que Cameron Crowe é casado com Lisa Wilson, um dos jaburus do grupo canadense Heart.

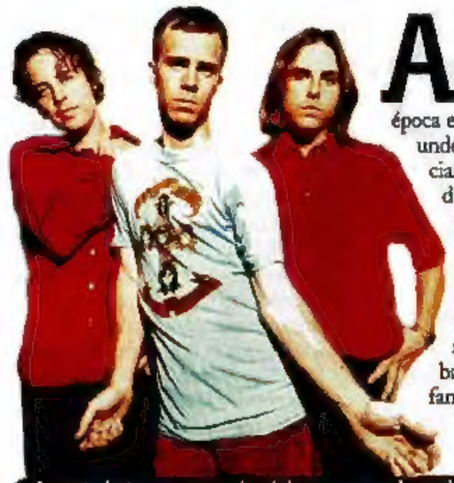
• Uma das melhores cenas do filme acontece em um avião, que enfrenta uma violenta tempestade durante o vôo. Esse fato realmente aconteceu – foi com o grupo Who. Mas Crowe nunca revelou quem fez a polêmica declaração que faz o tempo sossegar. Não contamos mais sobre essa cena porque senão estraga tudo.

• A trilha sonora do filme é uma beleza. Vem de uma época sem tantas definições sonoras inúteis (do tipo thrash, death, grunge) e sem tanto preconceito. Vai de ícones dos anos 70 como Led Zeppelin (que pela primeira vez em sua vida cedeu uma canção para uma trilha sonora), Allman Brothers e Lynyrd Skynyrd a canções mais cult de grupos como Beach Boys e Who. O melhor, no entanto, fica para "Tiny Dancer", de Elton John. Ela embala a cena do filme que mostra que os roqueiros também amam.

Au Mendes

Baixa no alternativo

Fotos: Reprodução



A gente bota um som, eles falam o que acham do negocio

A cena indie americana não é mais a mesma. Vários grupos que ascenderam no início da década de 90, época em que o Nirvana puxou o underground para cima, estão anunciando suas mortes. Recentemente, duas das mais geniais decidiram encerrar suas carreiras: **Ben Folds Five** e **Afghan Whigs**. O piano de Ben Folds, o baixo distorcido de Robert Sledge e a bateria de Daren Jesse não se cruzam mais desde o fim de 2000. A banda deixa de legado três álbuns fantásticos (o último, *The Unauthorized Biography Of Reinhold Mesner*, de 1999, foi lançado no Brasil pela Sony) e uma coletânea de lados B. O quarteto Afghan Whigs, com alguns discos a mais na bagagem, também não resistiu. Em plena ascensão artística, o grupo do vocalista Greg Dulli não dará prosseguimento à fusão de rock com a velha música negra americana (o que faziam com maestria). Os integrantes das duas bandas já estão envolvidos com novos projetos. Com certeza, ouviremos falar deles em breve.

CABRACEGA

Barret Martin

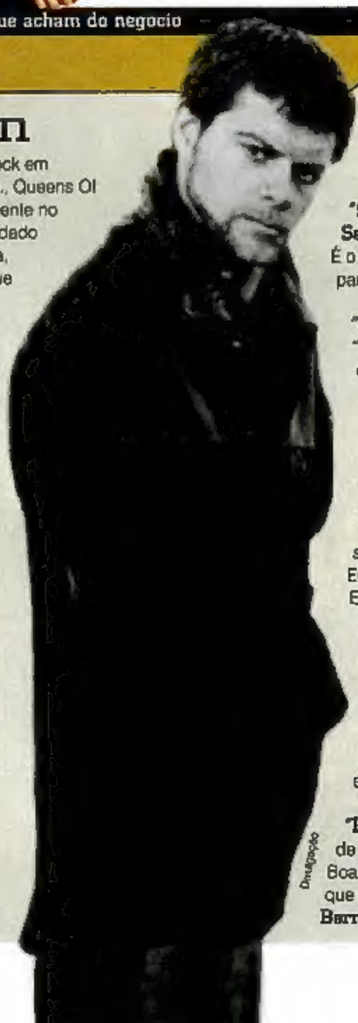
Experiente, após anos no mundo do pop rock em gravações com os Screaming Trees, R.E.M., Queens Of The Stone Age e outros, o baterista, atualmente no Brasil acompanhando Nando Reis – hospedado em um simpático apartamento em Ipanema, no Rio –, acertou a maioria das canções que ouviu. Só pagou mico ao não conhecer os Titãs, banda do chefe.

"Harvest Moon", Neil Young (*Em 2 segundos*) "Neil Young. É fácil, pela maneira como ele toca violão. Essa é do *Harvest*, como se chama mesmo? Ah, sim, é a própria, 'Harvest Moon'. Ele era uma das maiores influências dos Screaming Trees."

"Uncovered", Soundgarden (*Em 2 segundos*). "É Soundgarden, do *Ultramega*. Não, é do *Louder Than Love*... 'Uncovered'. Gosto muito desse antigo baixista deles, o Hiro. Ele tem uma banda pop-grunge hoje em dia em Seattle."

"Pot-pourri Ao Vivo", Chico Science E Nação Zumbi "Hummm, vou chutar. Mutantes? Não? Sepultura? Não? É bom isso, boa guitarra. Claro, Nação Zumbi, vi o show deles, são ótimos. Curioso isso, né? Começa com jazz e depois vira heavy metal."

"The Dope Show", Marilyn Manson "Já ouvi isso. (*Após 45 segundos*) Marilyn Manson. Tive de esperar que chegasse ao refrão. Esse é o meu interesse no rock americano atual, não gosto de nada. Não compro nenhum disco de rock contemporâneo há cinco anos."



Divulgação

"Samba-enredo 2001", Acadêmicos do Salgueiro "Parece a batida da Mangueira. É o Salgueiro? Ouvi o cantor dizer 'Salgueiro', mas pareciam os surdos da Mangueira."

"London Dungeon", Misfits (*30 segundos*) "É o Glenn Danzig cantando, só não sei se são os Misfits ou o Samhain. Misfits? Legal. Gosto muito do primeiro disco do Danzig, é rock do diabo, mas é muito bom. Admiro muito aquele baterista, Chuck Biscuits, que tocou nos Circle Jerks."

"At My Most Beautiful", R.E.M. "Óbvio. 'At My Most Beautiful'. Sabe o que é curioso? Não sou eu tocando bateria, é o Peter Buck. Eu só gravei as cordas e a percussão nessa música. Estávamos na sala de controle do estúdio, depois de tomar muitas garrafas de vinho, e Peter entrou e, sem se sentar, tocou a parte da bateria."

"Pra Dizer Adeus", Titãs "Esses violões, parece os Eagles. Não sei. Caetano? Titãs! Comprei todo o catálogo deles, mas, como não temos um som aqui no apartamento onde estamos, ainda não consegui ouvir."

"La Traición", Brujeria "Pesado, hein? Isso tem de ser Sepultura! Soufly? Brujeria? Não conhecia. Boa produção. (*Irônico*) Exatamente o tipo de música que eu ouço."

Bernardo Araujo

Patrick, Liliana, Oli e Chris: palcão por ritmos regionais. No detalhe, a capa do disco de estréia

Fotos: Divulgação

M.P.B. enlatada

Uma brasileira nos vocais de uma banda inglesa? Não, não é o Drugstore, e sim o **Da Lata**, um projeto que só se tornou realidade em 1998, quando a Liliana Chachian chegou ao grupo. Vivendo em Londres desde 1982, a paulista de 38 anos iniciou sua carreira no underground. Literalmente: ela e uma amiga baiana tocavam violão e percussão e cantavam músicas brasileiras nas estações de metrô da cidade, onde conseguiam chamar a atenção dos ingleses para o ritmo exótico e ainda ganhavam um bom dinheiro.

Foi ali, nos corredores do subterrâneo londrino, que Liliana começou a fazer seus primeiros contatos importantes. Conheceu músicos que a levaram para a London School Of Samba e, mais tarde, para participar de algumas bandas, como a Sambatucada e a Negrocan. Até que, em 1994, obteve uma vaga de percussionista na banda que acompanhava os Pet Shop Boys e ficou cerca de dois meses viajando pelo mundo com a turnê do álbum *Very*, chegando até a tocar no Brasil. Além disso, conheceu o instrumentista português Oli Savill, que viria a lhe apresentar aos idealizadores do projeto Da Lata: o inglês Patrick Forge, DJ e locutor da Kiss FM, emissora na qual possui um programa semanal sobre música latina, e o multiinstrumentista alemão Christian Franck.

A paixão pela música brasileira uniu os quatro na gravação de um single, "Ponteio", de Edu Lobo, muito bem recebido nas pistas de dança da Europa e dos Estados Unidos. A partir daí, juntar-se para produzir um álbum inteiro foi fácil. Em 1999, começaram a compor *Songs From The Tin*, recém-lançado no Brasil pela gravadora Trama. Samba, bossa nova, ritmos baianos ou qualquer tipo de música regional brasileira pode ser usada no Da Lata. A percussão vem com um toque europeu e o acabamento é sofisticado, feito por instrumentos de cordas e um ou outro efeito eletrônico. "O disco foi composto por pessoas muito diferentes, com passados diferentes, por isso tem um pouco de tudo", explica Liliana, uma fissurada em sons tradicionais ou folclóricos, não importa de que região do planeta. "Da minha parte, herdou esse lado regional, de melodias simples. E imagens e sensações que só eu tenho do Brasil, por ter nascido e vivido metade da minha vida no país." Um produto bem brasileiro, enlatado lá fora e vendido para o mundo todo.

Fabiana Batistela

Mundo Livro S/A

Exemplares que tocam em sua prateleira

***Tropicalismo – Decadência Bonita Do Samba*, Pedro Alexandre Sanches (Boitempo Editorial)**

Este saiu já faz um tempinho, mas é que só agora conseguimos entendê-lo... Brincadeirinha: na obra, o jornalista da *Folha de S. Paulo* defende a tese de que, com a nova ordem imposta pelo tropicalismo, inaugurado em 1967, o samba perdeu seu espaço como forma hegemônica da canção popular. Para sustentar seus pontos de vista, o autor analisa a trajetória dos ícones do movimento (Caetano Veloso e Gilberto Gil) e a compara com a de dois compositores que resistiram à Tropicália, Chico Buarque e Paulinho da Viola. Como "terceira via", apresenta Jorge Ben, que não se encaixava em nenhuma dessas categorias. À primeira vista, parece complicado. No entanto, Sanches consegue expor suas idéias com uma clareza capaz até de converter quem pensa exatamente o contrário do que ele prega em seu livro. Com argumentos convincentes, disseca os métodos de autoperpetuação do movimento e chega à conclusão de que os mais de 30 anos da hegemonia tropicalista inibiram as criações das gerações musicais posteriores. Não se trata de biografia ou história, e sim de um livro de pensamentos, artigo raro no Brasil.

***Sandman – Os Caçadores De Sonhos*, Neil Gaiman e Yoshitaka Amano (Conrad Livros)**

Neil Gaiman encerrou a saga de Sandman (no Brasil, sua última revista foi às bancas em dezembro de 1988), mas deixou várias pontas soltas para contar, em edições esporádicas, as aventuras do Mestre dos Sonhos. Neste livro ilustrado em comemoração aos dez anos do personagem, quase não aparece, mas quando o faz deixa sua marca. Bom texto, bom roteiro, edição primorosa: fãs de quadrinhos longe da obviedade dos super-heróis e góticos em geral não têm do que se queixar.

Figuras que já deram autógrafos e hoje vão em paz à padaria da esquina

QUE FIM LEVOU

Rás Bernardo

Desde que saiu (ou foi saído) do Cidade Negra, em 1993, o cantor adotou o apelido Rás (que significa rei em aramaico, como em Ras Tafari, soberano da Etiópia, país de onde os jamaicanos tiraram a origem de sua religião, o rastafarianismo) e tentou empreender uma carreira-solo que jamais decolou. Sua antiga banda – que no início, na Baixada Fluminense, chamava-se Lumiar), ao contrário, passou de cult a megavendedora de discos após a entrada do bonitão Toni Garrido, vindo da Banda Bel. O Cidade vinha crescendo com hits como "Falar A Verdade" e "Nada Mudou" e chegou a se apresentar no Holywood Rock de 1992, mas foi com Garrido e a coleção de sucessos de *Sobre Todas As Forças* (1994) que o grupo alçou vôo de vez. Hoje, é muito difícil contactar Rás. Sua própria empresária, Katiê, marca shows e fica de confirmar se conseguir encontrá-lo. Ele mora na Baixada e não tem telefone.

Eventualmente, participa de apresentações de jovens bandas de reggae, como o Talari Roots e o Vitamina, e canta em eventos como o carnaval alternativo da Lapa, no centro do Rio. Também é visto em iniciativas ligadas a ONGs, como shows do AfroReggae. Ainda tem muitos amigos importantes.

Carreira-solo tirou o sorriso da boca do cantor

como Nélson Meirelles, ex-baixista do Rappa (saiu para a entrada de Lauro, irmão de Bino, do Cidade Negra) e produtor dos primeiros discos do Cidade.

Bernardo Araujo

Hey, Monsieur DJ!

Em tempos de Daft Punk, Air e Modjo, ninguém mais se espanta quando se fala em música eletrônica feita na França. É claro que nem sempre foi assim. No começo dos anos 90, o DJ e produtor parisiense **Laurent Garnier** era praticamente o único representante da terra de Asterix no atlas das batidas. Desde então, já lançou três álbuns – o último, *Unreasonable Behaviour*, de 2000, está saindo agora no Brasil pela Sygno Music. O CD traz tecno, house, jazz, breakbeats e funk e vendeu mais de 200 mil cópias no mundo inteiro. "Fiquei surpreso e feliz, porque é um trabalho profundo. Mas a real é que eu não dou a mínima para vendagens", desdenha o DJ, que tocou no Brasil em janeiro. E como ele vê esse momento de glória da música de seu país? "Os franceses tiraram as letras e passaram a vender em todos os lugares. É simples assim. Mas não gosto muito do tipo de música francesa que está nas paradas. O underground de lá tem um monte de coisas legais que ninguém conhece", cutuca. O DJ é o novo popstar? "Não, DJs são contadores de histórias. Tudo o que fazemos é tocar sons dos outros. É a mídia que gosta dessa história de transformar o DJ num ícone." Isto é Laurent: falador, inquieto, sem papas na língua e um dos cérebros mais talentosos da eletrônica. *Très bien, monsieur!*

Camilo Rocha

london calling
A mais completa em novidades e raridades.
Os últimos lançamentos dos EUA, Europa e Japão
Rock-Pop dos 60 a 2001
ENVIAMOS PARA TODO O PAÍS
CDs - DVDs - VHS
(0xx11) 223-5300
Rua 24 de Maio, 116
Sobreloja 15 - São Paulo - SP
Vendas pelo nosso site: www.londoncalling.com.br
londoncalling@londoncalling.com.br

SHOWBIZZ
Para anunciar nesta seção, ligue:
São Paulo (0xx11) fone: 284-2255 fax.: 283-5029 cel.: 9603-7685
Rio de Janeiro (0xx21) fone: 579-2230 fax.: 579-2240

Fotos: Reprodução

Bicycle Thief

Bob Forrest é mais um daqueles camaradas talentosos que quase foram engolidos pelas drogas. Entre 1986 e 1992, foi o cabeça do Thelonious Monster, uma banda de Los Angeles cultuadíssima por caras como Perry Farrell (mentor do Jane's Addiction e do Porno For Pyros). Eles lançaram quatro discos, cada um por uma gravadora, e, depois de um entra-e-sai constante de músicos (68 ao total), conflitos pessoais, shows vergonhosos, temporadas na cadeia e a morte do baixista Rob Graves por overdose de heroína, o grupo acabou.

Em 1999, Forrest renasceu das cinzas com uma banda novinha em folha chamada Bicycle Thief, bem parecida com Thelonious Monster. Com 38 anos e longe das drogas, juntou-se a Josh Klinghoffer (guitarra), um moleque multiinstrumentista talentosíssimo, na época com 17 anos, que gravou quase todos os instrumentos do esplêndido *You Come And Go Like A Pop Song*. O disco traz rock recheado de folk com uma cobertura deliciosa de blues e letras tão honestas quanto um diário, mostrando a enorme vulnerabilidade de Forrest.

O Bicycle Thief ficou conhecido nos Estados Unidos no ano passado, abrindo shows do Red Hot Chili Peppers, seus fãs confessos. Em 1989, o baixista Flea deu uma mãozinha na produção de *Stormy Weather*, do Thelonious Monster. O guitarrista John Frusciante, que quase fez um teste para integrar o grupo pouco antes de ser seqüestrado pelo Chili Peppers, toca em uma das faixas de *You Come...*, "Cereal Song", uma balada que trata das agruras causadas pela heroína. "Tenho sorte de estar vivo, pois eu deveria estar morto", choraminga Forrest. Sorte temos nós.

Clarah Averbuck

Influenciado por:
Tom Waits, Tom Petty, Neil Young

Disco essencial:
You Come And Go Like A Pop Song (1999)

Wannadies

O que você daria por uma garota e quatro rapazes de Skellefteå, uma pequena cidade no interior da Suécia onde o sol só aparece de vez em nunca, que faziam bicos de coveiro para faturar uma graninha? Convencer alguém de que desse cafundó saiu a melhor banda pop dos últimos tempos é difícil. Então, melhor contar um pouco de história.

Depois de vasculharem um catálogo de filmes de terror em busca de um nome, os cinco amigos concordaram em ficar com Wannadies. No fim dos anos 80, mudaram-se para a capital Estolcomo e gravaram um EP. Durante a primeira metade da década seguinte, Pär Wiksten (vocal e guitarra), Christina Bergmark (teclado e backing vocals), os irmãos Fredrik Schönfeldt (baixo) e Stefan Schönfeldt (guitarra) e Gunnar Karlsson (bateria) se esforçaram na promoção de três álbuns, conseguindo alguma repercussão no Reino Unido. Mas foi só em 1997, com o lançamento de *The Wannadies*, junção das melhores canções do passado recente do grupo, que o sucesso chegou perto. "You And Me Song", uma balada com enxertos bossa-novísticos e refrão grudento, foi incluída na trilha da versão moderninha para cinema do clássico de Shakespeare (*Romeu + Julieta*). Nesse período, músicas como "Might Be Stars" (cuja letra fala do sonho do quinteto de estourar), "Shorty" (em que o vocalista, um tampinha de cabelo esquisito, trata da dificuldade que os baixinhos enfrentam na hora de flertar com alguém), "Someone Somewhere" e "Hit" imediatamente cativaram os fãs de melodias perfeitas e de outro grupo sueco, o Cardigans.

Após uma mudança na batera (o posto agora é de Erik Dahlgren) e alguns entreveros com a gravadora, o Wannadies partiu para Nova York para gravar um disco novo, com produção do ex-Cars Ric Ocasek (Weezer, Guided By Voices). *Yeah* saiu no começo de 2000, mas não fez com que o sonho de "Might Be Stars" se realizasse. O contrato com a BMG não foi renovado e uma das bandas que mais incitam ouvintes a cantarem junto está tendo de planejar um recomeço.

José Flávio Júnior

Influenciado por:
Pixies, Iggy Pop, Clash, Nick Drake, Stan Getz, Beatles

Disco essencial:
The Wannadies (1997)

Pär *(à frente)*: músicas pop perfeitas e bem-humoradas é com ele

Stamp Rockwear

CAMISETAS OFICIAIS
ESTAMPAS DE ALTA QUALIDADE

RECEBA PELO CORREIO
PAGUE AO RETIRAR

TEL: 0**11 6979 7344
FAX: 0**11 6979 5456
stamp@uol.com.br

R$ 17,00 + FRETE

REGATA FEMININA

R$ 15,00 + FRETE

COLEÇÃO SPECTRUM

R$ 14,00 + FRETE

ENVIE O SEU PEDIDO POR CARTA, FAX OU E-MAIL PARA A STAMP:
RUA HELIODORA, 321 CEP 02022-051 SÃO PAULO,SP

PREENCHA NOME, ENDEREÇO, REFERÊNCIA E TAMANHO P,M,G.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.
O VALOR VARIA DE ACÔRDO COM O PESO DA MERCADORIA E LOCAL.

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

ACEITAMOS TROCA EM CASO DE DEFEITO E TAMANHO.

DESCONTO PARA REVENDEDORES

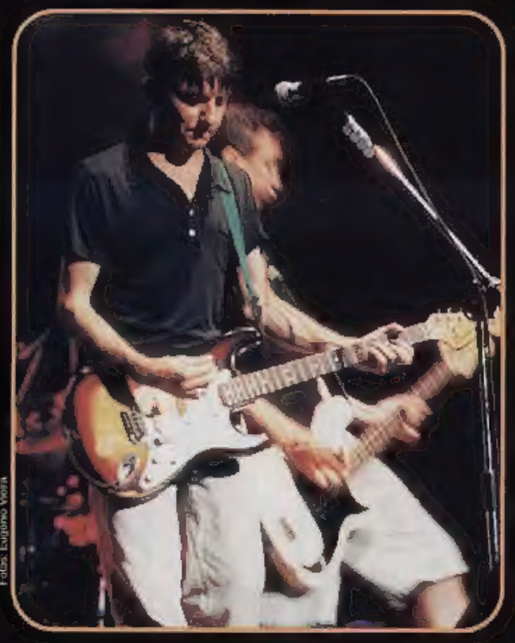
REF	TAM	REF	TAM	REF	TAM

NOME:
END:
CEP: CID: EST:
TEL: ASSINATURA:

BIZZ /JANEIRO/2001

PALCO

É, mas quando entra na água...



Fotos: Eugênio Vieira

Spy V Spy, GangGajang e The Chevelles *(a partir da esq.)* provocaram só marolas no público, enquanto o Yothu Yindi detonou com suas pitadas étnicas *(ao fundo)*

Minifestival com **Spy V Spy**, **The Chevelles**, **Yothu Yindi** e **GangGajang** confirma: o Brasil é o lugar do mundo que melhor acolhe as bandas australianas – melhor até do que a Austrália

Sampoerna Surf Music
Via Funchal – São Paulo, 7/2

A lua cheia e a noite clara inspiram luau e maré alta, apesar de a praia mais próxima estar longe, muito longe. Diante do Via Funchal, a brigada de camisetas surfwear, regatas e bermudas floridas comparece, mas em número reduzido – situação bastante compreensível, já que é pleno verão e quem gosta de rock australiano está na praia. Quase todos chegam em belas picapes e conversam em telefones celulares, o que também se explica: afinal, lá se vão mais de dez anos desde os tempos áureos (OK, não tão áureos) de Australian Crawl, Hoodoo Gurus e Midnight Oil. Mesmo assim, a coisa está esquisita. Cadê o Peterson Rosa? E os irmãos Padaratz, onde estão?

Quando o Spy V Spy sobe ao palco, a coisa começa a fazer sentido, por causa do figurino da banda. Astral "viver a vida sobre as ondas" à parte, os três músicos estão de preto. Ah, então é isso: rock australiano é igual a metal, principalmente na devoção dos fãs, que não estão nem aí para o fato de mais ninguém no mundo lembrar que os ídolos deles existem (e têm mais é que não se preocupar com isso mesmo). O que muda é que, em vez de bater cabeça, o povo faz aquela dancinha dura com os braços abertos à procura do equilíbrio, uma perna ligeiramente flexionada e a outra levantada, como quem desce uma onda. E, ao levantar as mãos, em vez do chifrinho com os dedos mínimo e indicador erguidos, o que surge é o "hang loose" feito com o mínimo e o polegar. No mais, o baterista, com o cabelo cortado à moda Aritana oxigenado, tipo Paulo Nunes, não nega nem o pulinho no banco à Peter Criss após o fim triunfante de "Don't Tear It Down", único hit de verdade da banda, aquele do "ten years go by...".

SÉRIE DE MERRECAS

Contradizendo quem duvida do bom senso dos surfistas, o local só começa a encher depois do Spy V Spy. Começa, que fique claro. Ainda há muito espaço vazio no início dos Chevelles, a banda menos conhecida da noite. O baterista também é a cara do Paulo Nunes, camisetas pretas... Manobra repetida? Não, espere aí. A camiseta do guitarrista é verde-escura, só de longe parece preta. Ei, é uma camiseta do Teenage Fanclub! Isso muda tudo, porque os Chevelles justificam tal indumentária com um power pop lastreado em ótimas canções de refrãos grudentos e festeiros. Pena que a maior parte da platéia apenas espera o show passar, na maior indiferença.

É na entrada do Yothu Yindi que o pessoal enche o Via Funchal, reforçando a impressão de que vieram do litoral "crowdeando" o mar. Em hora mais adequada, impossível. É o melhor show da noite, fácil. A mistura de melodias e vocalizações nativas australianas com balanço de funkão beirando a disco music é, perdoe o clichê, irresistível. O baixista, com jeitão de escocês vestindo camisa do Flamengo, junto dos dois dançarinos-percussionistas-tocadores-de-yidaki (aquele instrumento que parece um berrante, também chamado de didgeridoo) em trajes e pintura tradicionais, e, sobretudo, o sorrisão da vocalista Jodie Cockatoo-Creed formam um conjunto de apelo visual fortíssimo.

Parece que o vento virou e, após a marola do Spy V Spy, a noite vai ser uma seqüência de boas séries. Só parece, porque o GangGajang é uma vaca das piores, como se a prancha, vendida por algum emboaba desonesto, rachasse sob os pés no exato momento em que a onda revela-se um caixote. Quando eles tocam, o termo "rock australiano" volta a ser pejorativo. E imaginem rock australiano pejorativo misturado com reggae, se este tivesse sido inventado pelo Police; pop, se este tivesse sido inventado pelo Men At Work; e folk, se este tivesse sido inventado pela Dave Matthews Band. Até as escadas rolantes do Via Funchal mudaram de sentido e passaram a ser só de descida, para ajudar quem quisesse sair de lá o mais rápido possível e escapar da medonha versão de "Garota De Ipanema". É existirá nesse planeta coisa mais "pretty fly" do que aquele tecladista fantasiado de refugo de clipe do Cypress Hill? Não dá.

Bem fez quem chegou tarde e foi embora antes. Gente consciente, que evita trânsito, dorme mais cedo para acordar e ir à praia e ainda vai para casa lembrando de dois belos shows. O Peterson Rosa e os irmãos Padaratz (Neco e Teco) é que sabem das coisas.

Fábio Bianchini

A opinião de quem estava lá

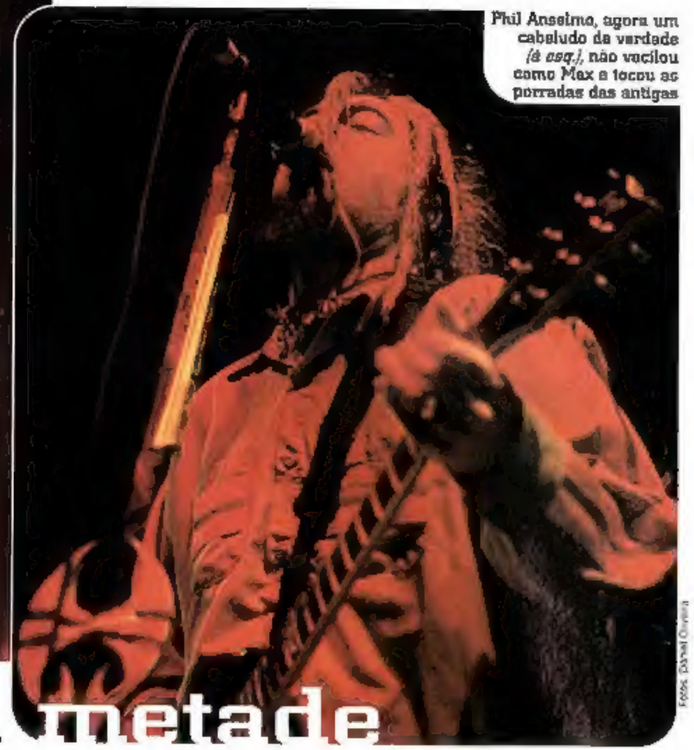
IMPRESSÕES

Gilson Simões
"Básico. O pessoal toca direito, o som estava bom, mas eu esperava mais. Só o Yothu Yindi ousou, as outras bandas parecem ser a mesma coisa."

Luciana Paiva
"Foi maravilhoso, as melhores foram GangGajang e Spy V Spy, que eu já tinha visto e adorei. Tem de ter mais vezes."

Gustavo Gasper Campanha
"Podiam ter posto uma mais fraquinha, tipo aquela segunda, para abrir. O Yothu Yindi misturou demais, onde já se viu metal com aquelas paradas australianas?"

PALCO



Phil Anselmo, agora um cabeludo da verdade *(à esq.)*, não vacilou como Max e tocou as porradas das antigas

Fotos: Daniel Oliveira

Valeu pela metade

Tinha tudo para ser uma celebração ao metal. E foi, mas só no segundo tempo: enquanto o Pantera sacudiu a cabeça dos fãs, mesmo sem estar tocando nas rádios, Max Cavalera abdicou dos clássicos do Sepultura, esfriando o show do Soulfly

Universal Amphitheatre
Studio City, Califórnia, EUA, 3/2

"Bandas aparecem e viram a moda do momento. Mas eu quero ver um grupo durar 11 anos e manter todo esse público", disse o vocalista Phil Anselmo, orgulhosamente, para as 7 mil pessoas que lotavam o luxuoso Universal Amphitheatre. Verdade seja dita: depois do Metallica (que não vive um grande momento na carreira graças à briga do baterista Lars Ulrich com o Napster), o Pantera é a maior banda de heavy metal dos Estados Unidos. Sem nenhum apoio das rádios e com músicas totalmente inacessíveis, o quarteto do Texas continua angariando milhares de fãs em seus shows.

De barba e cabelos longos, Anselmo berrou, correu pelo palco e bateu cabeça na melhor tradição da cena pesada oitentista. Poucos vocalistas metálicos são tão carismáticos. Sua expressão facial malhumorada encaixou-se perfeitamente na violência das músicas. Ouvindo os fãs cantarem boa parte de suas letras – principalmente durante os hinos "Walk", "This Love" e "Becoming" –, ele parou para aplaudir e admitir: "Este é o melhor público que já vi em Los Angeles".

O guitarrista Dimebag Darrell, o baterista Vinnie Paul e o baixista Rex Brown deixaram claro por que são alguns dos melhores músicos do heavy metal. Suando como condenados e instigando porradaria no público, eles reproduziram com primor a técnica que esbanjam nos discos do Pantera. Os compassos quebrados de "Hellbound" e "Use My Third Arm" realçaram a integração de Paul e Brown, enquanto os riffs rápidos e solados de "Cowboys From Hell" e "Revolution Is My Name" destacaram o talento inigualável de Darrell.

O Soulfly veio antes e decepcionou. O som embolado e extremamente distorcido ofuscou o trabalho do grupo. Max Cavalera mal se comunicou com o público e só tocou uma música do Sepultura, "Spit". Se Ozzy Osbourne recheia seus shows com clássicos do Black Sabbath, por que Max não pode tomar a mesma atitude? Na visão de qualquer fã, seu passado no Sepultura é glorioso demais para ficar em segundo plano. Além disso, a banda ignorou canções energéticas do quilate de "Terrorist" para tocar coisas monótonas como "Quilombo".

Um problema freqüente do Soulfly é trazer desconhecidos para dividir os vocais em suas apresentações. A audiência questionou quem foi o garoto que cantou "Bleed" com Max (seria o seu filho mais velho?). O show só melhorou quando Corey Taylor, do Slipknot, subiu ao palco para "Jumpdafuckup". Pelo menos, este foi um convidado que todo mundo conhecia e com o qual estava familiarizado.

Daniel Oliveira

Um planeta para cada

Yo La Tengo – Ballroom
Rio de Janeiro, 9/2

Casa cheia, calor insuportável, e lá vem a Pelvs, velha conhecida do público carioca que freqüenta shows alternativos. Animados – priorizando um repertório menos deprê do que o que os caracterizava originalmente, com uma bem sacada percussão em algumas canções –, os meninos mandam ver e conseguem boa reação da platéia. Apenas desta, porque o cantor do Yo La Tengo, Ira Kaplan, ameaçava ir embora se o set do Pelvs não acabasse naquele exato momento. Afinal, onde já se viu banda de abertura tocar 50 minutos? No mesmo lugar em que os integrantes do grupo principal têm paciência, se gurantem e gostam de dar uma força a artistas mais jovens, mesmo sem conhecê-los, Ira.

Mas como chefe é chefe, o show acaba e logo entra o bizarro trio americano. Ira é um quarentão de cabelos crespos, violão ou guitarra pendurados no corpo e uma vontade imensa de ser Lou Reed; sua mulher, Georgia Hubley, toca bateria e, hoje, com a alta temperatura, não parece muito disposta a trabalhar; no baixo, sabendo muito bem o que está fazendo, o simpático gorducho James McNew, que, apesar de ter entrado no Yo La Tengo depois de Ira e Georgia, parece ser o elo que mantém a música da banda no limite da realidade.

Os três, no palco, são um espetáculo à parte: trocam de instrumentos o tempo todo e ficam cada qual no seu planeta. Ira – servido por um hilário roadie, que permanece aboletado em um canto, bebericando um drinque e afinando guitarras – parece preocupado em ensurdecer a moçada, enquanto Georgia lembra aquela moça da piada que pretendia pintar o teto de bege e James é quem mais se assemelha a um músico normal. O repertório mais suave de *And Then Nothing Turned Itself Inside Out*, disco mais recente do trio, aparece freqüentemente no show, com as vozes meio hipnóticas do casal.

O guitarrista é responsável também por canções tipicamente indie ("Sugarcube" e "Cherry Chapstick"). Quando James assume o microfone – o povo logo aprendeu –, vem aí música pop da boa. Aliás, não faltam boas canções ao Yo La Tengo, mas eles perdem tanto tempo com aquelas microfonias... O momento fofo (um dos mais aplaudidos pelo antenado público) aconteceu em "You Can Have It All", com instrumental em playback e coreografia "chacrética". O público já estava meio cansado quando a apresentação terminou, mas bastante gente – alguns foram embora porque a banda teve de ser convencida a voltar para o bis, pois vontade não havia – testemunhou uma versão do grupo em quinteto, com o tal madie em uma guitarra e o *tour manager* Joe cantando uma ridícula canção country, além do final apoteótico com uma cover do MC5, entoada por Ira em seu melhor falsete. A nota desagradável fica por conta da agressão de um segurança ao fotógrafo Matias Maxx, de BIZZ – é que o Yo La Tengo estava em seu dia de Axl Rose e proibiu fotos em seu show. Nem nisso a noite foi alternativa.

Bernardo Araujo

Ira: microfonias e, de vez em quando, algum pop

Fotos: Matias Maxx

{Tudo que Vai}

Só depois de chegar ao fundo do poço e zerar as diferenças, a formação original do Capital Inicial teve condições de vislumbrar um futuro e lidar com o seu passado sem traumas, para escrever uma das mais incríveis histórias do rock nacional

Por Emerson Gasperin Fotos: Luiz Queiroz

No Natal de 1997, Loro encontrou Fê em Brasília e jogou a pá de cal: "O Capital acabou, meu amigo". Desde junho, o guitarrista não fazia parte da banda. Os shows marcados foram completados com Yves Passarell (Viper) em seu lugar. Dinho pulara fora quatro anos antes, sendo substituído por Murilo Lima nos vocais. Dos fundadores, restavam apenas o baterista e seu irmão, o baixista Flávio. Era óbvio que, por mais cruel que aquilo soasse, Loro tinha razão. Aquele Capital Inicial vindo com a primeira onda dos grupos de Brasília, na década de 80, não existia mais.

Quando seus integrantes falam que a banda nasceu de novo, não se trata de simples retórica. Até a duração do processo é simbólica. Em fevereiro, reuniram-se. Em março, o primeiro ensaio. Em abril, começaram a aparecer as gravadoras. Em maio, assinaram o contrato. Em junho, julho e agosto, compuseram o repertório. Em setembro, foram gravar nos Estados Unidos. Em outubro, o disco ficou pronto. Em novembro de 1998, nove meses depois de encerrar um rompimento de cinco anos, o Capital Inicial estava de volta com sua formação original.

Lançado pela recém-fundada Abril Music, o inédito *Atrás Dos Olhos* foi gravado em Nashville e produzido por David Z (Prince, Billy Idol, Fine Young Cannibals). O álbum vendeu 70 mil cópias, puxado pelos hits "1999" e "O Mundo". Na audição para a imprensa, lembra Flávio, olhares incrédulos deixavam transparecer: "Como é que esses caras conseguem, o que eles têm?". Seguindo esse raciocínio, então *Acústico* provocou ainda mais assombro. O álbum bateu na casa do meio milhão e trouxe uma exposição, uma moral inédita até para a primeira encarnação do Capital Inicial.

"Se você pensar no carma... Você esse tempo todo separado, reúne-se e tum-tum-tum-tum, tudo acontece muito rápido", diz Dinho. "Na história do rock, só consigo me lembrar de um caso parecido com o do Capital: Aerosmith. É o único. E eles viraram meus heróis depois disso. A banda foi se desintegrando, o Joe Perry tentou sozinho, lama... A mesma coisa. E a platéia deles, agora, é a garizada." BIZZ cavou um espaço na hoje apertadíssima agenda do quarteto para descobrir como o Capital Inicial aproveitou a sua segunda chance.

Loro, Fê, Flávio e Dinho: reviravolta em grande estilo

ser 1st dos shows de divulgação de *Atrás Dos Olhos* obedecia a uma lógica: abria com os hits atuais e finalizava com os clássicos da banda. No decorrer da turnê, porém, ficou claro que a parte que mais animava o público era o começo, com as novas músicas. "Chegava nas antigas e a plateia ficava só olhando", conta Dinho. "A gente viu que era uma garotada que, fora a coletânea, não tinha acesso ao nosso trabalho anterior", atesta Fê. "Pessoas que nem sabiam que temos uma história", confirma o vocalista. "O *Acústico* também serviu para isso, para apresentar nossa carreira." O Capital 2 mostrando ao fã os pontos altos do Capital 1, expondo um passado que não devia ser desprezado.

> "O Rio não impressionou muito o quarteto. São Paulo, em compensação, fez os rapazes voltarem para casa e ensaiar cada vez mais. Sobretudo depois de verem o Ira!

Em 1983, Dinho nem estava na banda quando Hermano Vianna, irmão do paraíba Herbert, escreveu uma reportagem sobre a nova cena do rock brasiliense, falando de Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial. Os irmãos Lemos, que tocavam com Renato Russo no Aborto Elétrico, procuravam por vocalista. Naquele ano, em um teste disputado apenas por ele e Helena Resende (então namorada de Gutje, baterista da Plebe Rude), o curitibano filho de diplomata, que costumava acompanhar os ensaios do antigo grupo, ficou com a vaga. Na guitarra, Loro Jones, egresso de outra banda seminal do punk do cerrado, a Blitz 64. "Em Brasília, ninguém gostava – e não era para gostar mesmo", recorda Flávio.

Com esse espírito "rebelde", os quatro receberam o convite de Herbert para tocar no Rio, em julho. "Ele disse que só tinha um problema: os caras não poderiam pagar muito. E eu: 'Ainda vão pagar por isso, é'", afirma o baterista. Foram 20 horas de ônibus, embaladas por um aparelho de som ("walkman não existia") atordoando os outros passageiros com Ramones, Clash e Sex Pistols. Bi Ribeiro (Paralamas) emprestou o baixo e Herbert a guitarra para eles se apresentarem no Circo Voador com Lobão E Os Ronaldos e Legião Urbana.

Tais adversidades, em vez de desanimar, aumentaram o topete dos rapazes. Diversão, sim, mas com a nítida consciência de que iam arrebentar. Ou, como confessa Dinho: "Éramos os donos da verdade e achávamos que iríamos iluminar o resto do Brasil. Para nós, ninguém sabia o que era rock no Rio. Quando a gente chegou aqui e viu as bandas de São Paulo, foram outros quinhentos", admite.

Se havia um lugar na época com um circuito underground, esse lugar era São Paulo. Os brasilienses desconfiaram disso logo no primeiro contato com a metrópole, ainda em 1983. Uma das pessoas que gostaram da performance carioca da banda foi a empresária de Lobão, Leninha Brandão (atual empresária do Cidade Negra). Ela encaixou os novatos em um festival que rolava no Sesc Pompéia – o Hardcore Rock Night, com os locais Ratos De Porão, Inocentes, Ira!, Titãs e Ultraje A Rigor, entre outros, mais Lobão, Brylho e Capital Inicial. "Quando vi a plateia entrando, meu Deus... Punk, new wave, negrinho com cabelo em pé... A gente não acreditava naquele público", reconhece Flávio.

A conclusão imediata não poderia ter sido mais pé no chão: voltar a ensaiar, sobretudo depois de assistir ao Ira!, ainda com Charles Gavin na bateria e Gino no baixo ("Impressionante!", baba o vocalista). "Nos identificamos muito mais com São Paulo, nos sentimos em casa", retoma Dinho. "Tinha um nível profissional aqui a que não estávamos acostumados. Vimos pessoas tocando rock com a mesma atitude que a gente, e bons instrumentistas. Então, deu uma sacudida. E a segunda coisa foi que sacamos que a cena não era tão restrita. Não era só a coisa da Blitz no Rio, havia alternativa. Porque a gente encarava Blitz, Barão Vermelho como se fossem de outra praia", auxilia o baterista.

A partir de 1984, as vindas para shows na cidade começaram a ficar cada vez mais frequentes. O Brasil vivia a moda das danceterias e, o vocalista observa, muita gente achava que quando acabasse essa fase o rock brasileiro iria acabar também. "Não se cogitava fazer um show no Palace, com medo de não ir ninguém. A gente pensava que o cara não saía para ver a banda, saía para a noitada." Em dezembro, assinaram com a CBS (atual Sony) e gravaram o compacto com "Descendo O Rio Nilo" e "Leve Desespero". Não faltava mais nada para que o Capital Inicial concretizasse sua mudança para São Paulo. Afinal, o primeiro disco não tardaria.

Paralamas e Legião já haviam gravado os seus e a Plebe preparava-se para estrear pela EMI. Naturalmente, o próximo seria o Capital. Mas estampar seu nome na capa de um LP só seu levou mais tempo do que o grupo esperava. "Tirando o Paralamas, que já rolava, o Capital era a única banda

dessa época de Brasília que já fazia bastante shows em outros lugares. As outras já chegaram com gravadora rolando. A gente, não. A gente saiu e foi batendo cabeça em um monte de danceteria, em um monte de lugar. O Barone *(baterista dos Paralamas)* levou uma fita demo nossa para a Maldita *(rádio Fluminense FM)*. Daí é que rolou o papo com o Marcos Maynard (na época, presidente da CBS, hoje da Abril, a gravadora do grupo), que estava procurando coisas novas", ressalta Loro.

Antes do tão aguardado disco, ainda figuraram em um pau-de-sebo (coletânea com bandas novas), chamado *Os Intocáveis*, com Zero, Omar E Os Ceanos, A Gota e Eletrodomésticos, pela CBS. A filosofia era básica: quem sobressaísse ganhava o direito de gravar um álbum. "Ficamos um ano mandando demo, fazendo músicas novas, e eles não gostavam de nada, tudo era uma bosta", conta Flavio, destacando que 1985 foi, disparado, o ano em que mais trabalhou na vida, ensaiando todos os dias. "Falavam que as canções eram boas, mas que não encontravam um hit ali", endossa Dinho. Chegou a um ponto de o futuro ser posto em xeque. A auto-estima dos garotos, antes crescente, levava um baque. "Começamos a nos achar uns merdas, a pensar em desistir", atesta o vocalista.

O quarteto precisou trocar de gravadora para que finalmente estreasse em disco, em agosto de 1986, pela PolyGram (atual Universal). "E o engraçado é que as musicas que vieram a tocar, 'Música Urbana', 'Fátima' e 'Veraneio Vascaina', eram todas remanescentes de Brasília. Ou seja, o acrescentado ao longo de 1985 foi o recheio, porque os hits já estavam todos prontos", lembra Dinho. O ano nem havia acabado e *Capital Inicial* já encostava nas 240 mil cópias vendidas, sendo que a expectativa era de 40 mil. "Música Urbana" entrou na trilha da novela *Roda De Fogo*, na Rede Globo. De um dia para o outro, a banda tornou-se grande.

> **Não havia uma visão a longo prazo. Os planos acabavam com o primeiro disco. A fama repentina desembocou na superexposição e, com ela, veio a auto-indulgência, sempre nociva**

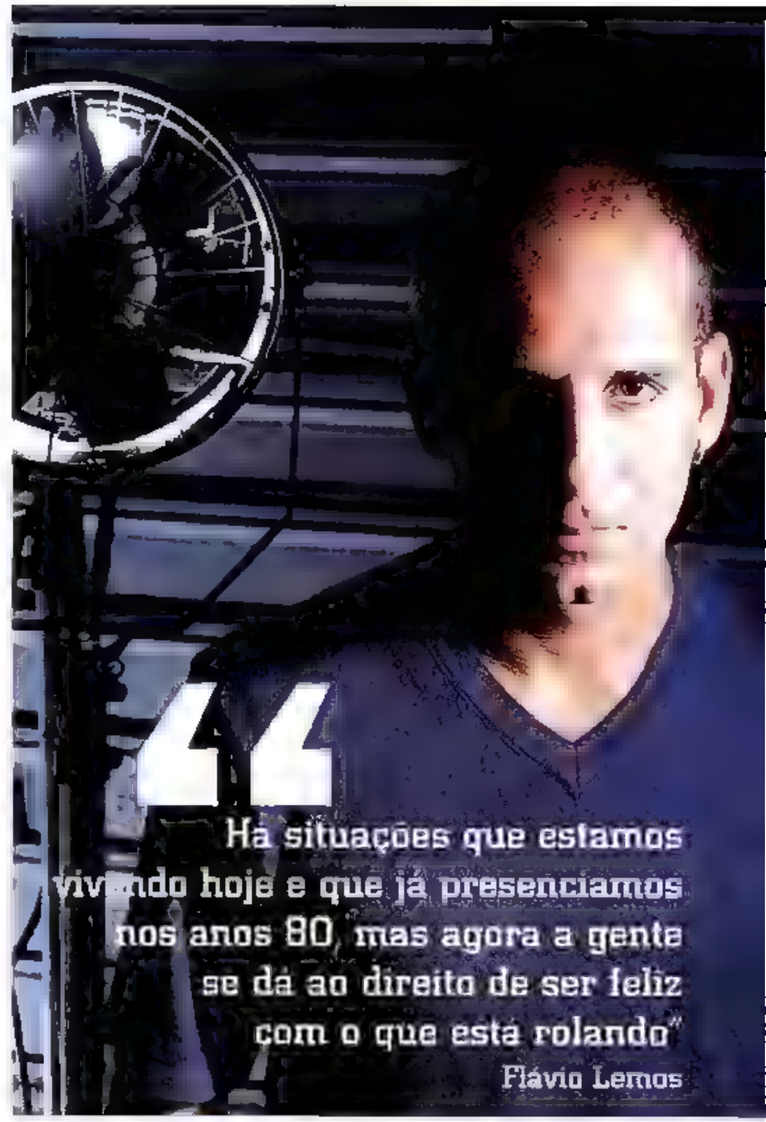
A fama repentina trouxe dois ingredientes à rotina do Capital Inicial. O primeiro deles, a superexposição, o grupo tirou de letra. Nos primórdios da vida em São Paulo, já carregavam acusações de "traidores de movimento". "Não era só podreira, explosão. Escutávamos pos-punk, Joy Division, Gang Of Four, Talking Heads...", justifica Dinho. "No Napalm *(extinta casa de shows paulistana)*, gritavam: 'Vai pra casa, filhinho de diplomata!' " Não seria agora, por uma da carne seca, que eles iriam se abater com patrulhas. "Para nós, rock era uma coisa tão impossível que tinha mais é que aproveitar os espaços. A gente via como uma militância. Você precisa ir e mostrar tua cara, não importam as circunstâncias. A idéia era essa. O que importava era o jeito como você tinha gravado o negócio, sem interferências. E isso o Capital sempre fez, do primeiro a esse último disco. Os caras viam o LP pronto, inclusive a capa. Depois, como iam divulgar, para nós, era irrelevante. Se quisessem que a gente fosse em tal lugar fazer um playback, foda-se. Qualquer coisa que pudesse fazer pelo rock brasileiro estava valendo", explica o vocalista.

Fica um episódio – a essa altura, folclórico – dos gorrinhos de Papai Noel no programa do Chacrinha como exemplo. "Nos bastidores estavam Ira!, Zero, e todo mundo se recusando a vestir o lance. Pô, que palhaçada! Vai querer bancar o revolucionário logo aqui?", espanta-se Dinho. "Eu entrava com a guitarra virada para o corpo, era uma bagunça, o Chacrinha gritava: 'Vocês querem a mandioca do Dinho?'... E não botar um gorrinho de Papai Noel? Então, que não estivesse ali", decreta Loro. Pura bobagem, mas que na ocasião despertou comentários como o de Guilherme Isnard, do Zero: "Vocês têm uma integridade relativa"

Com o sucesso veio também a auto-indulgência, e dessa o Capital Inicial não conseguiu escapar assim tão fácil. "É uma merda, o maior defeito que um artista pode ter. Tudo o que você faz passa a ser maravilhoso, só porque foi você que fez", diagnostica o vocalista. No segundo disco, *Independência*, lançado em setembro de 1987, a maioria das músicas era material rejeitado do anterior. "A gente moleque, preocupado com um monte de coisa, aquela loucura...", desconversa Loro. "Faltava alguém que nos orientasse", detecta Fê. A verdade é que não havia um planejamento a longo prazo. Os planos do grupo acabavam no primeiro disco.

Para piorar, efetivou-se o tecladista Bozo Barretti na banda. Um erro que, na época, pareceu a decisão mais sensata a ser tomada. "Ele poderia tocar com a gente sem ser do Capital. Descaracterizou o grupo. Não por culpa dele, mas por incompanbuidades que na hora a gente não percebeu", diz Dinho. "O maior problema era a formação musical. Não somos músicos. Aí, nos juntamos com uma pessoa que tinha conhecimento erudito." Mesmo assim, o álbum conseguiu estourar dois hits, a faixa-título e "Autoridades", o suficiente para escalar a banda para abrir os shows de Sting no Brasil.

Finda a turnê com o ex-Police, mais problemas. O contrato com a Poladian (produtora de Manuel Poladian que detinha os passes de Titãs e RPM também), que rendia uma média de três shows por semana, foi sendo protelado até que a banda perdesse o embalo. O terceiro disco, *Você Não Precisa Entender* (1988), nasceu sob esse clima nada favorável. Uma semana antes do show de lançamen-



Carreirômetro

1983

O Capital Inicial faz seu primeiros shows fora de Brasília em julho no Circo Voador (Rio de Janeiro) e, em seguida, no festival Hardcore Rock Night, no Sesc Pompéia, em São Paulo. A apresentação na cidade carioca não os impressionou muito, mas na terra da garoa eles se sentiram em casa. "Tocamos e depois fomos para a platéia. Escutei dois caminhas comentando: 'Você viu aquela banda, que legal?' Fiquei tão feliz... Pô, era a gente!", lembra Flávio.

1984

As vindas para se apresentar em São Paulo ficam cada vez mais frequentes. Em dezembro, assinam com a CBS (atual Sony) e gravam o compacto com "Descendo O Rio Nilo" e "Leve Desespero"

1985

Já morando na capital paulista, a banda aparece na coletânea *Os Intocáveis* (CBS), com Zero, Omar E Os Ceanos, Eletrodomésticos e outras sumidades do pop nacional. Enquanto isso, o sonho do LP vai se distanciando. Nada do que o grupo mostrava era aprovado pela gravadora

1986

Sai o primeiro álbum pela PolyGram, com repertório formado sobretudo pelas composições do tempo de Brasília (as mesmas rejeitadas pela CBS) e, para surpresa de todo mundo, vende mais de 200 mil cópias. A banda ganha Disco de Ouro

1987

O tecladista Bozo Barretti *(primeiro à esq.)*, é efetivado como membro do grupo. A junção de um músico letrado com quatro autodidatas acaba revelando os primeiros conflitos. No dia 7 de setembro, lançam *Independência*, o segundo trabalho, que não repete a boa acolhida do anterior. No mesmo ano, o Capital Inicial é escalado para abrir a turnê brasileira do Sting

1988

Chafurdando na auto-indulgência, a banda enche seu som com teclados e grava *Você Não Precisa Entender*. Se era essa a intenção, funcionou: nem o mercado, nem os fãs, nem a própria banda entenderam o disco, tanto é que o consideram o pior de sua carreira. Uma semana antes do lançamento, Dinho sofre um acidente de carro

to, Dinho sofreu um acidente de carro. E o trabalho resultou em um retumbante fracasso comercial, apesar de a canção "Fogo" tocar em algumas rádios. Não por acaso, é o trabalho de que a banda menos gosta. "A gente gravou, eu não levei para casa nem ouvi. Quando lembro das músicas da uma paura, uma ojeriza...", afirma Loro. "A gente ouvia o disco e ninguém gostava. E ninguém se mexia. Via a merda acontecer e não fazia nada", relembra o vocalista.

Todos Os Lados, o álbum seguinte, era para ser redentor. Apareceram novos letristas, como Alvin L e Humberto Gessinger. A banda tocaria no Hollywood Rock e antecipou o lançamento do disco para janeiro de olho na divulgação proporcionada pelo festival. Realmente, seu desempenho mostrou-se um pouco melhor do que o anterior, reboc[illegible] por "Beijos E Maldições" e "Mickey Mouse Em Moscou". O grupo, no entanto, não se encontrava. Ainda gravaram *Eletricidade*, em 1991, pela BMG, mas alcançaram um ponto sem volta. Havia algo errado e a única maneira de consertar era parando e descendo. O Capital precisava mudar. Parar. Sumir. Deixar a poeira baixar. E recomeçar do zero.

Vocalista e banda se deram mal com a separação, em 1993. Ambas as partes acharam que não teriam dificuldades de seguir suas carreiras – e se enganaram redondamente

Todo mundo começou 1993 sem rumo. O Capital Inicial estava estigmatizado como uma banda descartável. "E o pior é a que a gente concordava quando lia: 'É isso mesmo, a gente fez cagada nesses discos, não devia ter feito de tal jeito'. Então, era parar e tentar outra coisa. Se o Capital continuasse a fazer outros discos ali, ia sempre tropeçar", revela Dinho. "Estávamos em um estágio no qual qualquer coisa serviria de pretexto para separar a banda. Todos fartos, de saco cheio. Era como se nos tivéssemos virado o inimigo. Tínhamos nos tornado as coisas que a gente apontava como ruins – e éramos pródigos nisso, em apontar o defeito dos outros, aquela arrogância saudável do jovem."

A saída do vocalista não causou grandes turbulências em nenhum dos lados. Não no dia seguinte. Ele pensava que era tão popular que não esbarraria em obstáculos em sua próxima empreitada. O grupo, que a consagrada marca Capital Inicial conseguiria tudo. Flávio: "Ao mesmo tempo, rolou uma coisa de querer provar, ir para a frente". Isso já ocorrera antes, com o fim do Aborto Elétrico – Fê começou a escrever, o que era impossível com Renato Russo ainda presente na formação. O tempo se encarregaria de mostrar que ambas as partes estavam enganadas.

"Você se cobra muito. Aconteceu duas vezes com o Capital. Com a saída do Dinho, eu e o Fê ficamos batalhando, chegamos a montar um selo, lançamos dois discos independentes", conta Loro, referindo-se aos trabalhos com Murilo Lima nos vocais, *Rua 47* (1995) e *Ao Vivo* (1996). "Mas os anos foram passando e pintou a mesma coisa. Eu olhava para o espelho, para os meus amigos, até para o meu filho, e pensava: está na hora de acabar, antes que essa porra morra na praia, que a gente estrague tudo de legal que fizemos. Não tinha mais aonde ir. A gente põe um vocalista na banda para substituir o Dinho. De repente, a coisa vai andando legal, ele com seu próprio estilo. Aí, chega um momento em que ele começa a se ver como o Dinho, ele se torna o Dinho, daí recomeça o conflito todo. Estou tocando, me empolgando com aquela [illegible]gem nova, o Capital vai voltar a mandar pau, e de repente eu olho e está o Dinho na minha frente. Uma hora, me enchi e falei: Tô fora, acabou. Liguei para o Fê e comuniquei a ele.

Pelo menos, Dinho também não estava numa boa. Com o seu abandono, Loro, Fê e Flávio não haviam perdido somente o vocalista. Era um amigo que se ia. "Quanto mais forte você é, mais forte é a briga", explica o baixista. "É como um casamento, e não acredito em relação que acabe bem. Se estava legal, porque acabou?", arrisca o vocalista. Atolado nas drogas – assunto que foi docemente poupado nesta entrevista, na qual Fê compareceu acompanhado de sua filha Diane, de 13 anos –, ele penava com seu projeto pós-Capital. "Tinha a turma do rock alternativo em São Paulo, que na época já detestava o que eu fazia. E eu ia tocar para eles, fazer show com o Pin Ups, essa coisa toda! Eu encarava a hostilidade, tipo 'vão ter de me engolir'", diz. O disco de seu novo grupo, *Vertigo* (1994) – "um Capital um pouquinho mais pesado" – não contribuía para a digestão.

"Também rola de você ter um grande mal-estar com o seu passado, entendeu? Fica uma coisa meio de político, o corpo a corpo, de abordar um por a um e dizer 'Eu sou roqueiro, acredite em mim'. Aí sai lá, tocava e era execrado. Um dia, você pára e pensa 'Pera, será que o Capital era assim tão ruim? Por que eu estou virando as costas?'", continua Dinho. Não que a decisão de romper com a banda já estivesse sendo questionada. "Olho para trás e vejo os erros. A ruptura foi necessária."

O vocalista gravou mais um disco, dessa vez com o seu nome. Um CD com pendores eletrônicos, guiado pelo produtor Mitar Subotic (Suba, iugoslavo radicado no Brasil, falecido no ano passado). "Não sou clubber, mas gosto do som e da garotada dessa cena, eles têm um espírito que é muito legal. Não conhecem nada de rock e têm uma atitude roqueira", declarou na ocasião. E? Nada. Em 1995, o Dinho famoso no país inteiro era outro, o vocalista dos Mamonas Assassinas.

1990

Convidada para o festival Hollywood Rock, o grupo sai com *Todos Os Lados*. O que era para ser o suposto trabalho pós-calvário afundou ainda mais o Capital, fracassando nas lojas.

1991

De gravadora nova (BMG), lançam *Eletricidade*. Não acontece nada.

1993

Dinho pede as contas. Murilo Lima *(primeiro à dir.)* entra em seu lugar.

1994

Dinho, agora solo, vem com a banda Vertigo e começa a pagar mico no circuito alternativo de São Paulo. A PolyGram edita uma coletânea do grupo, *O Melhor De Capital Inicial*, e bate nas 100 mil cópias.

1995

A nova formação aparece com *Rua 47*, editado de forma independente pela OC Records. Reflexo de sua aventura alternativa. Dinho assina um disco com seu próprio nome posando de eletrônico.

Uma volta custou a se insinuar, ainda que a passos lentos, seguros e graduais. Sempre que encontrava com Loro, Robério Santana (baixista do Camisa De Vênus) dizia que o Capital Inicial tinha de se reunir. Um dia, os dois passavam na frente do apê de Dinho, na Avenida São Luís (centro de São Paulo). "O Robério falou: 'Vamos lá' Eu, todo cabreiro, fui. Apertamos a campainha, o Dinho atendeu meio surpreso...", lembra o guitarrista. "Tem outra história com o Robério", anima-se o baterista. No segundo semestre de 1997, a gente se encontrou no *(clube paulistano)* B.A.S.E., e ele me perguntou: 'Fê, é verdade que você não fala com o Dinho há quatro anos?' Disse que sim. 'E você não acha isso uma babaquice?' 'Acho' Cutuquei o Dinho: 'Cara, admiro você, não tenho nenhuma mágoa....' E aí quebramos o gelo."

No fim daquele ano, marcaram uma reunião. A contragosto, Flávio falou para Murilo que eles estavam conversando com Dinho. "Murilo era, e é, um grande amigo meu, não queria fazer aquilo, embora soubesse que seria a solução." *O Melhor Do Capital Inicial*, compilação com "Música Urbana", "Veraneio Vascaína", "Leve Desespero" e "Fátima", estava nas lojas desde 1994 e já havia vendido mais de 100 mil cópias. Ninguém se arriscava, no entanto, a tocar no assunto retorno. "Parecia muito complicado", lembra Dinho. "Além do que, a gente havia tentado separado, já tinha noção das dificuldades e do quanto tudo tinha virado fumaça. A gente já não tinha prestígio algum."

> No primeiro reencontro, em 1998, falar de retomar as atividades era assunto tabu. O máximo de acordo foi combinar uma série de shows comemorativos

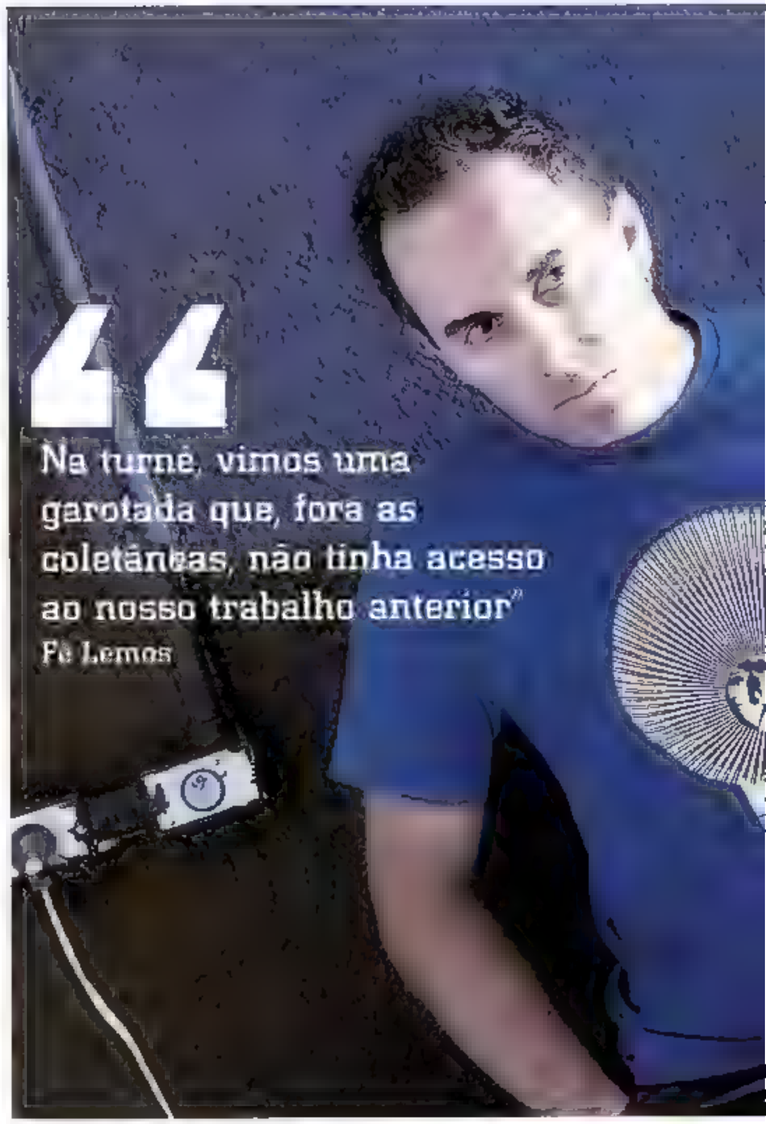
Nesse primeiro reencontro, o máximo acordado foi realizar uma série de shows comemorativos aos 15 anos da banda. "Vamos botar o dedo na água para sentir a temperatura. Desde lá atrás, a gente sempre acertava quando não tinha ambição. Então, dessa vez, foi uma coisa assim 'vamos ver o que acontece'. Se não rolar nada, cada um vai para o seu lado. Pior do que antes, não dá para ficar", reconstrói o vocalista. E rolou. No primeiro ensaio, levaram os vinis para lembrarem as músicas. "Parece que acontece uma retrospectiva de sua carreira e você se agarra ao melhor momento", constata Loro. "Por isso é que a separação foi boa. Para você voltar e se admirar, ver que tinha coisa boa ali. Depois da terra arrasada, quando todo mundo acreditava que não ia nascer mais nada dali... A gente exorcizou tudo. Éramos uma banda nova", afirma Dinho.

No ano passado, foram mais de 100 shows – a mesma fartura de 1987, no primeiro estouro do Capital. O tempo anda tão apertado que a entrevista tem de ser feita em volta de uma mesa no estúdio onde a sessão de fotos é realizada. Dois dias atrás, estavam na Bahia. Sairão daqui, vão gravar o programa de Adriane Galisteu. Amanhã, o de Serginho Groismann. "Há situações que estamos vivendo hoje e que já presenciamos nos anos 80, mas agora a gente se dá ao direito de ser feliz com o que está rolando. A gente não fica se irritando com bobagem, como acontecia. Estamos muito mais relax", fala Flavio.

E muito mais maduros também. O baixista está com 37 anos, Dinho com 36, Loro com 39 e Fe com 38. Eles prometem que o Capital Inicial não vai ficar mais romântico ou mais popular. Sabem que *Acústico* é um projeto que tem fim. Que não dá para fazer um volume 2. Que em seu próximo disco as vendas automaticamente vão cair. Estão resignados com isso. "Espero que a gravadora também esteja", especula Dinho, rindo. O Capital está pronto para voltar ao seu tamanho normal, o de uma banda dos anos 80 que se reinventou, pôs a carreira nos trilhos e não quer perder o controle tão cedo novamente.

O loquaz Dinho engata um discurso: "Acho que a turma dos anos 80 representou algumas novidades no rock brasileiro. Uma delas é a industrialização, de ter veículos exclusivos para sua divulgação. E a outra a gente está inaugurando agora, que é você ter a coexistência de duas gerações de rock no Brasil – o que lá fora é a coisa mais comum: o cara vai ver Aerosmith e Offspring. Deve ser a primeira vez que isso está acontecendo no país. O cara pode ver O Rappa e Capital Inicial. Somos a primeira geração roqueira que sobreviveu. Por quê? Porque, até agora, o rock não fazia parte da cultura brasileira. Assim que a moda sumia, pulverizava-se. A garotada pode e deve buscar novos caminhos, mas acho que existe dignidade nos veteranos. Não é este maniqueísmo, tudo o que é novo é bom, tudo o que é velho é ruim. Outro dia, estávamos discutindo sobre aquela banda, Cogumelo Platão. É um sub-Legião, mas é muito bom que haja um grupo cuja influência seja outro grupo brasileiro, como acontece muito também com os Raimundos. Isso é ótimo, o rock podendo se usar como a própria referência e, na frente, criar suas próprias revoluções. Há uma atmosfera inteira no Brasil, que se contradiz e se influencia".

A provocação final: qual é o futuro do rock? "Será que nem o blues, o jazz. Perdeu espaço, mas não a dignidade." Então, daqui a algum tempo o rock estará confinado em uma prateleira específica nas lojas, separada do pop? "Concordo totalmente", responde Dinho. "E nós estaremos na prateleira ao lado, na qual estará escrito 'rock brasileiro'."



Depois de tentar novamente com um *Ao Vivo* (1996) também independente, o Capital se esfarela. Em junho Loro sai da banda, sendo substituído em alguns shows por Yves Passarell (Viper)

1997

O Capital Inicial volta com sua formação original em fevereiro para fazer alguns shows alusivos aos seus 15 anos de carreira. Em novembro, lança o inédito *Atrás Dos Olhos* (Abril Music), que chega às 70 mil cópias

1998

2000

Com *Acústico* o quarteto experimenta uma fama e um reconhecimento sem precedentes em sua longa carreira

2001

Marcos Hermes

O álbum despluga do atinge 500 mil cópias vendidas. Em janeiro, a banda se apresenta diante de 250 mil pessoas no Rock In Rio. Emoção pura. Em março, estreiam a capa de BIZZ pela segunda vez em sua história (a primeira foi em setembro de 1987, edição nº 26).

elétrika
WWW.ELETRIKA.COM.BR
Prepare-se para entrar em choque!
Incluindo as músicas:
"Tô Sem Grana" (trilha da novela Uga Uga - Rede Globo)
"Pára de Falá e Faz" (festival da música brasileira - Rede Globo)
Contém faixa multimídia com o videoclipe da música "TÔ Sem Grana"
4 remixes MP3 da música "Tô Sem Grana"
50 loops Mp3
WWW.ELDORADODISCOS.COM.BR
ELDORADO

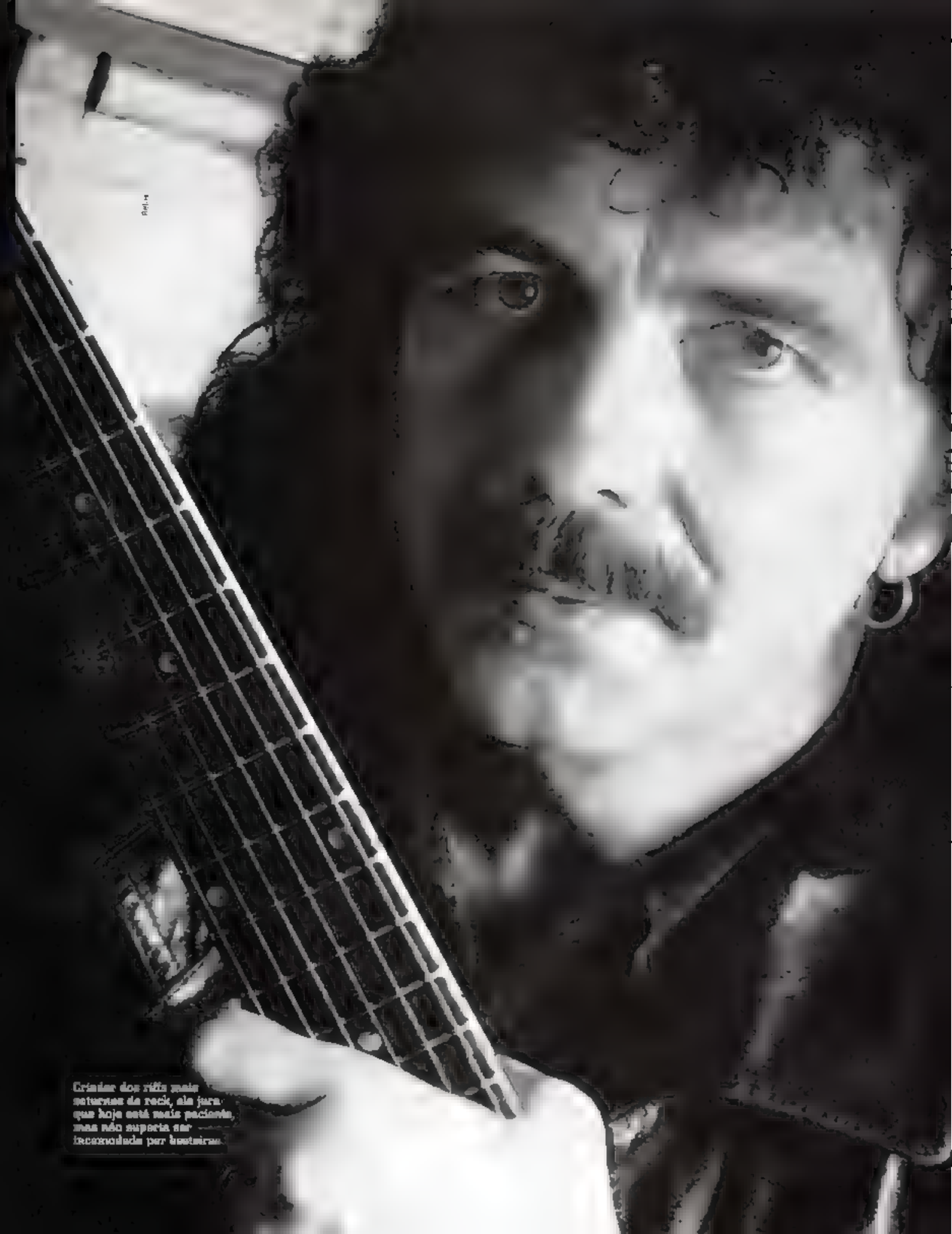
COGUMELO
20 anos
Cogumelo Records Compilation
Sepultura - Troops of Doom
Overdose - Violence
Sarcófago - Satanic Lust
Mutilator - Immortal Force
Chakal - Jason Lives
Witchhammer - Mirror, My Mirror
The Mist - Falling Into My Inner Abyss
Sextrash - Genital Tumor
Vulcano - Bloody Vengeance
Dorsal Atlântica - Straight
Ratos de Porão - General Crisis
Eminence - Rota
Siegrid Ingrid - Murder
Aguarde:
SHOW DE LANÇAMENTO - COLETÂNEA
20 ANOS - COGUMELO
Se você não está encontrando os produtos da Cogumelo na sua cidade, escreva e peça nosso catálogo
COGUMELO records
www.cogumelo.com
Distribuidora FONOGRÁFICA

Porque eu sou Iommi

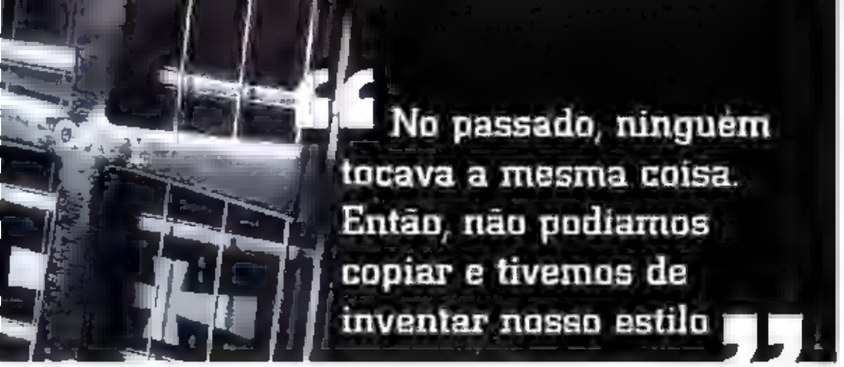
Não espere explicação para os riffs pesados do cara que há 30 anos vem influenciando todo mundo no metal. "Não posso evitá-los", resume o eterno guitarrista do Black Sabbath

Se Tony Iommi não tivesse nascido, Max Cavalera (Soulfly), Dimebag Darrell (Pantera) e James Hetfield (Metallica) provavelmente seriam médicos, advogados, professores ou apenas vagabundos. A influência desse guitarrista inglês, famoso pelo seu bigodão e sua inseparável Gibson, prevalece no rock pesado há mais de três décadas. Graças a seus riffs sombrios e distorcidos, o Black Sabbath, grupo que formou em 1967, é considerado o inventor do heavy metal.

Antes e depois da turnê de reunião dos integrantes originais da banda – com o vocalista Ozzy Osbourne, o baixista Geezer Butler e o baterista Bill Ward –, o guitarrista trabalhou em seu novo disco solo, simplesmente intitulado *Iommi*. Provando moral no meio musical, ele gravou o álbum com artistas renomados do rock. Entre eles estão Phil Anselmo, vocalista do Pantera; Dave Grohl, guitarrista e vocalista do Foo Fighters; e Billy Corgan, guitarrista e vocalista do extinto Smashing Pumpkins. Com seu jeito calmo e atencioso, o mestre da guitarra falou do disco, de sua influência e, obviamente, do Black Sabbath.



Criador dos riffs mais
pesados da rock, ele jura
que hoje está mais paciente,
mas não suporta ser
incomodado por besteiras.



> No passado, ninguém tocava a mesma coisa. Então, não podíamos copiar e tivemos de inventar nosso estilo

Como você compara *Iommi* ao seu trabalho no Black Sabbath?
O disco tem riffs pesados. Não posso evitá-los, pois representam o que faço. Mas as musicas não soam como o Black Sabbath por causa dos vocalistas convidados. A que fiz com Billy Corgan *("Black Oblivion")* é demais. Ele canta e toca baixo nela. Nós sentamos e a compusemos juntos, desde o rascunho. O mesmo ocorreu na faixa com o Phil Anselmo.

O que o inspira a compor riffs tão sombrios, desde os tempos do Sabbath?
Não é uma questão de tentar deixá-los sombrios. É apenas o estilo musical que curto. Quando componho meus riffs, gosto deles porque gosto deles e pronto. Não faz diferença se têm alto ou baixo-astral. Se soam bem ou se encaixam na música, fico com eles. Não há mistérios. Não tento fazê-los soarem medonhos. Não penso dessa maneira.

Muitos guitarristas, principalmente na cena stoner rock, imitam o seu estilo. Como você reage?
Se eles dizem a fãs e jornalistas: "Sim, o Black Sabbath nos influenciou", não me importo com o fato. Mas se não admitem que tocam como eu, aí fico puto. Acho que esses caras não podem evitar a influência do Black Sabbath, pois existimos há muitos anos. Somos os inventores do rock pesado. Eu originei todos esses riffs.

Você toca há mais de três décadas. Pessoal e musicalmente, como você compara o Tony Iommi de hoje e de ontem?
Mudei com o passar dos anos. Acho que sou bem mais paciente hoje. Por outro lado, não agüento ser perturbado com besteiras. No passado, eu direcionava a banda. Eu sempre dizia "Vamos ensaiar, vamos trabalhar, vamos fazer isso". Continuo assim de certo modo, mas posso relaxar mais. É mais fácil tocar hoje. Tive uma tarefa árdua no passado, já que o Black Sabbath inventou seu estilo musical. Ninguém antes de nós tocava a mesma coisa. Não podíamos copiar de ninguém – então, criamos a nossa musica. Quando nossos dois primeiros discos estouraram, sentimos a pressão para continuar no topo. Atualmente, não me importo mais com isso. Só me preocupo em gravar discos. Se as pessoas os curtirem, ótimo. Portanto, meu pensamento é diferente. Musicalmente, meu som mudou, desde os primeiros discos. Estou mais envolvido na guitarra. Sempre tento melhorar meu timbre. Se ouço os trabalhos antigos hoje, noto que o som é bastante diferente. Nossa música ainda é forte, mas possui maior expressão. O som é bem mais intenso. Quando tocadas hoje, as canções antigas soam bem melhores. A tecnologia e a construção dos instrumentos avançaram bastante.

O Black Sabbath sempre mudou de formação mas você nunca abandonou o barco. Você acha que pode ser visto como uma pessoa difícil de se trabalhar?
Talvez. Se coloco alguém na banda e a química não dá certo ou se a pessoa quer sair por algum motivo, então tenho de mudar. Esse é o problema. Se você prestar atenção, vários membros já estiveram no Black Sabbath duas vezes, como Dio, Cozy Powell, Neil Murray e Tony Martin. Até mesmo a formação original já se reuniu duas vezes.

Há chances de o Black Sabbath original gravar um disco novo?
Creio que sim. Adoraríamos fazer um disco de estudio. Acho que podemos gravar um grande álbum porque agora trabalhamos bem juntos. O clima na banda mudou muito com o tempo. Nos anos 70, nos envolvemos com drogas e coisas do tipo. Perto do término da formação original, nos distanciamos uns dos outros. Agora, nos reunimos novamente e o clima está muito bom. Se o tempo permitir, será demais fazer um novo disco.

Entre turnês por toda a Terra, milhões de álbuns vendidos e dezenas de bandas influenciadas pelo Black Sabbath, qual é o aspecto mais recompensador de sua longa carreira?
É difícil apontar algum fator com precisão. Ainda estou sendo recompensado. Depois de tantos anos de trabalho desenvolvendo um som, é gratificante ser reconhecido e estar nos livros de história. É uma grande recompensa ouvir bandas falando sobre como as influenciamos e fomos importantes em sua formação. Eu não poderia pedir mais nada. É uma honra saber que, se não existíssemos, alguns grupos nem teriam surgido ou estariam em atividade. Fui homenageado no Rock And Roll Hall Of Fame, o que também me deixou muito feliz. Todas essas coisas são importantes porque provam que fizemos algo correto. Nunca pensei de maneira diferente – sempre acreditei na minha musica. Durante todo esse tempo, muitas pessoas nos disseram: "Vocês não durarão. Vocês morrerão daqui a dois anos". Na época de nossos três primeiros discos, a imprensa inglesa declarava: "Vocês estão acabados". E aqui estamos, ainda na ativa e ainda mais fortes. Acho que somos mais reconhecidos agora do que no passado.

Iommi não descarta a hipótese de o Sabbath original gravar um novo disco de estúdio

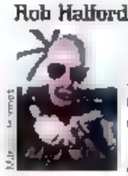
FALEM MAL DE MIM

O que já disseram sobre Tony Iommi e Black Sabbath:

Dimebag Darrell (Pantera)

"Anos atrás, Tony já fazia coisas que os garotos ainda tentam imitar. Ele fazia slides afinava mais grave e puxava as cordas da guitarra. Ele é um guitarrista original que detona há muitos anos. Não existe um guitarrista de rock que não o respeite."

Rob Halford (ex-Judas Priest)



"O Black Sabbath foi indiscutivelmente a primeira banda de heavy metal do mundo. É uma tremenda conquista um grupo passar pelos anos 60, 70, 80 e 90 e ainda ser idolatrado."

Max Cavalera (Soulfly)

"Aos 13 anos eu ia à praia em Santos, e escutava Black Sabbath no volume máximo em carros de amigos para assustar os playboys. Era do caralho! A gente ouvia 'Sabbath Bloody Sabbath' com as portas abertas. Os playboys passavam e diziam: 'Esses caras são malucos'. O Black Sabbath me passou esse espírito de revolta."

Steve Harris (Iron Maiden)
"O Black Sabbath sempre foi a maior banda de heavy metal. Ninguém chega perto em termos musicais."

Jeff Hanneman (Slayer)

"Mesmo inconscientemente nossas idéias musicais vêm do Black Sabbath. Eu me lembro de escutar Tony Iommi quando moleque. Ele tinha riffs pesadíssimos. Quando comecei a compor acho que pensei nele indiretamente."

Steve Vai

"A primeira música que toquei numa guitarra foi 'Paranoid'. Fui a um show do Black Sabbath no Madison Square Garden em Nova York quando tinha 14 anos. Acho que foi o evento mais importante da minha juventude."

David Ellefson (Megadeth)

"Certamente o Black Sabbath e o Kiss fizeram as melhores reuniões dos últimos anos. Qualquer pessoa que toca metal tem que ter ouvido um disco do Black Sabbath."

Tá tudo dominado

A boa receptividade alcançada no Rock In Rio deu o sinal: sem máscara, de gravadora nova e com o CD estalando nas rádios, o Pavilhão 9 tem tudo para explodir em 2001

Por Carlos Eduardo Oliveira

Cena 1: no imenso altar, uma horda de 150 mil bárbaros espera sedenta pelo ritual pagão que irá ser celebrado naquela noite. De repente, são atirados ao sacrifício alguns nervosos cordeiros que, com muito suor e personalidade, vão mostrando a que vieram e do que são capazes. Bastam algumas músicas e pronto: "fita dominada".

Corte para os camarins da Cidade do Rock, onde um agora extasiado Pavilhão 9 comemora a marcante participação no Rock In Rio como quem ganhou a Copa do Mundo. O histórico show é apenas um dos motivos para tanto champanhe: reformulada, a banda mostra sua nova cara (literalmente, pois o vocalista Rhossi aposentou a máscara que escondia seu rosto), assume de vez uma postura roqueira – sem abrir mão do rap, bem entendido – e engatilha a arma para fazer explodir *Reação*, seu novo CD. Por tudo isso, a sensação é de que o Pavilhão 9 é o grupo certo no local e hora exatos. "Esses caras estão com fome de bola e vão derrubar muitas barreiras", profetiza o produtor Tom Capone, um dos responsáveis pela entrada da banda na gravadora Warner.

Falar de Pavilhão 9 é falar sobre o ex-mascarado Rhossi, de 27 anos, nascido e criado nas quebradas da zona sul de São Paulo, onde ainda pivete tirou brevê de rua – aos 14 anos, perdeu o pai, assassinado a tiros. "Ele é meu maior ídolo e seus conselhos me acompanham até hoje", conta. A cicatriz foi inevitável. Aos 16 anos, surgia o primeiro rap decantando o microcosmo casca-grossa das periferias; aos 17, com os ex-parceiros Pivetti e Camburão, estreou com o disco *1º Ato*. Nascia o Pavilhão 9

Rhossi: "Tive de adotar o capuz por causa das ameaças que recebi após 'Otários Fardados'"

E, com ele, a polêmica. O hit "Otários Fardados" incomodou tanto aqueles que vestiram a carapuça que choveram ameaças de morte. "Tive de adotar o capuz, para não me reconhecerem. Como nos shows muita gente gostou, virou uma marca registrada", lembra Rhossi. De lá para cá, já se vão dez anos de uma discografia razoavelmente extensa: a *1º Ato* seguiram-se *Procurados Vivos Ou Mortos* (do belo clipe "Apaga O Baseado"), *Cadeia Nacional* (com participações do Sepultura e de João Gordo), e o radical *Se Deus Vier Que Venha Armado*, cuja capa (o rosto de Cristo) teve cartazes da turnê oficialmente banidos em capitais-modelo como Curitiba e Florianópolis. Os dois primeiros trabalhos eram, em estética e som, assumidamente rap. "O estilo mudou minha vida. Sem ele, não sei o que seria de mim. Mas, a partir de *Cadeia Nacional*, dei um 'fuck you' para puristas tanto do rap como do rock", descreve o vocalista, com a clareza intuitiva típica de quem aprendeu na (e com a) vida.

PUBLIC ENEMY E RAMONES

Reação consolida essa reviravolta. Que, aliás, foi por pouco: desestimulado e sem perspectivas, logo após a turnê de *Se Deus Vier*..., o Pavilhão esteve prestes a desmoronar. "Foi uma fase crítica. Ficamos sem grana, quase largamos tudo para procurar emprego. Mas aí veio uma luz: não, batalhem, vão à luta. Era hora de reagir", diz o baixista Marinho. Sem gravadora e com uma demo sob o braço, o grupo ba-

Ortega, Boca, Marinho e Rhossi: prontos para o ataque

Carros e bikes *low rider* são as outras paixões do grupo

teu em várias portas, até que uma delas se escancarou. É o produtor Tom Capone quem conta. "Quando conheci as músicas, adorei. Fiquei super a fim de trabalhar com eles. Mas minha participação é ter entrado para a família Pavilhão sem mudar nada do que eles queriam fazer. O resultado é o protótipo do rock moderno: guitarras pesadas e mensagem rapper."

No momento em que híbridos como Limp Biskit, Korn e congêneres incendeiam plateias e vendem milhões regurgitando rap ao som de metal, o Pavilhão extravasa sua autenticidade das ruas e a proximidade com o universo roqueiro sem ter de dar satisfações a ninguém. Sempre foi assim, desde o tempo em que o então grupo de rap dividia o palco com o Planet Hemp em bibocas do underground punk/hardcore paulistano, como os finados Urbânia e Der Tempel. Nesses porões, Rhossi esbarrou em Sepultura e Ratos De Porão. Essas amizades renderam influências musicais e parcerias, o que foi visto com desconfiança no universo hip-hop. Rhossi se defende. "Eu e o *(vocalista)* Doze viemos da periferia e até hoje moramos nela. Há quem diga que a gente toca para playboy, mas também tem muito rapper que não curte rock e respeita nosso som. O Thaide, por exemplo. Só queremos é tocar, não importa para quem. Fui ao primeiro show gringo de rap no Brasil, que foi o Public Enemy, nos anos 80, e também nas primeiras vezes em que os Ramones vieram. Em todas as ocasiões, me diverti muito. Que mal há nisso?"

TURNÊ COM O SEPULTURA

Para o Pavilhão 9, *Reação* vai muito além de reforçar a estética do novo metal no país. "O mais importante é que também tem conteúdo", assinala Marinho. Nisso a banda é unânime — em referendar a autenticidade do recado, o inconformismo das letras. O título *Se Deus Vier*, por exemplo, foi extraído do clássico romance *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos. "É uma frase que Lampião costumava usar entre seus cangaceiros", explica o baixista. Essa revolução pela palavra às vezes encontra inspirações surpreendentes. "Nossa identificação com o subcomandante Marcos e o movimento zapatista mexicano é muito grande", revela Rhossi.

Planos para 2001 não faltam. *Reação* já começa a ser bem executado até em emissoras mais populares, tradicionalmente vedadas à música com neurônios. Mas a grande novidade mesmo pode estar reservada para o segundo semestre — uma turnê nacional ombro a ombro com o Sepultura, hipótese já articulada entre ambos os lados. O namoro, como se sabe, é antigo. Rhossi. "Um dos grandes responsáveis por estarmos aqui hoje é o Sepultura. Desde o início, eles sempre deram muita força para a gente." O guitarrista Andreas Kisser devolve o afago: "Uma turnê conjunta teria tudo para dar certo. A gente se conhece faz tempo, eles deram o maior apoio na época da crise com a saída do Max. O Pavilhão é uma grande banda e vai conquistar o Brasil." Rhossi também sabe que a hora é essa. "Quando é que eu ia pensar que no sertão da Paraíba, onde até água falta, uns moleques de skate tosco no pe[illegible]riam chegar para mim e dizer que curtem o que escrevi no meu barraco, lá no fundão da periferia?"

Pavilhão 9
Reação
Warner
★★★★☆

A faixa de abertura já avisa: "Essa é trilha do futuro, dos aliados/Ritmo e poesia, tá ligado?" Assim como "Trilha Do Futuro", outros caminhos avisam que, ao aproximar o Pavilhão 9 definitivamente da equação rap + metal, Reação vai muito além do "pula-filha-da-pula" oportunista que insulta ouvidos e cérebros por aí. Com letras acima da média atropela também os choramingos e a ode gratuita à bandidagem que desperdiçam boa parte da atual safra rapper – mesmo sendo musicalmente o trabalho mais afastado do rap lançado pelo grupo. Por outro lado, o desmedido esporro sonoro roqueiro de *Se Deus Vier Que Venha Armado* aparece polido e equilibrado por obra e graça dos botões de Tom Capone. Também não faltam amigos de peso dando seu aval: Igor Cavalera em "Aperte O Play" (tributo a Jimi Hendrix), Xis em "Poderoso Chefão" e Falcão e Xandão (O Rappa) na bela "Get Up, Stand Up – Levante A Kabeça", que brilhantemente exuma os escritos de Bob Marley. Puristas à direita ou à esquerda, concorda aqui, está tudo no devido lugar. **CEO**

OS 3 ACORDES QUE MUDARAM A HISTÓRIA DA MÚSICA

Já nas bancas!

SÍMBOLO

Para o guitarrista, gravar de forma simples e sem muita tecnologia é o jeito "católico" de fazer as coisas

A verdade está lá dentro

Com a moral estabelecida entre os alternativos desde o tempo em que liderava os Pixies, o guitarrista Frank Black revela que suas letras, por mais esquisitas que pareçam, estão sempre relacionadas a pessoas e a suas experiências de vida

Por Luciano Vianna, de Londres, Inglaterra

Ele nasceu Charles Thompson, transformou-se no líder de uma das mais cultuadas bandas de todos os tempos com o nome de Black Francis e continua a misturar punk, surf music e discos voadores na atual encarnação como Frank Black. Ex-líder dos Pixies, a banda alternativa americana mais influente do fim dos anos 80 (Kurt Cobain não cansava de falar que fez "Smell Like Teen Spirit" tentando imitar uma música deles), o guitarrista e vocalista acaba de lançar *Dog In The Sand*, seu terceiro disco acompanhado dos Catholics. Como em seus últimos trabalhos, esse foi gravado quase todo sem retoques, com uma urgência que caracteriza as melhores obras do rock'n'roll.

A caminho de férias na Escocia, Frank Black esteve em Londres fazendo dois shows acústicos em pubs de Camden Town. A platéia de fanáticos que lotou os espetáculos foi brindada com apresentações antológicas, mesclando músicas da carreira-solo, do disco novo, covers e sucessos dos Pixies ("Monkey Gone To Heaven", "Mr Grieves", "Where Is My Mind?") Entre um show e outro, BIZZ deu uma passada no hotel do artista para conversar, entre outras coisas, sobre o Brasil, disco voadores e internet.

Bom dia...

Vocês são do Brasil, ne? *(Em português)* Como *ixxxxxxxtáááá?* Meu irmão acabou de voltar do Brasil. Acho que ele se apaixonou por uma brasileira e vai se mudar para lá. Foi a primeira vez que ele visitou a América Latina. Eu ainda não fui... Um dia vou, quem sabe. Quero ir para aquela cidadezinha, Recinef, Recifem, algo assim.

Algum plano mais concreto?

É muito difícil para um artista menor, cult, como eu, tocar em um lugar como o Brasil. Lidar com produtores, dinheiro, ter certeza de que tudo [illegible] longe, mais difícil. E como a Amarilla ou o Jiquib.

Qual o [illegible] por trás deste disco?

Eu e os Catholics fizemos uma turnê do "grande branco norte-americano". Montana, as duas

PIXIELÂNDIA

O que os ex-integrantes da banda fizeram depois que o gordinho disse adeus

KIM DEAL

Breeders

***Pod* (1990)**
Quem diria que a baixista lançaria discos mais legais do que o gordinho Black, o principal compositor dos Pixies? *Pod* é rápido (12 músicas em cerca de meia hora) e brilhante. Os destaques são a pop "Fortunately Gone", a pixeana "Hellbound" a cover boatie "Hapiness Is A Warm Gun" e "Only In 3's" (ode ao *ménage à trois*)

***Last Splash* (1993)**
Mostra a banda subindo vários degraus, com um som um pouco mais elaborado. Os hits "Divine Hammer" e "Cannonball" falam por si só. Outros destaques, a triste "Do You Love Me Now?" a punk "I Just Want To Get Along" e a alt-country "Drivin On 9". Em *Last Splash*, finalmente um baterista se fixa no grupo: Jim McPherson hoje no Guided By Voices

The Amps

***Pacer* (1995)**
Os problemas de Kelley Deal (gêmea de Kim) com as drogas fizeram o Breeders parar. Com a nova banda, Kim retornou à crueza dos tempos de *Pod*. Mas apenas "Tip City" e a faixa-título chegaram lá. Atualmente a baixista remontou o Breeders (com a desintoxicada Kelley de volta) e prepara um disco para o meio do ano.

JOEY SANTIAGO

The Martinis

***The Martinis* (1999)**
Joey formou os Martinis, cujo som pega a veia mais melódica dos Pixies – ressaltado pelo timbre de voz de sua esposa, Linda Mallari, quase idêntico ao de Kim Deal. Apareceram um pouco com a ótima "Free", do filme *Empire Records*, mas não conseguiram nenhum contrato. Distribuem o álbum pelo seu site na internet

DAVID LOVERING

O baterista é o ex-pixie com menos destaque. É músico de estúdio (gravou a canção "Free" com os Martinis) e tem tocado ao vivo com vários artistas, como Cracker, Nitzer Ebb e Tanya Donelly

André Luiz Fiori

Dakotas, Idaho, Oregon. E todos os dias de manhã, na van, a gente ligava a ignição e colocava um disco chamado *Exile On Main Street*, dos Rolling Stones, cuja primeira música é um clássico, "Rocks Off". Depois, à tarde, escutávamos um de Bob Dylan, *Blonde On Blonde*. Foi assim que treinamos para *Dog In The Sand*.

Enquanto a maioria dos artistas usa cada vez mais tecnologia, você gravou o seu disco novo em apenas dois canais, sem pós-produção ou edição. Por quê?
É a maneira "católica" *(em alusão aos Catholics)* Não me interesso mais em gravar em vários canais. Não acho mais graça em trabalhar assim.

Quanto tempo demorou para compor as músicas?
Algumas delas já estavam rolando por aí há anos. Certas canções saem da gaveta em um segundo. Outras você esquece por dez anos, mas elas ficam no fundo do seu cérebro até que voltam a aparecer.

Você e os Catholics vivem em diferentes partes dos Estados Unidos. Como isso funciona na hora de trabalhar?
Acho que é a mesma coisa com qualquer banda. A gente se liga, marca e depois aparece para tocar. Obviamente, se todos morássemos na mesma cidade, nos encontraríamos para tocar juntos um pouco mais, mas nem tanto. Quando você está no circuito internacional, isso não faz tanta diferença.

Há alguma chance de um dia os Pixies voltarem a tocar juntos?
(Enfático) Não.

Vocês ainda se falam? Como é o seu relacionamento com o resto do grupo?
Não vejo muito *(a baixista)* Kim Deal porque ela mora em outra cidade. Mas vejo *(o guitarrista)* Joey Santiago bastante, ele é muito meu amigo. O baterista, David Lovering, eu encontro raramente, uma vez por ano no máximo. Todos, a não ser Kim, vivemos em Los Angeles. De um jeito ou de outro, acabamos nos esbarrando.

Muitos grupos se dizem influenciados pelos Pixies. Tem algum em particular em que você sinta essa influência?
Não sei. Às vezes percebo uma certa dinâmica de rock que eu sinto, uma dinâmica que era característica dos Pixies, não sei como descrever. E tem também a forma de tocar, só bateria e baixo, seguido de umas guitarras intensas. Vejo algumas bandas fazendo isso. Não quero dizer que eu inventei esse jeito de tocar nem nada, mas é uma coisa que as pessoas associam aos Pixies. Talvez haja outras coisas. Eu sei que você acha que para mim é mais fácil identificar essas coisas, mas não é.

Existe uma série de discos-tributo aos Pixies. O que você acha deles?
Discos-tributo são difíceis de fazer. Você normalmente lida com um orçamento apertado, 20 bandas diferentes e 20 estúdios e 20 visões distintas de uma mesma coisa. É uma zona.

O que você tem escutado ultimamente?
Mmmm... Deixa eu ver. Bob Dylan, Rolling Stones, Texas Tornados. Uns lances antigos, acima de tudo. Sou esse tipo de cara.

NÃO PERCA A CABEÇA

Um guia de compras para você se iniciar pela tortuosa obra de Frank Black

***Surfer Rosa* (1988)**
Foi a consagração. Revelação e disco do ano nas principais publicações pelo mundo. O som era deliciosamente tosco, em músicas que viraram marca registrada da banda, como "Bone Machine", "Where Is My Mind" e "Gigantic" (cantada por Kim Deal, que atendia por Sra. John Murphy). Já ficava evidente que a alma do grupo eram os riffs da guitarra de Joey Santiago.

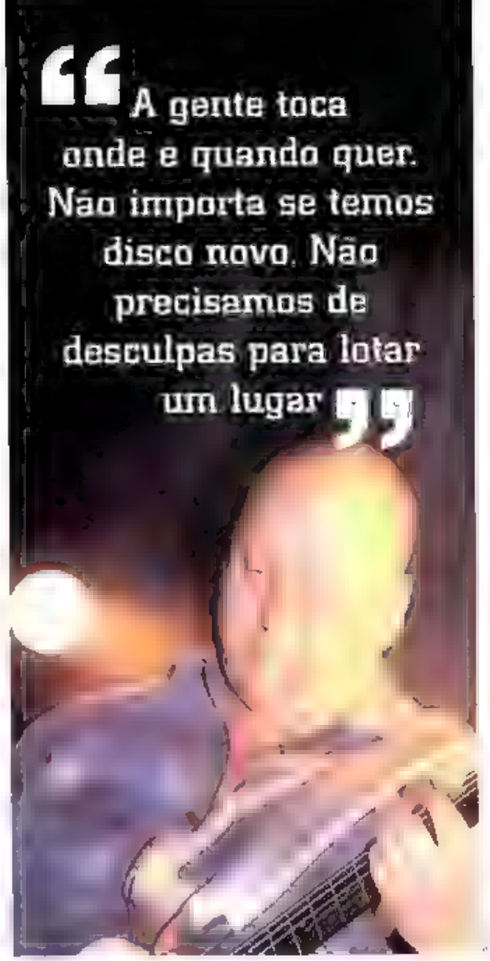
***Doolittle* (1989)**
Para muitos, o auge dos Pixies, com a sujeira, o barulho e o pop convivendo em harmonia. Black Francis estava inspirado, compondo coisas como "Debaser" (que passou a abrir os shows da banda), "Hey", "Monkey Gone To Heaven" e o hit "Here Comes Your Man" todas clássicos absolutos. A partir daí, os discos deles seriam produzidos por Gil Norton

O que você pensa do rumo que a comercialização e divulgação da música está tomando com a internet?
Acho que a internet vai machucar as gravadoras, mas essa é uma justiça devida por todos os anos em que elas cobraram mais do que deviam pelos discos. No entanto, a internet também vai afetar as bandas. A coisa é que cada artista, não importa de que tipo, precisa de um patrono – pode ser uma multidão ou um só cara muito rico... Para os músicos, o patrono são os fãs, os caras que compram ingressos e pagam pelos CDs. As gravadoras são o atravessador entre o patrono e o artista. E também suprem outros serviços: elas têm pessoas que passam um tempão no telefone fazendo conexões, falando com a imprensa, com a distribuição. Por isso, quem acha que pode ser a sua própria gravadora na internet está se iludindo. Sou muito crítico, mas há que se reconhecer que elas trabalham muito para promover os seus produtos. Assim, acho que as gravadoras não vão acabar.

Você tem um público pequeno, mas extremamente devotado.
Sou muito grato por ter um público tão devotado. É ótimo para nós, porque a gente toca praticamente quando e onde quer. Não importa se temos um disco novo na praça. Não precisamos de uma desculpa para encher um lugar. Isso nos dá muita liberdade.

Você responde e-mails? Fala com os fãs de maneira constante?
Não. Há umas salas de chat sobre Frank Black na internet nas quais entro de vez em quando. Mas ninguém acredita e passo a maior parte do tempo escrevendo: "Rá rá, sou eu mesmo". Aí fico de saco cheio e surto por mais uns seis meses. Poucas pessoas me escrevem diretamente, mas todas são muito gentis e não me perturbam, por isso escrevo de volta.

O que o inspira a escrever?
Tudo sob o sol. Não me preocupo com isso. Todos temos interesses, certo? Todos vemos TV, lemos livros, encontramos com pessoas. Todos temos histórias das nossas vidas, nos apaixonamos e nos metemos em confusões. Tudo isso são canções. Está em toda parte. Há música nesta sala, agora mesmo. É como o oceano.



Suas letras são recheadas de histórias de outros planetas. Você gosta muito de filmes de ficção científica?
Às vezes penso sobre coisas em um futuro próximo e há quem classifique isso como ficção científica, porque ainda não aconteceu. Então, aqui está você *(mostra o dedo indicador)*, para trás está o passado e, à frente, o futuro. Enquanto estou aqui, às vezes canto sobre o que está atrás e outras sobre o que está no front. Para mim, isso não é ficção científica. É parte de um todo.

Sobre o que trata *Dog In The Sand*?
Aqui está um cara. Ele está longe, em Marte. Está triste e quer voltar à Terra. Tenta ocupar a sua mente e se sentir melhor. Joga um jogo chamado "mate o mau humor". Abre a boca, deixa o mau humor sair e depois o mata, pisando com o pé nele. Às vezes, ele continua triste. Por isso, o conselho é dar um osso ao seu cão sentado na areia e dizer "Esta é a sua nova casa". É sobre estar muito longe, sabendo que você nunca mais vai voltar e aprender a aceitar a nova casa do mesmo jeito que um cão faria. Por definição, isso é ficção científica, mas não vejo assim. Não estou falando de OVNIs, mas de pessoas e de suas experiências na vida.

***Bossanova* (1990)**
Os anos 90 começam com a banda lapidando o seu som. Há material de primeira, como "Allison", "Hang Wire" e "Dig For Fire" e um namoro desavado com a surf music em "Cecilia Ann", "Havalina" e "Ana". Nesse ano, a convite de Bono, abriram os shows do U2. Apenas a esquisitice dos Pixies os impediu de alcançar o estrelato. Talvez tenha sido melhor assim.

***Frank Black* (1993)**
Solo. Black Francis mudou de nome e estreou mantendo o nível dos Pixies – aliás, o ex-guitarrista do grupo, Joey Santiago, tocou em algumas faixas. Os pontos altos eram "Los Angeles" "Fu Manchu", a homenagem "I Heard Ramona Sing" e o cover dos Beach Boys, "Hang On To Your Ego". E, disparado, seu melhor disco depois que largou a banda.

***Frank Black And The Catholics* (1998)**
Nesse trabalho que marca o início da ligação com os Catholics, Frank Black mantém apenas o básico. Rock bem tosqueira, gravado em dois canais durante três dias, praticamente ao vivo no estúdio. Muitos fãs gostaram do disco pelo vigor que ele apresenta em momentos como "All My Ghosts", "Back To Rome" e "The Man Who Was Too Loud". **ALF**

De todas as tribos e nações

Sem ligar para esse papo de lenda, Santana renovou o interesse do público por sua guitarra fluida com *Supernatural*. Segundo ele, em seus shows há gente até mais jovem "do que essa molecada com camiseta do Metallica"

Por Daniel Oliveira, de Anaheim, EUA

O guitarrista mexicano Carlos Santana atingiu o que parecia impossível: vender 13 milhões de discos nos Estados Unidos sem esconder rugas faciais, sem ignorar solos de guitarra e sem buscar polêmicas na imprensa. Aos 53 anos, ele demonstrou que idade não é documento quando se faz arte com talento, espírito e dedicação. Seu álbum mais recente, *Supernatural*, conquistou nove Grammys e fãs de todas as tribos e idades. "Não estou nem um pouco interessado em virar uma lenda dos anos 70", diz ele. "Se esse fosse o caso, eu desistiria da música."

Nesse espírito de renovação, Santana chamou gente jovem e famosa para participar em *Supernatural*, incluindo Rob Thomas (Matchbox Twenty), Lauryn Hill (Fugees) e Everlast (ex-House Of Pain). O tiro foi certeiro: as músicas "Smooth", "Maria Maria", "Love Of My Life" e "Put Your Lights On", todas com convidados, dominaram as rádios de vários países e expandiram ainda mais a fama do guitarrista. "Santana é talentoso e despretensioso", opina Thomas, cantor e co-compositor de "Smooth", o maior sucesso do disco. "Ele é tão relevante como era em 1969. Na verdade, acho que é ainda mais relevante hoje."

Desde que foi descoberto no lendário festival de Woodstock, em 1969, Santana tem se rotulado como um artista multinacional, cujos álbuns transmitem mensagens otimistas e transcendem barreiras culturais. Seus 24 discos – incluindo os aclamados *Santana* (1969) e *Abraxas* (1970) – englobam rock, salsa, blues, flamenco, R&B e os mais diversos ritmos. "Qualquer pessoa que já encostou numa guitarra é fã de Santana. Ele é o deus da música e o deus da guitarra", elogia Wyclef Jean (Fugees), parceiro na composição da música "Maria Maria".

Pessoalmente, Santana faz jus ao clima positivo de suas canções. É um senhor calmo, educado e atencioso, mantendo ainda seu sotaque espanhol quando fala inglês. Despreocupado com a imagem, veste-se exatamente como em seus shows: chapéu, calça preta e camiseta com estampa de sua banda. Nesta entrevista a BIZZ em um hotel californiano, ele falou de sua identidade musical, de suas visões multiculturais e da criação de *Supernatural*. E sem que fosse perguntado, mencionou o Brasil e elogiou artistas do país.

Retrix

Sua música é baseada em ritmos africanos. Você acha que a imprensa o associa erradamente ao movimento latino?
Absolutamente. Sempre disse, por toda minha carreira, que toco música de raízes africanas. Eu nem falo latim. Minha mãe é semi-espanhola, mas minhas raízes são mais indianas. A base de minha música é 100% africana.

Então você acha que está fora dessa cena de artistas populares como Ricky Martin e Jennifer Lopez?
Sim. Esses rótulos são criados pelos brancos. Sempre visito a Europa e sei que há orgulho entre irlandeses, escoceses, noruegueses, suecos... Eu não os chamo de um bando de brancos europeus. Quando dizem que sou latino, não me representam corretamente. Não posso colocar um chapeuzão mexicano em alguém e dizer "Agora você é latino". É uma forma de estereótipo. Por outro lado, sinto que os descendentes latinos nos Estados Unidos estão aparecendo mais. Se eu, Ricky Martin, Gloria Estefan e Jennifer Lopez juntarmos forças, poderemos trazer mais atenção aos latinos. O bom é que, como estamos nos tornando maioria, poderemos ditar uma consciência diferente.

Você é um dos poucos mexicanos a ter sucesso mundial. Por que a maioria dos artistas de sua terra não atinge o mesmo?
Antes de tudo, não me considero mexicano. Eu me considero um arco-íris. Ser mexicano é apenas uma cor do arco-íris. Represento todas as cores. Não acredito em bandeiras ou fronteiras. Sou feliz por ter nascido no México, mas já viajei tantas vezes ao exterior que este planeta é a minha casa. Os mexicanos não atingem sucesso internacional porque se consideram mexicanos. Eu me vejo como um espírito internacional. Assim, posso honrar o México, o Brasil, o Porto Rico, a Europa e outros lugares. Não toco apenas música mexicana para mexicanos.

Você já foi discriminado em sua carreira?
Sim. No México, por exemplo, você não é considerado 100% mexicano quando sai do país. Isso ocorreu comigo e com vários pugilistas. Nacionalismo exagerado é igual a racismo. Não sou nem um pouco nacionalista. Não quero ter apenas uma cor, pois estaria preso a essa cor. Nunca me atrasei, fiquei bêbado ou adiei shows por motivos bobos. Assim, nunca queimei meu filme sendo mexicano. Se você quiser dar uma de mexicano, andará a cavalo, vestirá roupas típicas, ficará bêbado e dirá coisas que o tornarão um babaca. Dane-se o fato de que é mexicano – você ainda será visto como um babaca. Prefiro transmitir coisas boas para o planeta. Sim, nasci no México, mas também represento outras nações.

Mesmo identificado com a música latina, o artista afirma que a base de sua arte é 100% africana

Tom Petty, Neil Young, Eric Clapton e outros nomes dos anos 60 e 70 dependem principalmente de fãs antigos para manter suas carreiras. Você fez *Supernatural* com artistas jovens para atrair novos fãs?
Sim, *Supernatural* foi criado para atingir a garotada de colégios e universidades. Não estou nem um pouco interessado em virar uma lenda dos anos 70. Gosto de honrar o que Miles Davis me ensinou. Sua banda e seu público sempre foram jovens. Agora, meu público engloba avós, pais e filhos. Tem gente até mais nova do que essa moleca que anda com camisetas do Metallica!

Nos acertos com gravadoras e empresários, qual foi o convidado mais difícil?
Nenhum. Todos quiseram tocar comigo. Nem precisamos consultar advogados, contadores e empresários. Lauryn Hill, Dave Matthews e Eric Clapton, por exemplo, foram inacreditáveis. Se eu lhe disser quanto Eric Clapton me cobrou, você não acreditará.

Quanto?
Um dólar! E se ele me chamar para tocar em um disco, também não pedirei nada. Talvez eu cobre uma miséria só para declarar algo em um contrato. Admiro muito Eric Clapton. Temos um grande relacionamento. Sempre estarei à sua disposição, pois ele participou de meu disco sem impor obstáculos. É por isso que o álbum chama-se *Supernatural* (*Sobrenatural*). Há um clima espiritual. Seu sucesso não vem de sorte ou destino, e sim do desejo de Deus.

Você chamou o chefão de sua gravadora, Clive Davis, para co-produzir *Supernatural*. Não temeu que ele fosse tornar as músicas mais "comerciais"?
Não. Quando assinamos nosso contrato, ele disse: "Nunca lhe pedirei para tocar algo superficial, mas precisaremos brigar para combinar qualidade e quantidade. Eu sei como as rádios são". Comigo é o contrário: não conheço as rádios. Só escuto meus CDs e minhas fitas: Bob Marley, John Coltrane, Miles Davis, Jimi Hendrix, Marvin Gaye... Ele sabia que seria duro promover *Supernatural* porque as rádios só querem gente entre 17 e 27 anos. É difícil para alguém como eu entrar nas emissoras. Os programadores disseram para Tina Turner em 1984: "Você tem três pontos negativos: é negra, velha e mulher". Mas isso não a fez parar. Ela acabou ganhando vários discos de platina. O mesmo ocorreu comigo. Clive nunca se impôs. Ele só me consultou sobre os convidados do disco *(após a realização desta entrevista, Clive acabou saindo da Arista, a gravadora de Santana)*.

> **"Não me considero só mexicano. Sou um arco-íris, represento todas as cores. Não acredito em bandeiras ou fronteiras. Já viajei tantas vezes que este planeta é a minha casa"**

Você explora bem sua guitarra no disco, tocando solos, bases e acordes variados. O que você acha da simplicidade dos novos guitarristas?
Acho que há beleza na simplicidade. Um acorde pode tocar no coração das pessoas. John Lee Hooker faz o mesmo por uma noite inteira, mas não entedia o público. Ele influenciou Jimi Hendrix na composição de "Voodoo Child" – se você escutar a música atentamente, notará que é puramente John Lee Hooker. A guitarra é como nosso "órgão privado": não importa o tamanho, e sim o que fazemos com ela. Seja como for, acho que muitos guitarristas jovens estão descobrindo gente como eu, Jimi Hendrix e Eric Clapton. No começo dos anos 90, os guitarristas queriam compor rapidamente, sem aprender seus instrumentos. Agora, artistas moços como Kenny Wayne Shepherd e Jonny Lang estão seguindo gente como Steve Ray Vaughan, o que é ótimo. Na verdade, precisamos de mais guitarristas de blues.

Músicas como "Africa Bamba" demonstram seu talento vocal. É frustrante ser reconhecido apenas como guitarrista?
Não, pois não me considero um cantor, e sim um estilista. Vocalista mesmo é Patti LaBelle, Aretha Franklin ou Whitney Houston. Gostei de cantar "Africa Bamba", pois tentei outros vocalistas e nenhum deles soou direito. Minha voz ficou honesta e verdadeira. Isso é o que importa. As pessoas não precisam ser como Enrico Caruso ou Pavarotti. Por exemplo, curto Djavan, Gilberto Gil e Milton Nascimento. Eles não fazem parte da elite, mas são todos bons vocalistas.

Dois momentos de Santana no Brasil: em sua primeira vinda, em 1973, e no Rock In Rio II, em 1991

Você ficou famoso após tocar no festival de Woodstock, em 1969. Algum dia as edições seguintes, de 1994 e 1999, atingirão a fama do primeiro?
Não, porque o segundo e o terceiro Woodstock não foram feitos corretamente. Se tiveram 100 bandas, 80% foram brancas. As 20% restantes foram negras, femininas e outros tipos. O primeiro festival foi mais diverso. Os dois últimos foram jogadas comerciais que não representaram a voz de uma geração. O segundo Woodstock foi um desastre, houve invasão de público. No terceiro, as pessoas quebraram tudo por causa do preço das pizzas, bebidas e outras coisas. Ao contrário de um evento verdadeiro, foi uma bolsa de valores para enriquecer contadores, advogados e empresários. No primeiro Woodstock, o público venceu. No último, o público perdeu.

¡Vamos a bailar!

Um guia com algumas das melhores e mais criativas bandas que cantam em espanhol para quebrar qualquer preconceito que ainda exista no país de Los Hermanos e Tihuana

Fabulosos Cadillacs

Som: Começaram ska, depois passaram a flertar com gêneros distintos como tango, hardcore, jazz, mambo, funk, salsa, punk e samba. Hoje, fica impossível definir o que fazem.
Histórico: Os Fabulosos eram um supergrupo de ska na década de 80. Seus oito integrantes foram evoluindo, escutando outros estilos musicais e incorporando isso ao trabalho. Em meados dos 90, a banda atingiu sua melhor fase e, com o fim do Soda Stereo, herdou o posto de maior grupo argentino. A veia ska não foi arrancada (eles até gravaram há uns três anos uma versão bem jamaicana de "What's New Pussycat", do maestro Burt Bacharach, ao lado dos americanos do Fishbone, para o disco beneficente *Red + Hot & Latin*), mas permanece apenas como componente da mistura. Com um semi-hit nos Estados Unidos ("Matador"), a banda consegue fazer extensas turnês por lá e é indicada ao Grammy por tudo o que grava. Não deve ser diferente com os dois álbuns ao vivo que acabam de lançar e marcam o fim do contrato com a BMG.

Fique com: *Rey Azucar* (1995), bem pop, com participações de Mick Jones e Debbie Harry. *Fabulosos Calavera* (1997), altamente experimental e pesado, e *La Marcha Del Golazo Solitário* (1999), um clássico, de nuances e texturas sublimes.
Para quem gosta de: Santana, Mr. Bungle, Red Hot Chili Peppers, Paralamas Do Sucesso.

Quarteto abusa dos instrumentos acústicos e da bateria eletrônica

Cafe Tacuba

Som: Pop rock criativo, experimental e de esquerda.
Histórico: O Cafe Tacuba está entre as principais bandas do mundo. Por mais que seja clichê dizer isso, o quarteto possui uma sonoridade própria, abusando de instrumentos acústicos e bateria eletrônica. Aos dez anos de vida, já conquistou muitos territórios fora do México e teria ido mais longe se o último disco não fosse tão maluco. *Reves/YoSoy*, de 1999, é duplo, sendo que um dos CDs só traz temas instrumentais, que são identificados por números. O CD norma também não tem músicas fáceis e precisa ser ouvido várias vezes para fazer sentido. Ganhou prêmios, mas nem resvala na excelência de trabalhos anteriores. Já houve tentativas de fazer a banda pegar no Brasil, mas todas fracassaram.

Fique com: O perfeito *Re* (1994) e a coletânea de versões *Avalancha De Exitos* (1996), que teve edição nacional, assim como o primeiro disco, *Cafe Tacuba* (1992).
Para quem gosta de: Pato Fu, Super Furry Animals, Blur, Clash.

Aterciopelados

Som: Era punk pop, virou world music com pitadas eletrônicas. As letras quase sempre tratam de temas políticos.
Histórico: Hector Buitrago e Andrea Echeverri são o casal colombiano por trás do Aterciopelados (em português, aveludados). Tiveram um começo promissor com *El Dorado* (1995), cheio de rocks grudentos e de boas letras como "Bolero Faraz", "La Estaca" e "Florecita Rockera". Dois anos depois, vieram com *La Pipa De La Paz* e chegaram aos ouvidos do mundo (via David Byrne, o mesmo padrinho de [illegible] e de quase todo mundo da nova cena latina). O disco fez um hit cheio de gritos e xingamentos, "Ba ba ñañara". Na sequência, deram uma aliviada nas guitarras e gravaram o decepcionante *Caribe Atomico* (que foi lançado aqui e trouxe a dupla para o festival Abril Pro Rock de 2000). Acabam de soltar um disco novo.

Fique com: *El Dorado* (1995) ou *La Pipa De La Paz* (1997).
Para quem gosta de: Big Audio Dynamite, Pretenders, Midnight Oil, Moloko.

Alejandro e Jonas: mistureba modernuba

Plastilina Mosh

Som: Grooves eletrônicos, rap, lounge e rock alternativo.
Histórico: Não demorou muito para que o programador Alejandro Rosso e o guitarrista e vocalista Jonas conquistassem os malucos da Califórnia, no mesmo ano em que deixaram sua nativa Monterey rumo a Los Angeles conseguiram gravar seu primeiro disco, *Aquamosh*. No álbum, uma cornucópia de balanços tortos com toques modernos, já ficava claro que a onda da dupla era experimentar e colar diferentes ingredientes, sempre com a intenção de fazer dançar. *Juan Manuel*, de 2000, acentuou essa característica com requintes na produção e uma inclinação maior para a eletrônica, sem perder a naturalidade.
Fique com: *Aquamosh*, no qual as propostas caóticas de Rosso e Jonas aparecem em todo o seu esplendor, seja na fanfarra "Afroman" ou na bagunçada "Mr. P Mosh".
Para quem gosta de: Beastie Boys, Beck, Money Mark.

Los Amigos Invisibles

Som: Funk, disco music, lounge mais latinices em geral e um pouco de acid jazz.
Histórico: Formado em 1995, o sexteto causou furor na insípida cena venezuelana com seu primeiro disco, *A Typical And Autocional Venezuelan Dance Band*. Soava como dance, mas usava guitarras elétricas, podia ser rock, mas tinha congas e um balanço incomum ao estilo. Como o reconhecimento esperado não veio, a banda mudou-se para Nova York em 1997, certa de que os gringos iriam valorizá-la mais do que os conterrâneos. Funcionou: o ex-Talking Heads David Byrne, sempre de olho no caldeirão terceiro-mundista, arregimentou o grupo para sua gravadora (Luaka Bop). No mesmo ano, fizeram a estréia fora de seu país natal, *The New Sounds Of Venezuelan Gozadera*, que recebeu boas resenhas nas revistas americanas. *Arepa 3000*, o trabalho seguinte, reforçou a boa receptividade da crítica para com a banda – só falta o público descobrir também que eles são muito bons.

O grupo ideal para todas as festas

Fique com: Os dois discos do grupo lançados no mercado externo valem o investimento, porque evidenciam a evolução da banda. Se sua praia é groove mais básico, vá no primeiro. Se prefere um som mais refinado, com as arestas aparadas, encare o segundo e caia na folia.
Para quem gosta de: Red Hot Chili Peppers das antigas, Banda Black Rio, Stereo MC's.

King Changó

Som: Ska, dub, rock, salsa, reggae e breakbeats de leve.
Histórico: Apesar de seus integrantes serem da Venezuela, a banda é radicada em Nova York. Com a estréia em disco, em 1998, o então octeto conseguiu emplacar a música "Melting Pot" na MTV latina. Liderado pelo vocalista Andres Blanco, o agora sexteto lançou seu segundo trabalho no ano passado, igualmente avalizado por David Byrne (sempre ele), o capo da Luaka Bop.
Fique com: O primeiro álbum, que leva o nome do grupo, é mais centrado no groove latino e no ska. No CD seguinte, *The Return Of El Santo*, novos ingredientes foram adicionados ao caldeirão, sobretudo batidas eletrônicas com queda para o drum'n'bass. Na dúvida, leve ambos.
Para quem gosta de: Mighty Mighty Bosstones, Asian Dub Foundation, Sublime.

QUEM PULOU DA PATCHANKA

O cenário atual de bandas que cantam em espanhol é rico e animador, mas existiram as que não conseguiram aguentar até o tão alardeado boom do rock latino (que nunca aconteceu), e encerraram as atividades. Um dos casos mais tristes é o do grupo chileno **Los Tres**. Após uma década fazendo um rock'n'roll sincero e emotivo, eles optaram pelo fim ignorando o fato de atravessarem a melhor fase da carreira. Para a posteridade ficam dois discos sensacionais: *Fome* (1997) e *La Sangre En El Cuerpo* (1999). Corra atrás.

Com mais raízes multiraciais do que chilenas (um integrante era de lá, outro do Brasil e outro da Alemanha), o **Niños Con Bombas** foi outra banda genial que não durou. Faziam uma mistura de hardcore com tudo o que é estilo e foram, no máximo, mal compreendidos.

O **Soda Stereo** era o Titãs da Argentina. Mas terminaram na hora certa. Já haviam conquistado muito com seu pop rock de sentimento quando decidiram dar área para que outros talentos surgissem. Belo exemplo. E o que dizer da franco-espanhola **Mano Negra**? Influência para todo mundo, de Cafe Tacuba a Cadillacs, a banda de Manu Chao teve uma carreira conturbada e encantadora. Deixou pelo menos um clássico: *Puta's Fever* (1989). Mas a chama continua viva no glorioso trabalho solo do vocalista. Um grupo que está com o futuro meio incerto é o **La Maldita Vecindad**. Inspiração para novos artistas mexicanos de qualquer estilo está fazendo falta. Que digam Control Machete, La Cupula, Azul Violeta, Molotov.

Illya Kuryaki & The Valderramas

Som: Funk + hip-hop + baladas orquestradas + letras pornôs
Histórico: Ainda com espinhas na cara, Dante Spinetta (filho do Amaldo Baptista argentino), Luiz Alberto Spinetta (e Emmanuel Horvilleur fincaram a bandeira do rap na Argentina, no começo dos anos 90. A dupla foi galgando os degraus do sucesso conforme concluía o segundo grau. Do rap, chegaram ao funk e a um momento mais interessante na carreira. Gravaram até um acústico para a MTV, em 1996, que chegou às lojas com o nome de *Ninja Mental*. Mas o melhor do Illya Kuryaki é sem dúvida a obsessão pelo sexo, que rende letras entre o erótico e o vulgar sempre bem-humoradas. Para pegar no Napster: "Remisero Abismo", "Jugo", "Rainbow", "Coolo", "Hecho Mierda". Roem papos de que o fim está próximo. A falta de uma base de fãs forte (são considerados traidores do movimento) e o fracasso do superfunk *Leche* nos Estados Unidos geraram crises entre os dois rapazes.
Fique com: *Chaco* (1995), *Versus* (1997) e *Leche* (1999)
Para que gosta de: Parliament/Funkadelic, Cypress Hill, Guru, Fun Lovin' Criminals

El Otro Yo

Som: Punk rock indie [illegible]
Histórico: Humberto Cristian (voca, guitarra e teclado), Maria Fernanda (baixo e vocal) e Raimundo Horacio (bateria) batalharam tanto no underground de Buenos Aires que hoje o El Otro Yo é considerado um dos grupos mais importantes da cena. A reputação e tamanha que a banda se deu ao luxo de produzir um disco triplo (!!!) em 1997, que fez nascer o hit "69" (a MTV Brasil tem o clipe). Por incrível que pareça, a banda participou com quatro músicas de uma coletânea do selo brasiliense Sonya Music chamada *Banana #2*, ao lado de Bois De Gerião, Muzzarelas e D.F.C., entre outros.
Fique com: o seminal *Traka/Traka* (1994), como dina Gastão Moreira, que apresentava o programa *Hermanos* na época em que o canal de Max Fivelinha tinha algo a acrescentar uma porrada na orelha.
Para quem gosta de: Nirvana, Sonic Youth, Black Flag, Placebo

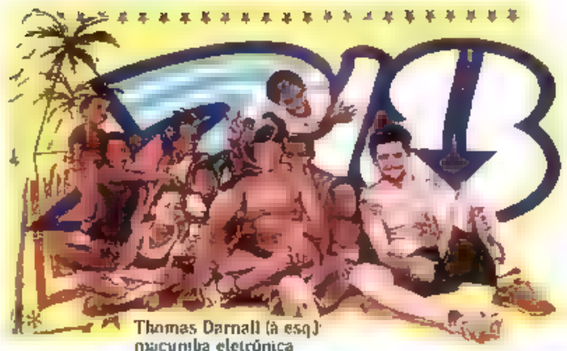
UM INGLÊS METIDO NA *CONFUSIÓN*

Empresário de Sting e irmão de Stewart Copeland, ex-baterista do Police, Miles Copeland é produtor executivo do disco *Outlandos D'America* (1998, lançado no Brasil pela Universal), no qual artistas latinos interpretam canções do trio britânico. "Tenho me interessado bastante pela música latina", explica Miles. "Minha idéia foi juntar a excitação do rock em espanhol com as músicas do Police. O experimento funcionou bem." Um dos destaques do CD é a versão do Skank para "Wrapped Around Your Finger", hit do álbum *Synchronicity* (1983), renomeada como "Estare Prendido En Tus Dedos". Curiosamente, ao escutar a música Stewart achou que o quarteto mineiro curtiu gravá-la mais que sua ex-banda. Os caras a tocam com mais coração e animação", diz o influente baterista.
Outro destaque do disco é o trabalho de Andy Summers, ex-guitarrista do Police, na cover atmosférica de "Bring On The Night", com o cantor argentino Gustavo Cerati (ex Soda Stereo). Stewart, por sua vez, toca bateria em "Does Everyone Stare?", com o mexicano Saul Hernandez. "Este disco cai bem, pois muitos artistas latino-americanos mencionam o grupo como inspiração", observa Miles.
Esse e outros tributos ao Police (como os dois volumes de *Reggata Mondatta*, com nomes do reggae) foram lançados pela Ark 21, gravadora fundada por Miles. Uma das subdivisões do selo, a Mondo Melodia, trabalha com artistas de world music em geral. O elenco inclui o grupo mexicano El Gran Silencio, o francês Manu Chao e o argelino Cheb Mami. "O rock sobrevive há tanto tempo porque sempre absorve novas influências", alega Miles para explicar a variedade do selo. "Isso é o que torna a música interessante."
Nas bandas da Ark 21 e do movimento latino em geral, ignoram o inglês. Miles não vê problema nisso para desenvolver suas bandas no mercado internacional. "Não acredito que o idioma seja o único aspecto relevante", diz. "Inúmeros estilos musicais nem têm língua. O principal é a melodia. O jazz e o clássico, por exemplo, são gêneros instrumentais. Há boas bandas de rock que não cantam em inglês."
Como um empresário inglês interessou-se tanto pela cultura latina? "Me casei com uma argentina. Assim, passei a curtir a música sul-americana. Vou muito à América Latina. Ao abrir sua mente você verá que todas as culturas oferecem coisas interessantes."

Miles Copeland está se dando bem com a "latinagem"

P18

Som: Eletrônica + ritmos tropicais
Histórico: O P18 é o grupo do ex-tecladista do Mano Negra, Thomas Darnall, assim batizado porque gravou seu disco em um estúdio no 18 *arrondissement* (distrito) de Paris. Se seu antigo grupo já se caracterizava por uma fusão quente de punk com levadas latinas, aqui Darnall dá um upgrade na receita com batidas eletrônicas e muita percussão de verdade.
Fique com: *Urban Cuban* (2000), único disco do projeto, vai do reggae-raiz de "La Verdolaga" à *electrópica* (rótulo inventado por eles) de "Kid Chocolate" e "Oye Mulata".
Para quem gosta de: DJ Marky misturado com Manu Chao



Thomas Darnall (à esq.): macumba eletrônica

Titan

Som: Eletrônica acrescida de instrumentos de verdade + funk + lounge + esquisitices retrô
Histórico: Dois terços do Titan vieram de um grupo experimental mexicano da virada dos anos 80 para os 90, o Melanina Ponderosa: o guitarrista Julian Lede e o tecladista Emilio Acevedo. Completando a formação, o baixista e baterista Jay De La Cueva. Depois de agitarem a cena local em 1992 e 1993, estrearam em 1995 com o EP *Terrordisco*. Em 1997, foram para Los Angeles e conheceram o universo eletrônico, que passou a ter influência decisiva no som do grupo. Em 1999, lançaram outro EP, *C'Mon Feel The Noise* (cover do tema da série de tevê *Starsky & Hutchy*. No mesmo ano, saiu o disco *Elevator*, colocando-os definitivamente entre as boas surpresas reveladas na terra da tequila.
Fique com: *Elevator* (1999), produzido por Michael Franti (ex-Disposable Heroes Of Hiphoprisy, atual "dono" do Spearhead). Destaque para a cover de "Corazón", da cantora Carole King.
Para quem gosta de: Beck, Dust Brothers, Cornelius

SANTA MARADONA

A discoteca básica do rock argentino, pelo titã Charles Gavin

***La Pesada*, Buenos Aires Blus (1972)** Tango, blues, colagens e rock experimental. Billy Bond (aquele) estava nessa formação.

***En El País De La Libertad*, Leon Gieco (1973)** Um dos grandes clássicos do Bob Dylan portenho.

***Pescado Rabioso*, Artaud (1973)** Banda idealizada por Luis Alberto Spinetta, um dos maiores músicos/compositores do pop/rock argentino.

***Libertango*, Astor Piazolla (1974)** Momento genial do mestre do bandônion misturando tango e rock.

***Los Delirios Del Mariscal*, Crucis (1976)** Com muita garra e técnica, este grupo se tornou um dos principais expoentes de rock progressivo latino. Também participaram do festival acima citado.

***La Maquina De Hacer Pajaros* (1977)** Com Charly Garcia em sua formação, essa banda gravou um dos grandes clássicos do rock progressivo argentino.

***Nito Mestre E Los Desconocidos De Siempre* (1977)** Quem presenciou não se esquece: Nito Mestre e sua banda arrasaram no Festival Latino-Americano de Rock, no Ginásio do Pacaembu (São Paulo), em 1978.

***Grasa De Las Capitales*, Seru Giran (1979)** O Seru Giran era um supergrupo a nata dos músicos argentinos: Charly Garcia, Pedro Aznar, David Lebon e Oscar Moro. Este álbum mistura pop, rock, progressivo, tango e jazz. Um clássico.

***Los Ninos Que Escriben En El Cielo*, Spinetta-Jade (1981)** Pensado e liderado por Luis Alberto Spinetta. Um grande disco com letras políticas e sonoridade fortemente influenciada por Steely Dan.

***La La La*, Spinetta-Paez (1986)** Mais um projeto de Luis Alberto Spinetta. Dessa vez, ao lado de Fito Paez num ótimo trabalho. Outro clássico

Para não dizer que não falamos de flores

Nem com guitarras saturadas nem mergulhado na última palavra em tecnologia: o Wallflowers segue com seu rock suave e baladas melancólicas

Por Daniel Oliveira, de Santa Monica, EUA

Cinco integrantes trabalham duro no Wallflowers, mas a injustiça continua: a imprensa musical destaca apenas o guitarrista e vocalista Jakob Dylan. Afinal, ele é filho de Bob Dylan, um dos artistas mais influentes e consagrados do rock. "Não sou o único que pode responder pela banda", reclama Jakob, sentado entre o baixista Greg Richling e o tecladista Rami Jaffee. "Os outros membros também têm coisas de valor para falar."

Os três companheiros estão divulgando o disco *Breach*, sucessor de *Bringing Down The Horse* (1996), que explodiu mundialmente com o hit "One Headlight". Já que mostram boa vontade nesta entrevista, o que acham da atitude de Bob Dylan, que raramente atende jornalistas? "Também gostaria de falar menos", admite Jakob. "Porém as bandas jovens não estão em posição de tomar essa atitude. Vamos a artistas dão entrevistas. Para ter nossa chance, precisamos fazer o mesmo. Queremos informar às pessoas que estamos com álbum novo. Se tivéssemos 30 anos de carreira, seria diferente." "Ainda não somos lendas", continua Greg. "Daqui a 20 anos não daremos mais entrevistas", completa Rami, rindo.

Breach mantém o rock'n'roll suave e melódico de *Bringing Down The Horse*. Canções energéticas como "Sleepwalker" e "Letters From The Wasteland" contrastam com baladas melancólicas como "Witness" e "Birdcage", todas realçadas pela voz emotiva de Jakob. Elvis Costello e Frank Black (ex-Pixies) colaboram com alguns vocais no álbum.

Os membros do Wallflowers apontam Costello, Neil Young, Tom Waits e outros velhos roqueiros como influência. No espírito de seus ídolos, eles ignoram tecnologias exageradas de estúdio, enfatizando guitarra, baixo, bateria, teclado e voz. Como, então, fizeram um disco moderno explorando influências antigas e recursos convencionais?

"Há uma química natural no uso de instrumentos tradicionais", explica Jakob, raramente cruzando olhares com o repórter. "Não usamos tecnologia só para parecermos futuristas. Muitas vezes, ela é pouco genuína. Quanto aos artistas que nos inspiram, há também gente nova interessante." "Curto muitas bandas atuais", segue Greg. "Comprei o novo disco do Radiohead. O Supergrass também é muito bom. As bandas inglesas são ótimas." "Quando moleque, eu adorava os Rolling Stones e outros grupos de rock", afirma Rami. "Ao mesmo tempo, eu escutava Devo. Quer dizer, somos uma banda bem abrangente."

DO BURACO AO GRAMMY

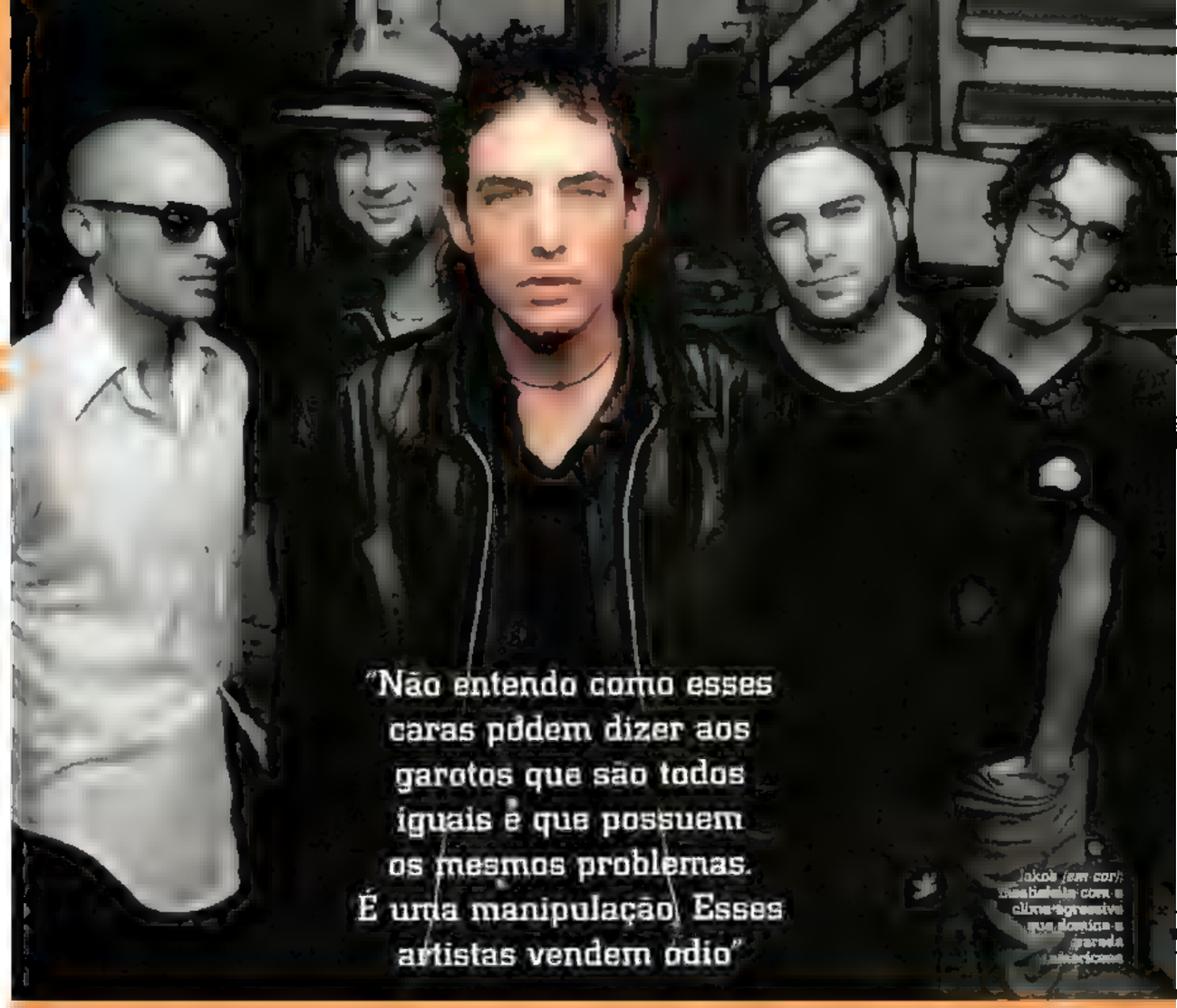
O Wallflowers plantou sua raiz musical no fim dos anos 80. Jakob e Rami formaram o grupo em Los Angeles e, com músicos que eventualmente pularam fora, tocaram em tudo que é buraco da cidade. A gravadora Virgin lhes ofereceu um contrato, mas o primeiro disco, que levava o nome do grupo (1992), vendeu apenas 40 mil cópias – um número baixo para os padrões americanos. Mesmo assim, os dois não desanimaram. "Continuamos porque gostamos da banda", explica o vocalista. "O significado do sucesso varia de pessoa para pessoa. Ficamos felizes com as vendas de nosso primeiro álbum. Não foi algo tão desastroso." Rami conclui: "Fizemos umas quatro turnês para divulgar aquele disco. Tudo bem, não lotamos grandes shows, mas a experiência foi ótima".

Terminado o contrato com a Virgin, o Wallflowers estabilizou sua formação atual – Jakob, Rami, Greg, o guitarrista Michael Ward e o baterista Mario Calire – e começou a escrever *Bringing Down The Horse*. A gravadora Interscope curtiu as músicas e lançou o disco em 1996. Em um piscar de olhos, "One Headlight" explodiu nas rádios de vários países, rendendo ao quinteto dois prêmios Grammy, alguns shows com os Rolling Stones e 6 milhões de discos vendidos mundialmente. "Senti força nessa música", lembra Greg. "Quando a terminamos, pensei: Acho que essa canção poderá nos dar algum reconhecimento. O refrão e o ritmo são bastante cativantes."

Hoje, quatro anos desde *Bringing Down The Horse*, sobra ainda alguma ambição? Afinal, o que mais um grupo pode atingir depois de premiações, shows lotados e inúmeras babações de ovo? "As coisas que você mencionou são interessantes, mas longevidade é o nosso maior desejo", responde Jakob com convicção. "Se pudéssemos escolher entre ganhar um Grammy e ter uma carreira de 30 anos, ficaríamos com a segunda opção. Queremos manter a banda por bastante tempo", garante.

ANTI-REBELDIA SEM CAUSA

Pelo menos agora, o maior desafio na longevidade do Wallflowers é o clima agressivo do rock americano. Bandas como Slipknot, Limp Bizkit e Papa Roach têm vendido milhões saturando guitarras e cantando barbaridades. Contudo, o Wallflowers dá continuidade em *Breach* a suas mensagens otimistas e sentimentais. Jakob não vê com bons olhos a rebeldia sem causa dos novos artistas americanos. "Não entendo como esses caras – que moram em Beverly Hills e vendem 10 milhões de discos – podem dizer aos garotos que são todos iguais e que possuem os mesmos problemas", diz, sem apontar nomes. "Eles certamente não sabem o que a moleçada está enfrentando. É uma manipulação. Assim como algumas pessoas vendem sexo, esses artistas vendem ódio."



Lá vêm eles

Por Fábio Bianchini
Fotos Matias Maxx

Mantendo o saudável hábito de apontar revelações do pop nacional, BIZZ apresenta duas novas crias do Nordeste que estão estreando em disco: Sonic Junior (AL) e Flávio Cavalcanti (PB)

OK, você não prestou atenção nas bandas da seção Democracia e achou que esse negócio de correr atrás de artistas desconhecidos não levaria a nada. Que coisa feia. Mas você ainda tem a chance de, em um futuro bem próximo, exibir-se para seus amigos e dizer que soube antes da existência daquele grupo novo que está levando o bom rock de volta ao rádio ou daquela maravilha que todo mundo deveria ter escutado, mas ninguém comprou e hoje o disco é uma preciosidade que só os visionários – como você – tem. Afinal, Sonic Junior e Flávio Cavalcanti estão aí para isso mesmo. E qualquer das duas situações acima citadas está valendo.

Ambas as bandas vêm do Nordeste e estão lançando seus primeiros álbuns com distribuição nacional. Mas as semelhanças entre elas param no fato de serem nomes familiares ao leitor mais atento. O Sonic Junior gravou e produziu sua estreia, lançada pela pequena Nikita, no estúdio que pertence ao vocalista, baterista e programador Juninho. Já o disco do Flávio Cavalcanti foi produzido por Rodrigo Castanho e Rick Bonadio, o homem que descobriu os Mamonas Assassinas e está por trás de Charlie Brown Jr., Tihuana e O Surto (sem dúvida, um currículo invejável), e está saindo pela Virgin.

Flávio Cavalcanti, a banda, surgiu quando o vocalista Fábio e o guitarrista Edy estudavam jornalismo e perceberam que a cena musical de João Pessoa, além de restrita, só dava espaço aos estilos musicais mais pesados, fosse o metal, fosse o hardcore. "Nada contra, mas era uma ditadura", lembra Fábio. Então, por brincadeira, montaram o grupo, inicialmente chamado Flávio Cavalcanti Project, para tocar clássicos do rock brasileiro dos anos 80, tirados do repertório de Léo Jaime, Miquinhos Amestrados, Gang 90, Metrô e Ultraje A Rigor, entre outros. "Além de ser do tempo em que éramos crianças e adolescentes, era uma época em que o rock tocava no rádio", explica Edy. Faziam também fusões e citações pouco prováveis dentro das versões, como misturar Roberto Carlos com Planet Hemp ou tocar Smiths e The Cure com grooves das antigas, tipo Kool & The Gang.

CONFUSÃO DE NOMES

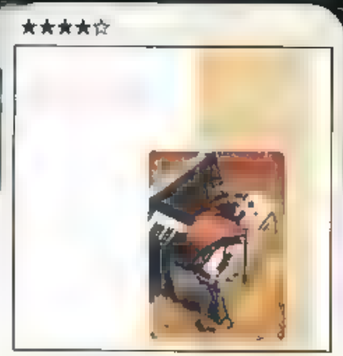
Os arranjos mais pesados e guitarreiros para pepitas adormecidas no subconsciente coletivo, misturados a músicas próprias ganchudas mas que o suficiente para não dependerem dos covers, fizeram sucesso na cidade. Não demorou muito para que os shows, nas ocasiões e locais mais insuspeitos, ficassem bastante concorridos – e confundindo muita gente. "Outro dia, tocamos na praça de alimentação do shopping center daqui. A mulher que cuida de lá adorou, disse que éramos umas gracinhas. Quem conhece a banda, costuma voltar. Quem não conhece, olha o nome e pensa que é um para só, cantando seresta, aí vai também", con

ta Fábio. "A banda tem nome de gente e, ainda por cima, parecido com o do vocalista. O pessoal confunde Fábio com Flávio, aí pensa que é um cantor. A apresentadora do programa da Transamérica que gravamos em São Paulo foi uma que se enganou com isso e perguntou quem de nós era o Flávio", ri o guitarrista.

Mas, em 1997, o grupo deu uma parada. Edy foi morar em Brasília e Josimar, também vocalista, se alistou na Legião Estrangeira (sério!). Enquanto isso, em Maceió, Juninho fazia parte do Living In The Shit, um dos grupos mais respeitados do circuito local, mas saiu pouco depois. Fascinado com o sampler que um amigo trouxera de viagem, logo se juntou a Aldo Jones para montar o Sonic Junior.

Em 1999, já com uma bagagem sólida de apresentações por Maceió e dois CDs demo gravados, a dupla foi vender seu peixe em São Paulo e Rio de Janeiro. E que peixe: Juninho e Aldo misturam balanço funk, pegada rock com vocais saídos diretamente das cantorias tradicionais nordestinas e um detalhismo de arranjos e produção que lembra (e é de causar inveja a qualquer astro do) trip-hop. "Armamos o contato com a Nikita e o pessoal logo se instigou. No meio do ano, já estava tudo arrumado", lembra Juninho. Voltaram para a capital alagoana e regravaram o repertório das demos, acrescido de uma versão para "O Telefone Tocou Novamente" que mostra ser possível reler clássicos de Jorge Ben sem constranger o ouvinte. "Essa liberdade que tivemos foi fundamental", comemora Juninho. "O disco foi gravado no meu estúdio, o mesmo em que fizemos as demos, só que com equipamento bem melhor. Comprei microfones novos, então conseguimos variar bastante nos timbres, tanto dos instrumentos eletrônicos quanto dos elétricos e acústicos. A gente experimentou muito. E é legal porque o estúdio é todo de madeira e fica perto de casa."

★★★★☆



Sonic Junior
Sonic Junior
Nikita

Esclarecendo: Chico Science & Nação Zumbi sempre pareceram muito mais importantes do que bons. Chico parecia ter uma noção muito clara de seu papel na história da música brasileira e isso criava uma urgência por comunicar seu manifesto que o atrapalhava. Faltava relaxar. Toda essa explicação é para dizer que o Sonic Junior fez o disco que Chico, não fosse a morte prematura, poderia fazer quando sossegasse e estivesse liberto de sua missão.
A proximidade não é estética, é de princípios. O Sonic Junior tem a liberdade e a sede pelo mundo legadas pelo pernambucano, mas sem a responsabilidade de ser o messias de sua geração, o cara que vai obter essa liberdade. Assim, seus grooves são mais macios, o astral é mais inconseqüente. Partindo do pressuposto de que não serão paradigma, Juninho e Aldo fundiram trip-hop, funk, samba, ragga, dub e psicodelia de um jeito espaçado e criaram uma pequena pérola para ser curtida numa boa. Numa nice. **FB**

ENSAIOS, NUNCA

Também em 1999, logo em janeiro, Edy voltou de Brasília para João Pessoa. A essa altura, Josimar já tinha desistido de ser legionário. "Ele chegou lá, sentiu o clima e não curtiu. Quando foi fazer um teste, tipo um psicotécnico ou coisa assim, aproveitou e cometeu um erro crasso só para ser expulso e voltar", entrega Edy. O reencontro atiçou a vontade de tocar, aumentada por um patrocínio que Fábio conseguira para gravar um CD independente (graças a uma lei estadual de incentivo fiscal à cultura) e pelo convite para um rápido revival em uma festa. "Nos encontramos 20 minutos antes e decidimos o repertório. Não fez muita diferença, porque nunca ensaiamos. Nem para compor. Fazíamos as músicas no violão, o baterista avisava como ia tocar em tal parte e funcionava. Só o que tem de previsto no Flávio Cavalcanti é o local do show e a hora", explica Fábio.

Aí não teve jeito. Resolveram voltar de vez, agora encontrando um cenário bem mais animador. "Como nós tocamos em muitos lugares inesperados e para platéias de todos os tipos, isso incentivou o surgimento de muitas bandas com linguagem mais pop, porque o pessoal viu que tem público", diz Edy. A aparição do grupo no festival Mada (Música Alimento da Alma), em Natal, que teve boa cobertura da mídia nacional, atraiu a atenção de grandes gravadoras. Entre elas estava a Virgin, que depois enviou o produtor Rodrigo Castanho a João Pessoa para ver um show do Flávio Cavalcanti e contratou o grupo. "Ele e o Bonadio nunca quiseram mexer no nosso som, a essência continua a mesma. A gente tinha o domínio da sonoridade, eles têm o domínio da técnica, então não houve conflito", atesta Fábio.

MUDANÇAS À VISTA

Com o disco pronto, chega a fase de botar o bloco na rua. Para isso, as duas bandas resolveram se mudar para o Sudeste. O Sonic Junior já está morando em um apartamento no aprazível bairro de Laranjeiras, no Rio de Janeiro. "Pertinho da gravadora. Quer dizer, pertinho se a gente não contar a subidona do morro de Santa Tereza, né?", espreguiça-se Juninho. O Flávio Cavalcanti ainda vive em João Pessoa, mas por pouco tempo. "Estamos arrumando as malas. Logo que o disco sair, vamos para São Paulo. E vamos fazer por aí também nossos shows de quatro horas", promete Edy.

Epa, as duas bandas têm algo mais em comum sim, além do fato de estarem estreando praticamente na mesma época e virem do Nordeste. O primeiro clipe do Sonic Junior será "Acelerou, Bateu", que canta "hoje é o dia, eu vou voar". Em "Pra Se Garantir", eles continuam: "Trabalhar, derrubar, construir, evolucion, pra garantir". E o Flávio Cavalcanti diz em "Enquanto Os Garotos Jogam Bola", a música de trabalho: "Eu tento compreender o jogo que um dia será dos seus filhos/Espero que um dia mudem as regras". É gente ciente de sua missão. "Tem coisa muito boa sendo feita e que precisa aparecer, mas as pessoas acabam não vendo. É absurdo não tocar Cowboys Espirituais no rádio. Ou então Bidê Ou Balde, ou o Frank Jorge, que está aí há tanto tempo. Enquanto isso, o que rola é esse rock com cara de jingle, parece trilha sonora de comercial. Isso não pode ficar assim", protesta Fábio. Tomara.

Flávio Cavalcanti: contra o rock com cara de jingle que infesta a mídia

Nada de manifestos, rupturas ou palavras de ordem. Ambas as bandas só querem levar o bom pop de volta às rádios — fato que, levando-se em conta a situação atual, não deixa de ser revolucionário

Para o bluesman, soul balança deu origem ao rock'n'roll.

Foto: Divulgação

Com brilho na alma

Aos 83 anos, a lenda viva John Lee Hooker continua exercendo sobre a geração de Jonny Lang a mesma influência que abriu a cabeça dos Rolling Stones na década de 60

Por Daniel Oliveira

Ele tocou com Eric Clapton, ouviu Carlos Santana chamá-lo de Deus e teve os Rolling Stones abrindo seus shows. Ele é John Lee Hooker, uma das lendas vivas do blues americano. Poucos artistas mantêm-se ativos por tanto tempo. Aos 83 anos, este guitarrista e vocalista do Mississippi ainda grava discos e toca ao vivo. Seu amor profundo pelo estilo o inspira a seguir e a superar modas musicais passageiras. "Blues e espiritualismo andam de mãos dadas", diz em um papo telefônico, com voz rouca e ocasionalmente gaguejada. "Blues é um talento que nasceu comigo. É uma dadiva não explicada em livros. A alma e o coração formam o blues. O estilo vem de algum deus. Quando o mundo foi criado, o blues foi criado também", decreta.

O talento de Hooker tem lhe reservado várias honrarias e premiações. Em 1997, ele recebeu dois Grammys pelo album *Don't Look Back*. Em 1998, teve uma rua de Clarksdale, sua cidade natal, batizada como John Lee Hooker Lane. No mesmo ano, viu seu nome impresso numa estrela da calçada de celebridades de Hollywood. E, em 1999, foi condecorado por Eric Clapton em nome de uma fundação dedicada ao blues. Qual seria seu prêmio mais especial? "Eu diria que é a estrela com meu nome", aponta orgulhosamente. "Havia tantas estrelas por lá, menos a minha. Eles finalmente disseram 'John Lee Hooker precisa estar aqui!' Os grandes artistas têm uma estrela, e eu sou um dos grandes."

Hooker não tem medo de se chamar "um dos grandes" – não só pela sua contribuição ao blues, como também ao rock'n'roll. Tendo aprendido a tocar guitarra com seu padrasto, ele iniciou sua carreira promissora aos 18 anos, quando se mudou para Detroit. No fim da década de 40, teve seu primeiro hit nos Estados Unidos, "Boogie Chillen". O agito e bom humor da canção mostraram vestígios do que seria o estilo musical mais famoso do mundo: rock'n'roll. "Deixe eu explicar o rock'n'roll é o blues", analisa. "As pessoas chamavam 'Boogie Chillen' de blues, mas era rock'n'roll. Acho que acabei inventando esse balanço."

> **"O blues tira problemas e preocupações de sua mente. Não é algo depressivo. É um estilo triste, mas tem um clima feliz"**

Durante os anos 50, Hooker, B.B. King, Muddy Waters e outros artistas tornaram o blues popular nos Estados Unidos. No começo da década seguinte, o estilo ficou datado e restrito às comunidades negras do país. Fora de Chicago e Mississippi, o blues foi sugado pelo soul e recebeu pouco apoio das rádios. No entanto, conquistou um novo público: brancos europeus como Clapton, John Mayall e Keith Richards. "É estranho eu ter escolhido tocar um estilo que, até então, era único e obscuro na Inglaterra", disse Clapton à CNN. "Até hoje, não sei por que me interessei pela música do Mississippi." Hooker sabe – e lembra – a razão. "Eles gostaram do que ouviram. Os americanos já tinham o blues há muito tempo, assim, não era novidade para eles. Mas ao chegar à Europa, o estilo explodiu. Os europeus o apreciaram muito mais! Eu fui visto como Deus por lá."

ÍDOLO DOS STONES

Com o estouro do blues em Londres e Liverpool, Hooker teve jovens ingleses abrindo seus shows na Inglaterra. Mas sabia ele que o tal grupo, Rolling Stones, iria se tornar um fenômeno do rock anos mais tarde. "Eles eram moleques quando começaram", Hooker fala de seus pupilos. "Pensei: O que é isso? Esses garotos são ótimos! Cresceram tanto que não olharam mais para trás. Eles me respeitavam muito. Keith Richards e os outros caras me viam como o rei do blues. Meu estilo foi a raiz musical deles. Só posso falar coisas boas sobre os Stones."

Na virada dos anos 60 para os 70, época que marcou o renascimento do blues nos Estados Unidos, Hooker mudou-se para a Califórnia e passou a trabalhar com outros músicos, incluindo o irlandês Van Morrison (ex-vocalista do Them). Ele continuou a gravar e a excursionar durante as décadas seguintes, aumentando sua fama com o disco *The Healer* (1989), que lhe rendeu um Grammy.

RITMO SEM COR

Hoje, a obra de Hooker ultrapassa 100 discos, sem contar lançamentos piratas. Seu álbum mais recente é *The Best Of Friends* (1998). Essa coletânea reúne músicas que gravou com artistas convidados entre os anos 80 e 90, como Santana, Bonnie Raitt e Robert Cray. A compilação traz também a regravação de velhos clássicos como "Boogie Chillen", "Burnin' Hell" e "Big Legs Tight Skirt". Clapton e vários outros brancos tocam no álbum. Então, a pergunta é óbvia: os brancos são tão bons no blues quanto os negros? "O blues não tem cor", afirma Hooker. "O tom da pele não faz nenhuma diferença. Todos nós temos o blues."

Uma nova geração de americanos, destacada por Jonny Lang e Kenny Wayne Shepherd, parece que também tem o blues. O sucesso do segundo disco de Lang, *Lie To Me*, proporcionou-lhe turnês com Aerosmith e Rolling Stones. Já o primeiro disco de Shepherd, *Ledbetter Heights*, vendeu 500 mil cópias nos Estados Unidos – um número fantástico para um artista do estilo.

Hooker está por dentro desta nova geração. "Jonny Lang esteve na minha casa", diz. "Eles tocam nossa música e conhecem bem o blues americano. Curtem Muddy Waters, Albert King e Albert Collins. Apenas modernizaram o nosso estilo." Naturalmente, após tantos anos envolvido no blues, Hooker encara o estilo do mesmo modo. "O blues tira problemas e preocupações de sua mente", analisa. "Ao cantar o blues, você se levanta. Blues não é algo depressivo. É um estilo triste, mas tem um clima feliz."

É preciso saber viver

Ao contrário do que sugerem suas letras repletas de imagens sombrias, a cantora está longe de ser uma pessoa problemática, revelando-se em paz com seus sonhos e (eventuais) pesadelos

Por Marcel Plasse

A artista espanta-se com o fato de as pessoas levarem ao pé da letra a angústia retratada em suas músicas

Foto: Divulgação

Courtney Love já disse que é menos que nada, uma merda, perto de PJ Harvey. Madonna declara-se sua grande fã. E o cineasta Hal Hartley a colocou como a prostituta bíblica Maria Madalena em seu filme *The Book Of Life*. Mas, ela diz, "Polly Jean Harvey não é nada parecida com o que as pessoas imaginam". Como imaginamos PJ Harvey? Talvez como suas letras, repletas de sangramento, pesadelos freqüentes sobre estar presa em um caixão – um sonho clássico de quem tem problemas alimentares –, depressão e raiva típicas de cólicas e tensão pré-menstrual. Há, ainda, a expressão algo insana de seu olhar, coroada com o afogamento em desespero da capa do brilhante CD *To Bring You My Love*, que evoca o papel de Ofélia na cena do suicídio em *Hamlet*.

Logo que surgiu nos palcos de Londres, sua persona tornou-se objeto de interesse imediato. Para a crítica, ela soava como uma feminista linha-dura, mas extremamente autodestrutiva. Numa de suas primeiras entrevistas, disse: "Quando você está lendo uma cena de estupro violento, pode se sentir bastante excitada. Acho difícil lidar com isso, mas, ao mesmo tempo, é muito intrigante". Na mesma época, ela cantava: "Quero me banhar em leite, comer uvas". E urrava: "Robert De Niro, sente na minha cara!". Crua, direta, sexual, cruel.

A cantora tinha, no entanto, apenas 21 anos. Lá se vai uma década. Superar a marca mágica dos 30 parece ter feito reavaliar muitos conceitos. "Acho que já me sinto como uma roqueira veterana", pondera. "Alguns dos músicos da minha banda são mais novos que eu." PJ Harvey soa alegre, descontraída. Em nada lembra a lenda criada em torno de seu nome, como a mulher castradora e amarga dos contos góticos que levam sua assinatura musical. "Essa imagem me surpreende", admite ela, em tom suave. "A princípio, custava a crer que as pessoas levassem ao pé da letra o que eu cantava de forma irônica, mas agora acho muito divertida essa noção de ser a fêmea dominadora", diz, pontuando com uma gargalhada.

CAMADA EM YORKE

Ela também está linda. Glamourosa, como todos podem ver na capa de seu novo disco, *Stories From The City, Stories From The Sea*. É uma nova imagem, tão autoconfiante que parece ter transcorrido uma existência desde o retrato desfocado do álbum anterior. O segredo parece simples. Se no título do disco de 1998 ela perguntava *Is This Desire?* (*Isto É Desejo?*), o nome de uma das novas faixas responde: "This Is Love" ("Isto É Amor"). Notoriamente reservada a respeito de sua vida pessoal, Polly desconversa. Mas quem a ouve cantar percebe a diferença. Em *Stories...*, ela não apenas está mais feliz do que nunca, como também se torna, além da mulher mais irada do rock, uma deusa da sensualidade. É, na verdade, um disco pop, cheio de canções de amor.

"Eu, Rob *(Ellis)* e Mick *(Harvey, da banda de Nick Cave)*, os produtores, costumávamos nos referir a esse disco como 'O Álbum Pop'", conta ela. "Quer dizer, do meu ponto de vista, que provavelmente deve ser pouco pop para a maioria das pessoas." Não há como se equivocar. Esse ainda é um trabalho de PJ Harvey, aquela que uiva, xinga e esganiça. No entanto, ela explica, foi feito para ser um disco de guitarras e voz, ao contrário dos álbuns mais recentes, que perseguiram climas atmosféricos e teclados sobrenaturais. É uma volta ao início da carreira. Quando ela fala "pop", quer dizer rock. "No mínimo, é um disco mais feliz", prossegue, depois de ter transformado em fetiche a dor da rejeição em cinco ótimos álbuns.

No momento, quem se sente rejeitado é seu último namorado notório, o cantor

EU SÓ QUERO É SER INFELIZ

Quatro artistas que, como PJ, fazem de suas canções abrigo para suas angústias

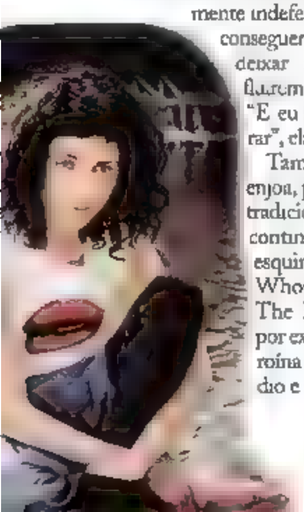
Fiona Apple Além de ter vivido vários relacionamentos turbulentos e tomado grandes pés na bunda, a moça foi vítima de um estupro aos 12 anos. Vivia falando que morreria cedo, mas parece ter sossegado após encontrar o amor nos braços do diretor de *Magnolia*. **Ponto fraco:** Dá chiliques constantes em cima do palco por motivos que nem sempre são compreendidos pela platéia. **Obra mais dilacerante:** *Tidal* (1996)

Tori Amos Aos 21 anos quase foi violentada e passou meses em profunda depressão. Compôs "Me And A Gun" falando do caso e ajudou a fundar uma instituição dedicada às vítimas de estupro, abuso sexual e incesto. **Ponto fraco:** Em 1997, quando passava por um bom momento na carreira e na vida pessoal (casava-se pela segunda vez), sofreu um aborto natural inesperado. **Obra mais dilacerante:** *Little Earthquakes* (1991)

Marianne Faithfull Passou grande parte da vida à mercê de drogas pesadas. Sempre será lembrada como a musa junkie de Mick Jagger nos anos 60. **Ponto fraco:** A música barra-pesada "Sister Morphine", creditada a Jagger e Richards, na qual ela alega ter parceria, mas não admite cantar. Em um dos shows no Brasil em 1999, quando alguém pediu a canção, Marianne soltou um sonoro "fuck off". **Obra mais dilacerante:** *Broken English* (1979)

Patti Smith Depois de abandonar a faculdade no início dos anos 70, a jovem nascida em Chicago mudou-se para Nova York e passou a vagar no underground com suas poesias diretas e encharcadas de emoção. Provavelmente, a artista que mais influenciou PJ Harvey. **Ponto fraco:** A morte repentina de seu marido, o ex guitarrista do MC5 Fred Sonic Smith, em 1994, a deixou muito vulnerável. **Obra mais dilacerante:** *Horses* (1975)

Nick Cave, que fez um disco inteiro sobre o fim de seu relacionamento, *The Boatman Calls*. Agora, quem compartilha sua companhia, ao menos no CD, é Thom Yorke, o vocalista do Radiohead. Não, ela não está colecionando rockstars. Polly ri da idéia. "Devo confessar que o escolhi a dedo", diz, entre risos. "Eu estava apaixonada por sua voz e queria gravar com ele." O dueto com Yorke chama-se "This Mess We're In" e pergunta: "Você se lembra do primeiro beijo?". "Thom liderava a lista de vozes com quem eu gostaria de gravar", entrega Polly. "Sua voz é linda e única e me deixa completamente indefesa", elogia. "Poucas conseguem abrir meu peito e deixar minhas emoções fluírem como a dele." Uau! "E eu só precisei implorar", ela volta a brincar.



Tamanha doçura não enjoa, porque a amargura tradicional de PJ Harvey continua esperando na esquina. A letra de "The Whores Hustle And The Hustlers Whore", por exemplo, fala "de heroína e speed, de genocídio e suicídio, de sífilis e ganância", e a de "Big Exit", que abre o disco, traz este singelo refrão: "O mundo está louco, dê-me a arma". As duas faixas refletem sobre Nova York. Embora seja verdade que Polly viveu na cidade por seis meses em 1999, apenas metade das *Stories...* foi escrita na Big Apple. "Acho que deram muita importância ao fato de eu ter passado uma temporada lá", critica. "Cai bem no imaginário das pessoas que, há anos, tentam me comparar com Patti Smith e com o movimento musical nova-iorquino", cutuca. "Então, a imprensa resolveu dizer que esse é o meu álbum de Nova York."

REFÚGIO NO RIO

Com a guarda mais baixa, ela assume que a metrópole foi importante em sua nova fase. "Precisava mudar de ares e ver pessoas nas ruas e metrôs, loucos e mulheres falando sozinhos, ter visões de *Blade Runner* e me sentir energizada." Polly suspira: "Eu necessitava de uma sacudida, e o choque cultural faz isso". Mas o fato, como diz o título do CD, é que apenas uma parte das canções é sobre a cidade. O resto diz respeito ao mar. Ou melhor, a uma cidadezinha na região de Dorset, no Oeste da Inglaterra, onde os hippies estabeleceram moradia nos anos 60, por causa do passado druida e da cena de surfe local. Quando Polly nasceu, o lugar era tão pequeno que não tinha outras garotas de sua idade para que ela pudesse brincar.

Ela ainda mora nesse local. "Odeio Londres, a frieza e a pretensão dos londrinos", reclama. "E na minha cidade encontro inspiração." Inspiração na natureza. PJ nunca gostou de sair muito e badalar. Prefere cuidar de seu jardim e passear ao longo do rio, que é a única coisa que atualmente entra na cidade, e para onde ela sempre corre quando alguma crise ataca – a água que tudo lava e que está na capa de seus três primeiros discos e no título do mais recente.

É lá que ela tem os sonhos que se repetem. O novo álbum fala de um sobre cavalos. "Escrevo tudo o que sonhei no momento em que acordo", comenta. "É um pequeno exercício estimulado pela terapia", ensina, surpreendentemente. "Os psicanalistas gostam de analisar a simbologia das minhas letras", explica. "Talvez porque, além das imagens recorrentes, minhas músicas evoquem colapsos nervosos."

ABISMO SEM MEDO

Sem dúvida, Polly teve sua parcela de colapsos. Em 1992, no início da carreira, não agüentou a fama súbita em Londres e largou tudo para voltar para casa. Em 1995, estava tão magra que muitos fãs temiam que ela desabasse nos shows. Mas a cantora não fala sobre as vezes em que viu apenas cinza e preto. "É um clichê que não incentivo", rebate. "Acho o cúmulo acreditar que é preciso ser miserável e deprimida para escrever com sentimento", argumenta. "Em todas as vezes que sofri de depressão, não conseguia levantar da cama, quanto mais escrever algo", revela. "Minhas letras mais miseráveis foram concebidas nos momentos de alegria, em que podia me arriscar a encarar o abismo sem medo."

"Sempre examinei o lado escuro da psique", prossegue. "Agora, estou convidando as pessoas a explorá-lo comigo, em vez de simplesmente manifestar raiva a respeito do que se encontra ali", conclui. É um lugar estranho, o lado escuro de PJ Harvey. Mas muito fascinante. Dava para passar o dia ouvindo como é a sua decoração. E como ela faz para dormir por lá.

Descubra o que é **chill out** e os sons indicados para fazer isso em casa

Discofagia

Para quem se alimenta de música

Psicoacústica, o álbum do **Ira!** que ninguém entendeu

Entre caixas e mudanças, **Fred**, dos **Raimundos**, mostra sua coleção

Stephen Malkmus

Ex-líder do Pavement volta ainda mais desencanado em carreira-solo

Cotações*

★★★★★ Serginho Chulapa
★★★★½ Romário
★★★★☆ Edmundo
★★★½☆ Branco
★★★☆☆ Neto
★★½☆☆ Wilson Gottardo
★★☆☆☆ Edilson
★½☆☆☆ Rincón
★☆☆☆☆ Júnior Baiano
½☆☆☆☆ Paulo Nunes
☆☆☆☆☆ Marcelinho Carioca
* dadas pelos autores das resenhas

AfroReggae • Babybird • Badlands • Carlinhos Brown • Donnas • Everclear • Fito Paez • Furacão 2000 • Galaxie 500 • Gentle Waves • Godspeed You Black Emperor! • Gorky's Zygotic Mynci • Live Human • Meat Puppets • Neil Young • Oneida • Orishas • Outkast • Paulo Miklos • Pizzicato Five • Rob Halford • Roger Waters • St. Germain • Video Hits

Malkmus: um álbum para, claro, os fãs do Pavement

Clássico preguiçoso

★★★½☆

Stephen Malkmus
Stephen Malkmus
Matador/Trama

Boa parte do rock alternativo que regeu a década passada abraçou a idéia de criar discos clássicos, prática que aos poucos estava se perdendo. A maior prova disso são os últimos álbuns pilotados pelos produtores da vez lá fora. Nigel Godrich (Radiohead, Beck, Pavement) e Dave Fridmann (Delgados, Mercury Rev, Flaming Lips). Mas as evidências de que essa geração deva envelhecer como clássica vão além das mais óbvias. Veja o primeiro disco do homem-frente do Pavement, Stephen Malkmus, que segue exatamente o fluir (fórmula?) de outras passagens históricas.

Uma das primeiras pistas vem no título do álbum, que normalmente traduz o estado de espírito do autor na época, querendo expurgar ou enaltecer suas principais qualidades (*Ela É Quem Manda* é o primeiro do Mick Jagger; *Banda Plástica De Ono*, o de Lennon; *Tudo Vai Passar*, o de Harrison; *Quem Veio Antes*, de Pete Townshend; *Falar É Fácil*, de Keith Richards...). Malkmus, no entanto, sai pela tangente e batiza o disco com seu próprio nome. E como Brian Wilson, Paul McCartney, Lou Reed, Eric Clapton e tantos outros que optaram por dar a cara à tapa no título da obra, ele faz um trabalho sem preocupação, como se estivesse realizando apenas uma tarefa doméstica.

São músicas da safra *Brighten The Corners* e *Terror Twilight* (dia e noite do pop descarado de seu ex-grupo) tocadas não sem empolgação, mas de um jeito preguiçoso demais – até para os moldes do autor. Mas, se você é fã, não pense duas vezes. As letras, como o seu estilo, falam de assuntos triviais e bobos (o ator Yul Brenner, *Brothers In Arms*, geografia, piratas, Grécia antiga), mas deixam escapar uma certa mágoa/raiva com o show biz. Em "The Hook", a pirataria pode ser uma metáfora para o próprio show business (desmistificada no final: "Não tinha perna-de-pau/Nem ganchos de ferro/Nem tapa-olhos/Éramos apenas assassinos com os olhos frios de mamnheiros"). Deixa implícito o sentimento de rancor desencanado no olhar da capa e ao abrir o disco com uma música chamada "O Livro Preto", em que ele lista ter "alguns amigos/E uns inimigos/E, sim, gente entre eles/Gente como você"

Resta saber quem é você.

Alexandre Matias

★★★★☆

Everclear
Songs From An American Movie Vol. 2 – Good Time For A Bad Attitude
Capitol/EMI

Eficaz como o primeiro volume, mas o oposto

Art Alexakis costumava ser uma figura antiquada, um grunge que só veio a chamar atenção depois do velório de Kurt Cobain. Mas daí seu coração partiu. Em meio ao seu processo de divórcio e à perspectiva de virar pai solteiro, ele teve uma crise de criatividade febril. Trancou-se com a banda durante meses. E produziu material suficiente para dois discos. O último volume 1 saiu quatro meses antes. Falava de amor, inocência e era romanticamente pop como os Beatles, ou melhor, XTC – nome de faixa esclarecedor: "AM Radio". Foi o álbum que ninguém esperava que Alexakis tivesse capacidade para parir. Provando-se conceitual, o volume 2 trouxe outra leitura para o tema. A amargura domina as letras sobre amor despertiçado e as guitarras nunca foram tão altas na carreira dessa banda. Eficaz como o primeiro, mas seu exato oposto, o novo CD coloca Alexakis na primeira divisão dos compositores de rock. Seja destruindo clichês de rocksmr, seja destilando sua amargura, ou mesmo explodindo em raiva elétrica distorcida, Alexakis dá show. Sempre é boa hora para uma atitude roqueira suada, ainda que friamente pensada e executada. Palmas, uivos e mosh de aprovação.

Marcel Plasse

★★★★☆

Carlinhos Brown
Bahia Do Mundo – Mito E Verdade
EMI

Sem os exageros, baiano não merece garrafadas

Manda amarrar o bode na esquina do Candeal e avisa lá que eu vou. Todo mundo sacudindo com amor, como diz a faixa que abre o terceiro álbum do compositor. Chama-se "Pegadas Na Areia" e forma, com as outras 12 canções, um mostruário do pendor do músico no bate-pronto e em fazer melodias que grudam nos ouvidos. O percussionista não compõe, e sim pratica um *spamming* incontrolável, para usar o termo que designa as rajadas de e-mails não-solicitados. Não adianta reclamar com garrafadas. Brown só ouve a si próprio; anda de capacete com um espelhinho instalado à frente da testa. O CD resulta da automiragem. Brown faz cara de conteúdo. Mas soa bem com seus arranjos mais para pop que para MPB. A melhor é "Cavalo Da Simpatia", galope em estilo de tumbalada, enfeitada por tema e escalas nordestinas. Há defeitos, como sintetizar a voz à Christina Aguilera no xote "Creodice" e a besteira em inglês no reggae "Mess In The Freeway". De resto, suas letras são reles em qualquer língua. Mas *Bahia Do Mundo* não traz os exageros dos trabalhos anteriores. Existe no sujeito a vontade de fazer um caruru das tradições negra e nordestina com o pop. Não pedi para ouvir nem o farei de novo, mas até gostei.

Luis Antônio Giron

Felicidade agora

★★★★☆

Video Hits
Registro Sonoro Oficial
Abril

Diego Medina (voz, guitarra e cérebro) merecia isto: disquinho prensado por grande gravadora, com produção cara (o que não quer dizer boa), capinha bonita, clipe decente... Há alguns anos, ele divide seu talento entre fazer ilustrações de jornais e revistas, estimular o underground porto-alegrense e escrever pop rock assoviável, de letras improváveis (gastronomia e doenças mentais são temas recorrentes). Depois de idas e vindas, o gaúcho arregimentou o Video Hits, um quarteto que virou septeto no ano passado e ficou com formação idêntica à dos contemâneos da Bidê Ou Balde: cinco rapazes e duas moças. O repertório vai na cola das bandas dos anos 60 (invasão inglesa e garagem), adicionando peso, como fez um pessoal dos 90. "Vontade De Voltar", "Sobras", "Menino Feio" "Quinta Embalada" e "Basset Azul", as top 5 de *Registro Sonoro Oficial*, atestam o êxito na intenção. Mas no caminho de Diego havia obstáculos anunciados. Antes do contrato com a major, a estréia do Video Hits já estava pronta, com produção do bamba Thomas Dreher. A Abril achou por bem refazer (padronizar?) a obra, botando o ex-baleísta do Baba Cósmica Rafael Ramos no comando. Se as guitarras ficaram baixas, se as vozes exibem uma limpeza inacreditável para o tipo de som que se pretendia, se sutis ironias viraram deboche, não culpe a banda. São ossos do ofício. Os mesmos ossos que, pelo lado bom, lhes renderam a participação de Gerson King Combo em "Furacão" e de Ronnie Von na velha e deliciosa "Silvia 20 Horas Domingo". Estava claro que compor, tocar e cantar (bem) seriam meras peças do jogo. O mérito é ter chegado até aqui em alto-astral.

José Flávio Júnior

Para quem gosta de:
Super Furry Animals
Weezer, jovem guarda

Diego *(de mordaça)*, e o resto do conjunto confraternizam com King Combo no estúdio

★★★½☆

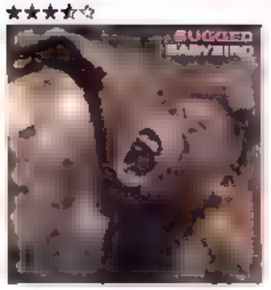
Fito Paez
Rey Sol
Warner

O que deixa a desejar em inspiração sobra em garra

Não é só no futebol que a diferença entre os vizinhos é gritante. No pop também. Nós, brasileiros, apostamos na ginga, na sonoridade, no humor rasteiro, na malandragem. Enquanto isso, os argentinos compõem com o coração, a emoção à flor da pele, o mesmo espírito e garra que entram nos gramados para defender a camisa sagrada de sua seleção. O novo álbum de Fito Paez é o mais recente exemplo dessa visceralidade. *Rey Sol* apresenta elementos distintos – como rhythm'n' blues, rock britânico dos anos 80, gospel, balada, bossa nova, funk, soul, jazz fusion, hard rock, mambo e, claro, tango. Em certas faixas, chega até mesmo a se parecer com *hermanos brasileiros* (Barão Vermelho faceta santanesca em "Molto Lugar" e "Vale", Paralamas do Sucesso da década passada em "Lleva" e "Noche En Down Town"). Mas tudo isso acaba ficando em segundo plano. No decorrer das 13 faixas, Fito vai buscar lá no fundo de suas entranhas toda a força possível para lutar, xingar, espernear, reivindicar e virar a mesa para desfrutar dias melhores. Talvez ainda seja resquício dos anos de ditadura em seu país. De qualquer forma, essa alma deixou de existir no Brasil neoliberal dos Fernandos. Tanto na música como no futebol

Abonico R. Smith

★★★½☆

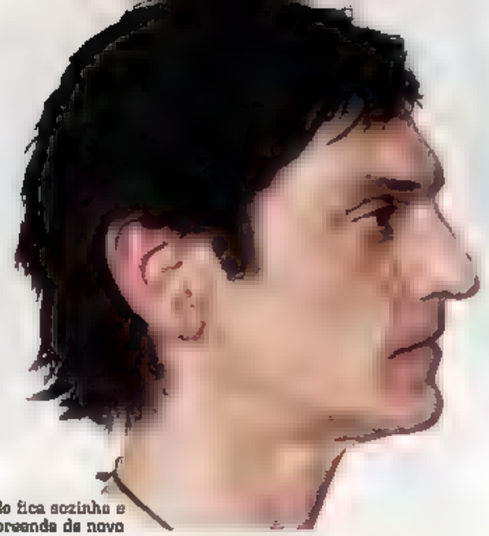


Babybird
Bugged
Echo/Sun
Vozeirão que tardou para conseguir seu espaço

Desgastado de suas experiências com um grupo de antiteatro, o britânico Stephen Jones resolveu transportar sua vazão criativa para a música. Entre 1988 e 1994, compôs e gravou centenas de músicas em quatro canais e só então resolveu se aturar como cantor e multinstrumentista. Criou o pseudônimo de Babybird e apostou no pop assumido, porém de grande sensibilidade melódica. Lançou cinco trabalhos quase simultâneos em dois anos. Não só deu certo, como já está em seu oitavo álbum. *Bugged*, o mais recente, promove o encontro entre a indisfarçável verve crooner de Jones (ecos de Lloyd Cole e Ian McCulloch são claramente perceptíveis em "The Way You Are", "One Dead Groove") e o groove correndo solto ("The F-Word", "Eyes In The Back Of Your Head"). E para quem não se contentar apenas com *Bugged*, também estão saindo por aqui mais dois títulos. *There's Something's Going On* (1998) exorciza os demônios de Jones com arranjos sombrios e arrastados, toques de hip-hop e o belo hit "If You'll Be Mine". Já *Ugly Beautiful* (1996) traz regravações das principais músicas dos trabalhos anteriores.

Abonico R. Smith

Para quem gosta de:
Lloyd Cole & Commotions, Echo & The Bunnymen, Happy Mondays



Paulo fica sozinho e surpreende de novo

O homem, o Miklos

★★★★☆

Paulo Miklos
Vou Ser Feliz E Já Volto
Abril

Paulo Miklos sempre representou o lado musical da banda Titãs. Suas virtudes vocais e composicionais, porém, mantiveram-se à revelia das estridências concretistas de Arnaldo Antunes e do madamismo sambudo de Nando Reis. A sutileza de Miklos foi obnubilada pela garganta pouco profunda de Sergio Britto e pelas marretadas de Charles Gavin. Isso para não falar do gênero intelectual inorgânico de Marcelo Frommer. Em suma, Paulo sempre foi o homem, o Miklos. Mas ninguém sabia.

Ele demorou a vir à tona por causa da fogueira vaidosa que crepitava entre os Titãs. Mas, desde que o grupo virou um videopôquer para pegar o incauto público juvenil, Miklos mostrou que passou por diversos estágios evolutivos. Produziu coleções e discos interessantes e, agora, chega ao segundo trabalho-solo com a mais promissora das obras baladeiras. As 11 faixas do CD mantêm um equilíbrio sonoro ímpar. Seu tema é a metafísica e o amor, vestidas de melodias bonitas que geram planuras de tranqüilidade. Tudo em primeira pessoa, bem autobiográfico. O CD é produzido por Dudu Marote, que se encarrega também da edição, dos violões e guitarras. Assessorado pela bateria de James Muller, o violão afiado de Émerson Villani e o baixo peso-médio de Lee Marcucci, Miklos reescreve sua história, mostrando que, desde o início dos Titãs, era ele quem dava as cartas. Então, por que deixou os outros lhe tomarem os troféus? Talvez porque ainda vivesse um estágio primitivo. Miklos se revela o mais surpreendente Pokémon popular brasileiro. Em sua estréia-solo, pode ser definido como o bulbassauro do rock, pois prognde nas sombras para dar o bote no final.

Luís Antônio Giron

★★★½☆

Snoop Dogg
The Last Meal
No Limit/Virgin
Cachorrão volta para Dre, mas já larga novo osso

Quantas vezes mais Snoop vai cantar sobre cadelas, erva e se dizer gangsta? *The Last Meal* é um exercício na arte da auto-paródia. Mas, ao contrário de seus discos desde *Doggystyle* – isto é, desde 1993 –, desta vez a reciclagem se dá com alguma criatividade. Em seu último CD pelo selo No Limit, Snoop desistiu de incorporar o estilo sulista do proprietário Master P. Afinal, ele não é meio Dogg meio camaleão, mas sim a encarnação mais conhecida do gangsta rap dos anos 90. E não há como negar que suas parcerias com Dr. Dre definem o gênero. Em boa hora, Dr. Dre volta a conduzir Snoop pela coleira, fazendo do novo CD um passeio pelo estilo g-funk – versão gangsta para funks arrastados dos anos 70 e 80. Funciona sempre. Alguns protegidos de Master P também giram botões no disco, que está cheio de participações especiais – há até uma reunião não oficial do NWA, com Ice Cube, Dre e MC Ren. Mas o bicho pega mesmo é quando assume um novo produtor de pedigree: Timbaland. Ele trouxe seu estilo quebradeira a faixas seletas do disco, entre elas o novo single, "Snoop Dogg (What's My Name Part 2)". Se Dre marcou o rap nos 90, Timbaland é o nome para o século 21. Snoop, malandro, grudou-se ao osso de ambos.

Marcal Plasse

★★★★☆

Galaxie 500
This Is Our Music
Ryko/Thama

★★★★☆ **Today**
★★★☆☆ **Copenhagen**
★★★★☆ **On Fire**
★★★★☆ **The Portable**

Beleza e desolação

Trio cultuado apesar (por causa?) da vida curta

Galaxie 500 é a marca de um carro bem ao gosto dos americanos: grande e confortável, causava furor e inveja na década de 60. Com o passar do tempo, ficou obsoleto e foi sumindo das ruas. Mas, no final dos anos 80, quando os amigos Dean Wareham (guitarra e voz), Naomi Yang (baixo e voz) e Damon Krukowski (bateria) começaram a tocar juntos e decidiram adotar o nome daquele veículo para sua primeira banda, dezenas de modelos de Galaxie 500 ainda podiam ser vistos em Boston, onde os três moravam e estudavam.

O grupo circulou bem menos do que o automóvel. Durou apenas quatro anos, de 1987 a 1991. Mas foi tempo suficiente para inscrever seu nome na história do rock independente norte-americano.

Há dois caminhos para conhecer a obra. O mais seguro é se contentar com o resumo dela. Em *The Portable*, estão a acachapante "Blue Thunder" e o leve desespero de "When Will You Come Home". Funciona como um eficiente manual de instruções para se deleitar com a sonoridade invulgar do trio. Mesmo caso de *Copenhagen*, gravado em dezembro de 1990 em estúdio móvel de 24 canais num clube noturno da capital dinamarquesa.

Saciada a curiosidade inicial, é hora de tomar uma estrada mais longa e sinuosa. Belo e desolado, o caminho passa pelo que há de mais pungente no repertório de Velvet Underground, Neil Young e Joy Division. Da estréia, *Today* (1988), impossível não se emocionar com "Flowers" ou "Tugboat". O segundo álbum, *On Fire* (1989), é especialmente marcante pelo vocal fantasmagórico de "Another Day" (marca registrada do grupo) e pelas estupendas versões de "Isn't A Pity" (George Harrison) e "Ceremony" (Joy Division). O nome *This Is Our Music* resume o que o Galaxie 500 pretendia com o último álbum. Do discreto groove de "Fourth Of July" ao *tour de force* de "Summertime", tudo funciona maravilhosamente bem. É um disco muito mais rico em sutilezas e variedade de arranjos.

Uma briga feia em 1991 rachou o Galaxie em dois expressivos pedaços. Wareham montou o Luna. O baixista e a baterista formaram a dupla Damon & Naomi. Volta e meia, cruzam nas ruas com algum antigo Galaxie 500. Como a banda, é um carro que resistiu bravamente ao passar do tempo. Virou item de colecionador.

Carlos Marcelo

★★★½☆

Halford
Resurrection
Metal-is/Abril
O velho metal abriga o ex-Judas Priest outra vez

A Harley, os óculos escuros, a capa e o nome do disco já dizem tudo. Rob Halford deixou para trás suas tentativas de fazer grunge (o Fight) e eletrônico/industrial (o tal do Two) e voltou ao que o consagrou, o metal dos anos 80, redondo, de dentes trincados. A agressividade dos vocais de Rob – que batizou a banda com seu sobrenome – na faixa-título é tamanha que chega a lembrar King Diamond à frente do Mercyful Fate. Todos os elementos do metal tradicional estão no disco: berros lancinantes (especialidade da casa), bateria demolidora, guitarras dobradas como já faziam os mestres Glenn Tipton e K. K. Downing no velho Judas Priest. Mas nem tudo são rebites de aço. As composições não têm a inspiração de clássicos do Judas como "Breaking The Law" ou "Freewheel Burning". Nenhuma delas – nem "The One You Love To Hate", com a colaboração de Bruce Dickinson – traz uma melodia daquelas de se cantar no chuveiro. Mas já se tem o velho Rob de volta ao metal, cercado de garotões suarentos. Não se pode querer tudo, não é?

Bernardo Araujo

★★☆☆☆

Roger Waters
In The Flesh
Sony
Nem os clássicos do Pink Floyd seguram a peteca

Parece incrível, mas Roger Waters conseguiu o que parecia ser impossível: transformou-se em cover de si mesmo. Isso porque desde que saiu do Pink Floyd, em 1985, não fez nada comparável ao seu trabalho com a banda, e ele sabe disso. Tanto que, nesse registro de sua última turnê, quase todas as músicas são de sua fase rosa. Gravado nos Estados Unidos, no ano passado, esse CD duplo vai acertar os saudosistas de plantão na mosca. Estão lá desde "Set The Control For The Heart Of The Sun", do segundo álbum do Floyd (*A Saucerful Of Secrets*, de 1968) até músicas do *Final Cut* ("Southampton Dock"), passando por "Money", "Wish You Were Here" e "Another Brick In The Wall, Part 2". A carreira-solo, bem menos brilhante, também comparece. Mas Waters vai passar o resto de seus dias querendo provar que ele é o Pink Floyd, a despeito da decisão da Justiça. Se você é uma das 37 pessoas que pensa o mesmo, vai gostar de *In The Flesh*. Mas não espere muito, pois soa como um disco gravado por uma competente banda de covers. A criatura subjugou o criador.

Guilherme A. Hungria

★★★★☆

St Germain
Tourist
Blue Note/EMI
Mix de jazz com house de resultado interessante

A fina mistura de jazz, tecno e deep house do francês DJ Ludovic Navarre – codinome St Germain – merece atenção especial. Algumas BPMs diferentes de seus conterrâneos mais famosos (Cassius, Daft Punk), suas músicas não vêm carregadas de vocais à anos 80 e, muito menos, podem ser tachadas de "apenas" produtos a serviço do novo berço da house music. *Tourist* abre um leque em que desfilam variados samples – do velho jazz até um de John Lee Hooker em "Sure Things" , climas dub, caso da viajandona "Montego Bay Spleen", e faixas como "So Flute" e "Point Des Arts", que trazem as batidas exatas para ferver as melhores pistas. E, apesar de toda mistureba de ritmos, beats, usando e abusando de bases pré-gravadas e "musicos reais" nos trompetes, sax e percussão, essa maquininha de fazer dançar é um achado sem gorduras. Lançado pelo conceituado selo de jazz Blue Note (mais conhecido pelas bolachas primorosas nos 50), Ludovic segue a tradição, absorvendo as melhores influências daquele período para destilar canções refinadíssimas.
Marco Bezzi

Para quem gosta de:
Groove Armada, Daft Punk acid jazz (tipo US3)

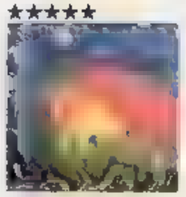
★★★☆☆

Vários
Furacão 2000 – Tornado Muito Nervoso, Vol. 2
Furacão 2000
O genuíno funk carioca, prestes a dominar tudo

Esqueça as pobres rimas, o lado chulo, o sexismo, o preconceito embutido – a cena dos bailes de subúrbio do Rio de Janeiro é um caldeirão de ritmos às vésperas de uma ebulição artística. De uma olhada: todo mundo espremido, suando e dançando a noite inteira, sexo e ritmo dominando a atmosfera... O Rio 2000 Graus é tão sujo quanto Kingston no meio dos anos 60, Nova York no fim dos 70, Detroit no meio dos 80, ou o barro de Brixton, em Londres. Veja esse *Tornado Muito Nervoso*, com as já clássicas "Cerol Na Mão", "Pit Bicha", "Mete Que Mete", "Tapinha", "Dança Da Motinha" e a infame "Fedido" (construída sobre a base do tema da série *Bonanza*). Ouça as bases, o conjunto de vocais bizarros, o potencial chiclete das músicas, o astral sempre pra cima, escatologia, sexo bizarro e outras coisas inusitadas (uma das músicas ressuscita "Silent Morning"!), beatbox com percussão, scratches feitos com sampler... Para os ouvidos "modernos", tudo ainda é muito primitivo, mas a evolução musical está acontecendo rápido e indo para um rumo muito estranho, que corre o risco de dar certo. Quando isso acontecer – e é logo, logo –, não tem mais volta.
Alexandre Matias

Predileto s de Kurt Cobain

★★★★★



Meat Puppets II
Ryko/Trama
★★★★☆
Meat Puppets
★★★★½
Up On The Sun
★★★½☆
Out My Way
★★★½☆
Mirage
★★★½☆
Huevos
★★★☆☆
Monsters
★★★★☆
Live In Montana

Puppets: fama no circuito indie

Reprodução

É lá se vão vinte anos. Nesse tempo, o Meat Puppets conheceu os subterrâneos, o céu e o inferno do rock americano. Tudo por causa da perfeição em forma de mistura de folk, bluegrass rock sulista, hardcore e ensolaradas melodias. Formado pelos irmãos Curt (guitarra e vocais) e Cris Kirkwood (baixo e vocais), mais o baterista Derrick Bostrom, o grupo de Tempe, Arizona, passou toda a década de 80 gozando de grande fama no circuito independente. Com a chegada dos anos 90 e a subsequente explosão do segmento alternativo, assinou com uma multinacional e foi apresentado ao mundo inteiro pelo *Acustico MTV* do Nirvana. Na segunda metade do período, o trio sofreu um colapso nervoso: recebeu bilhete azul da major, Cris enfrentou sucessivos tratamentos para se livrar das drogas e passou quatro anos inativo.
O pacote que chega ao Brasil representa o suprassumo da produção dos Puppets. Cobre os sete álbuns produzidos pela banda entre 1982 e 1989. Todos trazem muitas faixas-bônus — o primeiro, Meat Puppets, tem como brinde a íntegra do EP *In A Car*, lançado um ano antes. *Live In Montana*, apesar de ser o mais recente (foi lançado somente há dois anos), flagra duas performances ao vivo do grupo, registradas em dezembro de 1988.
O título indispensável da coleção é *II*, de 1983. A primeira audição já basta para perceber que há muito mais pérolas que as quatro faixas coverizadas por Nirvana ("Plateau", "Oh Me", "Lake Of Fire") e Minutemen ("Lost"). O resto é formado por sete ótimas opções que justificam torrar uma boa grana neste começo de ano.
Abonico R. Smith

★★★☆☆

Gorky's Zygotic Mynci
The Blues Trees
Mantra/Sum
Aperitivo de oito faixas para distrair os fas dos galeses

Nada melhor que um EP do Gorky's para voltarmos a falar de música. Canções para serem ouvidas em momentos de deleite e sossego, sob total responsabilidade do gênio Euros Childs. A banda galesa, que completa uma década de vida, gravou *The Blue Trees* quando o baterista pediu as contas para virar professor de artes. Portanto, é pouco batuque e muito violão dedilhado. Childs pôs o teclado um pouco de lado, mas soltou a voz embargada em cinco faixas (as outras três são instrumentais). O astral bucólico do disco *Spanish Dance Troupe* (1999) permanece, exceto em "Fresher Than The Sweetness In Water", cover do obscuro Honeybus, e dá a certeza de que o álbum novo será outra cartilha melódica.
José Flávio Júnior

★★★★☆

Live Human
Elefish Jellyphant
Matador/Trama
Às das carrapetas dá show em qualquer gênero

Turntablism é a arte de fazer duas pick-ups e uma mesa valerem por mil instrumentos. O DJ pode criar, cortar, editar sons e efeitos, além de se transformar em muitos para o festival de malabarismos nos scratches. O chicano Carlos Aguilar, mais conhecido como DJ Quest, é uma das estrelas dessa corrente. À frente do Live Human, ele comanda um show de destreza, habilidade e multiplicidade. O terceiro e mais recente álbum do grupo é uma grande prova do que pode fazer um craque do *turntablism*. Ele só precisa de seu kit, um punhado de vinis e uma cozinha virtuosa por trás. Deita e rola com breakbeat ("Lesson #7"), funk ("Lagoona Hop"), drum'n'bass ("2AM") e jazz ("Floppy Pockets", "Eggroll Suite"). E tudo no maior improviso. **ARS**

Contradição ambulante

★★★★½

Outkast
Stankonia
Laface/BMG

Desde que Andre Benjamin (Dre) e Antwan Patton (Big Boi) juntaram-se no colegial, cada lançamento do Outkast tem sido um evento. Seu quarto disco é ainda mais complexo que o aclamado *Aquemini* (1998), o anterior e um dos melhores CDs de rap dos anos 90. "Pensei que hip-hop fosse apenas armas e álcool", um crítico diz para Dre em "Humble Mumble", uma das 24 faixas novas. Ele responde: "Não, inferno, embora seja isso também". Eis o lema central de *Stankonia*: as contradições do hip-hop. Em um momento, a dupla pede desculpas para as mães de suas namoradas por qualquer coisa, em outro chama mulheres de putas. No meio disso, conscientização política e rimas abstratas. Mapeando a mentalidade do "dirty South", Outkast abre o microfone para a cena de Atlanta, sua base original, trazendo Goodie Mob, Erikah Badu, Organized Noize e Chilli (do TLC) para fornecer contrapontos à trama. Mas nem tudo é factual. *Stankonia*, título do CD, é a capital imaginária do funk. O conceito remete às pirações de George Clinton. A base musical também com solos psicodélicos à Funkadelic. "Gasoline Dreams" chega a responder ao grupo do Atomic Dog. A abertura de *Maggot Brain* dizia: "A Mãe Terra está grávida pela terceira vez". A nova música fala: "Ouvi que a Mamãe Natureza agora aderiu ao controle de natalidade".
É uma metáfora para a estagnação musical. Mais adiante, surgem batidas sincopadas do velho Prince lisérgico. E tudo acaba, pesado, em jungle estilizado, de olho no futuro. A ousadia foi tão bem-vinda que, pela primeira vez em sua carreira, o Outkast emplacou uma faixa no Top 10 da parada pop – a ótima "Ms. Jackson". De rap alternativo a sucesso de massa, a dupla começa a retomar o hip-hop da pasmaceira do gangsta.
Marcel Plasse

Peter Buck, guitarrista do R.E.M., abre seu coração

O [illegible] ANDA

***The Quiet Vibration Land*, Dranger** "É um pop na onda Beach Boys, meio sessentista. Um amigo recomendou. Saiu pelo selo Poptones, do Alan McGee *(produtor que lançou Primal Scream e Oasis, entre outros, pela sua antiga gravadora, a Creation)*."

***Relationship Of Command*, At The Drive-In** "Gosto muito do At The Drive In. Fui a um show deles e achei ótimo. São bons de palco, assim como o ...And You Will Know Us By The Trail Of Dead, que também vi ao vivo recentemente."

***Rated R*, Queens Of The Stone Age** "Ainda não vi ao vivo, mas já toquei com *(o guitarrista)* Josh Homme em um show do Screaming Trees. Foi muito intenso. Gosto de *Rated R*, é um bom álbum."

A dupla dá o maior gás para tirar o hip hop da letargia

Reprodução

O melhor do mês passado

IDÉIA

***Add Insult To Injury*, Add N To (X)** Bateria de verdade e teclados mil são as ferramentas do trio inglês para fazer um som retrô-moderno indutivo e viciante

***Fantasy*, Coach** Sem vocais, a banda se inspira no kraut rock alemão dos anos 70 e faz uma cama sonora perfeita para qualquer ocasião

***Live At The Fillmore*, Cypress Hill** Showzão dos rappers que adoram celebrar a diamba. Servidão!

Marcos Hermes

Depois do arregaço no festival, o velhinho chega às prateleiras

★★★★★

Neil Young
Decade
Reprise/Warner

★★★★★
Everybody Knows This Is Nowhere

★★★★☆
Weld

★★★★★
Tonight's The Night

★★★★☆
Harvest Moon

★★★★☆
Comes A Time

★★★★☆
Unplugged

★★★★☆
Live Rust

★★★★★
Sleeps With Angels

★★★★★
Ragged Glory

★★★★☆
Silver & Gold

Sem dúvida, o velhinho continua sendo uma lenda viva do rock'n'roll. Que o digam os privilegiados que tiveram a oportunidade de assistir à sua magnífica primeira apresentação no Brasil (escudado pelos fiéis comparsas do Crazy Horse) no último Rock In Rio. Portanto, nada mais apropriado que, depois da passagem relâmpago de Young por aqui, a gravadora lançar uma batelada de discos dele no mercado nacional. Tratando-se deste verdadeiro *maverick* do rock, a iniciativa foi muito válida, já que Neil nem sempre teve a importância devidamente reconhecida por essas plagas. Resta saber apenas quais foram os critérios para escolher, entre 24 títulos do pacote original de relançamentos (que incluiam também quatro discos do Buffalo Springfield, a banda do canadense, até hoje inéditos em CD no Brasil, e oito vídeos), apenas os 11 que pintaram nas lojas.

Destes, somente quatro não tinham aparecido em formato digital por aqui: os geniais *Everybody Knows This Is Nowhere* (1969, Discoteca Básica BIZZ 71) e *Tonight's The Night* (1975, um álbum gravado ao vivo em estúdio e aterrador por sua crueza) mais o recente *Silver & Gold* (2000, resenhado em BIZZ 179) e a coletânea *Decade* (1978). Essa última se destaca no lote por ter sido lançada originalmente como vinil triplo, mas acabou reunindo em dois CDs a fase áurea do caubói, desde os tempos do Buffalo e do Crosby, Stills Nash & Young até grandes momentos de sua carreira-solo, comentados faixa a faixa pelo autor.

Quanto aos outros relançamentos, cabem aqui algumas indagações. Por que editar o predominantemente acústico *Harvest Moon* (1992) e não o disco clássico que o originou (*Harvest*, de 1972)? Será que *Live Rust*, que retrata a turnê que seguiu o lançamento do *Rust Never Sleeps* (ambos de 1978), merecia sair por aqui antes do álbum original? E o que dizer sobre a ausência de *Zuma* (1975, que influenciou toda a primeira geração de country punk) e – mesmo pensando em termos comerciais – de *Mirrorball* (1995, gravado com os músicos do Pearl Jam)?

Há, ainda, três trabalhos indispensáveis, para quem não os tiver: *Ragged Glory* (1990, outra emérita colaboração com o Crazy Horse), o duplo ao vivo *Weld* (1991) e *Sleeps With Angels* (1994, uma espécie de homenagem póstuma a Kurt Cobain).

Completando o pacote, dois álbuns respeitáveis, mas menores: *Comes A Time* (1978), com suas inflexões folk, e o acústico *Unplugged* (1993), sem maiores novidades, mas com a classe habitual preservada.

Na verdade, o ideal seria que todos os itens desse catálogo estivessem disponíveis no Brasil. Ele já fez country tradicional, e também som eletrônico (quando a Geffen, gravadora que o tinha contratado na época, ameaçou processá-lo por estar fazendo algo que "não parecia Neil Young"). Tocou com grupos de garagem e big bands de soul e blues, já foi chamado de vanguardista e reacionário. Sempre mutante, pois sabe que "a ferrugem nunca dorme". Por isso, até tem todo o direito de até hoje poder afirmar que o "rock'n'roll jamais vai morrer".

Celso Pucci

★★★★☆

Pizzicato Five
The Fifth Release From Matador
Matador/Trama
Nipônicos retomam a verve dos primórdios

Apenas no quinto lançamento nos Estados Unidos, mas com 16 anos de carreira, Pizzicato Five há muito ultrapassou a marca em seu Japão natal. O título displicente não faz jus ao conteúdo. Um dos melhores discos da banda, retoma a verve kitsch pop – abandonada em recentes incursões dançantes –, pondo à prova a genialidade do compositor Yasuharu Konishi. O CD traz disco music americana, bossa existencialista francesa, romantismo italiano, frases em português perfeito e inglês mal falado. Só que, em vez de arranjos açucarados à Bacharach, desta vez Konishi mostra uma tendência à complexidade de Nelson Riddle, Henry Mancini e John Barry, optando por uma versão de groove jazzista perfeita para festas de desenhos futuristas. A modelo transformada em diva Nonuva Maki convence cada vez mais como Shirley Bassey nipônica. Mas há outras vozes em cena, o retorno de Takao Tajima, ex-vocalista do grupo, e a cantora dos anos 60 Mieko Hirota na faixa de abertura. E, se "Wild Strawberries", com seu riff roubado de Françoise Hardy, serve de cartão de autenticidade cool, espere até ouvir o ritmo watusi de "20th Century Girl".

Marcel Plasse

★★★☆☆

AfroReggae
Nova Cara
Universal
Estréia não compromete, apesar dos deslizes

A banda AfroReggae é fruto do trabalho de uma ONG homônima que trabalha com a comunidade de Vigário Geral, famosa mundialmente pela chacina em que morreram 21 pessoas. Já excursionaram pelo exterior e são apadrinhados por Caetano Veloso (que participa da bonita balada "Meus Telefonemas"), Fernanda Abreu, O Rappa, Gabriel O Pensador e Cidade Negra. A estréia do grupo, se falta personalidade própria, não pouca garra e deixa boas perspectivas para o futuro. Algo parecido com o que ocorreu com os parceiros do Rappa, que só atingiram a maturidade com *LadoB, LadoA*. O infeliz nome é uma síntese muito pobre do som que eles fazem. Samba, rock, maracatu, reggae, rap, miami bass, num mix bem-feito, como fundo para letras com forte conteúdo social que compõem o repertório. Em "Poesia Orgânica" e "Conflitos Urbanos", um resumo do que essa galera viu, não no programa do Datena, mas *in loco*. A semelhança com algumas bandas chega a incomodar, mas é deslize perdoável em se tratando do primeiro disco. Pode não ser um trabalho ótimo, mas quem acha que o Rio "tá dominado" vai se surpreender com essa promessa que logo aprenderá a voar sozinha.

Guilherme A. Hungria

Ah, sei lá, mil coisas...

BARRACO

Graças à paixão de Charles Gavin por música e sebos de vinil, estão sendo editados em CD 11 títulos esquecidos pelo tempo, que pertenciam à CBS/Columbia e hoje são da Sony. Muitos desses álbuns custavam os olhos da cara (quando eram encontrados) e estavam ganhando edições piratas em CD e em LP (!), sem o devido cuidado com a arte e a qualidade de som. Os relançamentos custam 10 reais, cada um, em média ● *Som, Sangue E Raça*, de **Dom Salvador E Abolição**, traz o pessoal que futuramente formaria a Banda Black Rio fazendo a maior festa samba soul funk ● **Gravado na Alemanha, *Solitude On Guitar* pega Baden Powell no período em que esbanjava vitalidade. Estão no disco "Se Todos Fossem Iguais A Você", "Na Gafieira Do Vidigal" e "Por Causa De Você", entre outras** ● O tributo ao finado **João do Vale** é outra pedra preciosa de Raridades. O compositor, que abasteceu cantoras como Dolores Duran e Maria Bethânia, foi homenageado nesse disco em duetos de artistas do nível de Tom Jobim, Zé Ramalho, Jackson do Pandeiro, Nara Leão e Alceu Valença ● ***É Samba Novo*, do baterista de jazz-samba Edison Machado, é um dos xodós dentre os remasterizados por Gavin. Só o começo, com "Nanã" e "Só Por Amor", já destrói** ● Quarenta anos depois, *O Barquinho*, da cantora **Maysa**, mantém o frescor. Vale por apresentar o supra-sumo do trabalho da primeira brasileira a divulgar a bossa nova no exterior ● **Mais samba do que bossa, Leny Andrade dá sua interpretação a melodias de mestres como João Donato ("Coisas Distantes"), Johnny Alf ("Nós"), Edu Lobo ("Considerando") e Roberto Menescal ("Samba Nascimento Vida E Morte") em *Registro*** ● **O Trio Ternura** foi um dos poucos grupos vocais a fazerem carreira no Brasil. Os irmãos Jussara, Juraema e Robson ficaram famosos por acompanhar Tony Tornado em "BR-3", no Festival Internacional da Canção da Rede Globo, em 1970. Num disco epônimo, com direção artística de Raul Seixas, eles namoram o soul ● **O Som Nosso De Cada Dia** transitava por várias praias musicais, mas não escondia a vontade de suingar. A estréia do grupo, que fez muito roqueiro pirar, é dividida em duas partes, sábado (lado A) e domingo (lado B), o que acaba fazendo a maior diferença. É ouvir para sacar ● O primeiro álbum-solo de **Tony Bizarro** fez tanto sucesso que a gravadora chiou. E que Tony também era produtor e executivo da CBS e *Nesse Inverno*, de 1977, lhe rendeu uma extensa lista de shows e compromissos. Também, com petardos soul do quilate de "Quem Sou Eu, Quem É Você" e arranjos do maestro Lincoln Olivetti, ficava difícil não vingar ● **Com sucesso similar, *Nossa História De Amor*, de Hyldon, também tem seus méritos, expondo o jeito todo especial do cara em lidar com a soul music** ● Ai, para valorizar seu primeiro trabalho como produtor, o baterista dos Titãs remasterizou o disco do **Moleque De Rua**, grupo da periferia de São Paulo que confeccionava seus instrumentos com sucata e objetos inusitados (tinha até um chinelofone). Tem "Herodes" e "O Sósia", que quase fizeram sucesso no começo dos 90 ● **Novidades, só no mês que vem.**

IMPORTE-

Os lançamentos gringos que a alfândega esqueceu de confiscar

★★★★☆

Orishas
A La Cubana
Universal

Nova guarda de Cuba investe em rimas e cordas

Os Orishas surgiram no final da década de 90, quando Ruzzo e Yoruel deixaram Havana rumo a Paris para um intercâmbio escolar e aproveitaram para ficar por lá desfrutando a desigualdade social capitalista. A dupla juntou-se a mais dois expatriados, Roldán e Flaco-pro, e fundou o que poderia ser chamado de "o primeiro grupo de rap cubano" a invadir o circuito neoliberal. Dizer isso, porém, seria simplificar demais a proposta do quarteto. A banda vai muito além dos versos falados e das batidas programadas, embora as exiba em todas as faixas. Mais correto seria dizer que moderniza a música da ilha de Fidel, preservando as cordas e a percussão tradicionais – a única canção que recorre às costumeiras citações do hip-hop é "537 Cuba", calcada em "Chanchan" (imortalizada por Compay Segundo). Mas o fino de *A La Cubana* está mesmo nas bem tramadas rimas de "Represent" ou na levada latino-urbana de "Mistica", perfeito cruzamento entre os tiozinhos do *Buena Vista Social Club* e a geração que cresceu nas quebradas de qualquer metrópole. Enfim, um disco para esfregar a nova guarda cubana na cara dos publicitários.

Emerson Gasperin

Para quem gosta de:
Afro-Cuban All Stars, Cypress Hill em espanhol, Femi Kuti

★★★★☆

Vários
Badlands – A Tribute To Bruce Springsteen's Nebraska
Sub Pop

Reconstrução de um clássico da melancolia

Tributos. Dá para contar nos dedos aqueles que não geram repúdio. Então, o que dizer de *Badlands*? Voltando no tempo, em 1982, depois de sacramentar seu nome com *Born To Run* e *The River*, e, dois anos antes da hecatombe mundial de nome *Born In The U.S.A.*, Springsteen compôs sua obra mais melancólica. Cantando as mazelas da sociedade americana e retratando os excluídos da Era Reagan, Bruce fechou-se em um quarto de hotel e gravou *Nebraska* em apenas dois dias e quatro canais. Quase 20 anos passados, surge um tributo ao álbum. Com uma condição: a forma de gravação repetiria a usada em 1982, ou seja, no mesmo número de canais. Entre os deslizes e acertos, o saldo é positivo. Ponto para as versões dos Crooked Fingers ("Mission On The Hill"), da cada vez melhor Aimee Mann (com Michael Penn em "Reason To Believe") e de Ben Harper ("My Father's House"). De bônus, três musiquinhas da época, com destaque para "I'm On Fire", interpretada por Johnny Cash. Uma bela homenagem, respaldada pelo conceito bem arquitetado. Valioso também por mostrar a outra faceta do "chefão", desmistificando a imagem de *american hero*, a qual ele nunca aceitou.

Marco Bezzi

★★★★☆

Donnas
Turn 21
Lookout!

Elas só querem farrear

Rock com groupies, bebidas e peladões

Enquanto a maioria de suas colegas preocupava-se com a festa de formatura do colegial, esse quarteto só pensava em fazer barulho. Agora, em seu quarto disco, as Donnas deixam de ser lolitas do punk rock para cair bêbadas legalmente nos braços de quem pagar os drinques. Aos 21 anos, elas estão longe de amadurecer. Ainda bem. Com as mesmas camisetas, tênis e jeans pretos, as Donnas mantêm a consistência demonstrada aos 16 anos. Mas algo mudou: as Ramones de San Francisco finalmente podem fazer o que sempre insinuaram em suas canções sem que ninguém vá parar na cadeia. Desde os dias em que Joan Jett brigava com Lita Ford pela liderança das Runaways não aparecia uma banda de meninas tão disposta a ferrar com os ideais machistas do rock'n'roll. No novo CD, elas pedem mais groupies, bebidas e bobões sem roupas para usar e dispensar. Nem L7 era tão atrevida. E as garotas abusam. Sua versão de "Living After Midnight", clássico do Judas Priest reduzido a Cheap Trick de quatro acordes, revela a falta de respeito da banda. As Donnas exploram o fato de guitarras serem tradicionalmente convertidas em símbolos fálicos para estuprar os clichês. A platéia faz fila e nem pede devolução. Ao contrário, quanto mais hard, melhor.

Marcel Plasse

★★★★★

The Gentle Waves
Swamsong For You
Jeepster

Para dar prosseguimento ao culto a Belle & Sebastian

No meio de tanto barulho e progressões tecnológicas, é possível sobreviver fazendo música de qualidade sem abrir mão de delicadezas suaves, cantos sussurrados e singelos arranjos para quarteto de cordas? Para Isobel, violoncelista do Belle & Sebastian, a resposta é sim. *Swamsong For You*, o segundo álbum como o alter-ego Gentle Waves (que conta com participações especiais de Stuart Murdoch e do ex-Vaselines Eugene Kelly), traz a mesma identidade de seu grupo (capa monocromática, dez músicas, versos com personagens nos detalhes, referências gráficas de LPs antigos), porém capricha mais na doçura, à proeminente em sua banda principal. Começa arrebatador com harpa, sinos e violinos ("Let The Good Times Begin"). Passa por vários fragmentos de relacionamentos amorosos ("Solace For Pain", "Partner In Crime", "Loretta Young"), um hit de melodia irresistível ("Falling From Grace") e até mesmo um rockabilly light ("Sisterwoman"). Termina com tocantes reflexões sobre a inconseqüência da infância e sua triste perda com a chegada da vida adulta ("There Was Magic, Then..."). Quem até hoje gosta de contos de fadas e se emociona com a lúdica história do freak Edward Mãos-de-Tesoura deve correr já atrás deste tesouro.

Abonico R. Smith

O vocalista Papa Crazee tira uma onda na banheira

Divertido como pólvora

★★★★☆

Oneida
Come On Everybody Let's Rock
Jagjaguwa

É por causa de bandas como o Oneida que o rock'n'roll não morre. Para cada embuste chauvinista, para cada imbecil metido a sério surge uma turma de fanfarrões que, além de entender do riscado e respeitar tradições (e também subvertê-las), diverte-se à beça tocando guitarra, baixo e bateria. Rock não precisa de mensagem, de ser panfletário ou conscientizador – tá lo Queens Of The Stone Age que não nos deixa mentir. O grupo de Josh Homme e Nick Oliveri é parente em segundo grau do Oneida. As duas bandas não se sentem envergonhadas de explorar bons riffs, demorar bastante em alguns solos e reaproveitar o que de melhor o hard rock setentão produziu. O quarteto de Nova York se aproxima até de bandas garageiras do fim dos 60 e daquilo que se convencionou chamar de space rock. Um indício é a versão lisérgica de "Slip Inside This House", do 13th Floor Elevators (extinto grupo liderado pelo loki Roky Erickson). A linha (branca) de semelhança com o Queens também pode ser sentida na incrível "Snow Machine", que insinua que os yuppies largaram a cocaína pois começaram a esquiar na neve. Trocando de droga. De *Come On...*, o terceiro disco deles, também vale citar a levada de guitarra arrasadora de "Major Havoc" e a festa do barulho que é "Doin Business 'n Japan". O exército da salvação do rock ganhou novos soldados: Kid Millions (bateria), Bobby Matador (teclados), Hanoi Jane (baixo) e Papa Crazee (voz e guitarra), pelotão Oneida.

Para quem gosta de:
Thin Lizzy, MC5, Blue Cheer, Monster Magnet, Mudhoney

José Flávio Júnior

★★★★☆

Godspeed You Black Emperor!
Lift Your Skinny Fists Like Antennas to Heaven
Kranky

Vanguarda guiada por três guitarras e dois baixos

A difícil trajetória do Godspeed You Black Emperor! começou como um projeto underground assumido, circulando em exatas 33 cópias de fitas cassete, em 1994. Quando menos se esperava, teve um disco lançado em CD. Agora, o improvável está consumado. *Lift...* gerou ansiedade e ganhou destaque entre a crítica internacional. Essa banda de Montreal, no Canadá, é uma das raras que perseveram na adaptação da música de vanguarda para a afinação das guitarras elétricas, que são três ao todo (mais dois baixos, uma pequena orquestra de cordas, percussão grunge e trechos de gravações casuais feitas em lojas de conveniência ou em leitos de moribundos). Inevitável comparar com trilhas sonoras. Ha crescendos e dinâmica tensa acompanhando a lógica pseudo-serialista, a microfonia e a sugestão de um psicopata espreitando no fundo da platéia, faca em punho, afiada como cordas de violino. No claro, fica entre Pink Floyd e Spiritualized, Brian Eno e Sonic Youth, rock espacial pós-progressivo, minimalista e ambiente. Tudo em apenas quatro faixas sem nem um verso sequer. **MP**

Para quem gosta de:
Tortoise, Robert Fripp e King Crimson, Mogwai

OS 10 MAIS

Não me amole com esse papo de emprego, o que eu quero é sossego

Quando a festa acaba

Uma sinuquinha pós-gandaia também não é nada mau...

Antes de baixar a bola e se conformar com o fim da noite, experimente relaxar com os sons que fazem a ponte entre o agito e o sono e descubra o que é chill out

Há uma hora em que acaba o pique e os energéticos, o sol do dia seguinte já está a pino e não resta outra alternativa senão baixar a bola. É o estágio da festa conhecido como "chill out". A expressão pode ser traduzida para o portugues como esfriar, relaxar, descansar – no Brasil já foi convertida em substantivo ("vai ter um chill out na casa de fulano"). E foi por aqui também que o termo passou a designar qualquer encontro pós-balada, seja para curtir calmamente aquela transição entre o agito e o momento de capotar, seja para continuar acelerando ate o corpo pedir arrego.

Mas o que a gente quer aqui é falar da primeira opção. Falar de sons que relaxam, que fazem uma lenta e trabalhada massagem nos ouvidos e cérebro (ou pelo menos no que restou dele). Não se trata exatamente de um gênero – embora muitos agrupem esses sons na categoria "downtempo" que, em português, significa "andamento musical lento" –, mas de vários. Ambient, dub, trip-hop, post-rock, illbient, easy listening, loungecore, jazz digital, temas de cinema, entra tudo isso e muito mais na esfera da trilha do sossego.

As raizes, claro, são muitas. Vão desde o easy listening de Burt Bacharach até o indie climático dos Cocteau Twins. Mas nada é mais importante na formação dos sons contemporâneos de chill out do que o dub e o ambient. O primeiro é uma variação cósmica e alucinógena do reggae, basicamente instrumental, e que encharca as músicas de efeitos com o objetivo de (e)levar a mente para um colorido passeio. Os mestres dessa matéria são Lee Perry, Augustus Pablo, King Tubby e Mad Professor.

Já o ambient foi inventando pelo ex-Roxy Music Brian Eno em meados dos anos 70. Seu conceito era ser uma música que se integrasse à paisagem, que simplesmente parasse no ar, sem incomodar ou provocar reações. Conforme alguém definiu certa vez, "papel de parede para o ouvido". Dos anos 90 para cá, ambient também começou a classificar sons placidos e flutuantes.

Obviamente, a seleção a seguir deixa muita coisa boa e importante de fora (Autechre, Aphex Twin, Global Communication, Loop Guru, Thievery Corporation). Mas o repertório é bacana e variado, destinado a arrancar elogios no chill out (isto é, daqueles com forças para conseguir falar). Um problema, porém, sempre vai permanecer: decidir quem é o próximo a levantar para trocar o CD.

Camilo Rocha

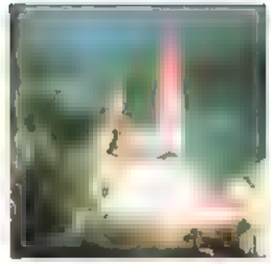
Brian Eno/David Bowie
My Life In The Bush Of Ghosts (1981)
Fusão de eletrônica, ambient, world music e vozes sampleadas que virou padrão para muito chill out. Entre as fontes usadas estão um cantor egípcio, um político, um pregador evangélico e um canto islâmico, o que dá uma idéia da imprevisibilidade da coisa. Aqui tem funk desengonçado, rock torto, eletrônica bizarra, música árabe e climas tensos. Se não é exatamente relaxante, pelo menos é um transporte garantido para a cabeça.

KLF
Chill Out (1990)
O primeiro álbum feito pensando pura e simplesmente no descanso auditivo dos ravers. A receita mais usada no ambient moderno está aqui: samples inusitados disparados ao fundo, ondas de teclados flutuantes e ausência de batidas. Os sons, que incluem amostras de Elvis, Fleetwood Mac, gaivotas e trens, parecem ter sido espalhados aleatoriamente, levam a mente para um rolé em dimensões menos visitadas. A idéia é deixar rolar por inteiro, sem se importar

Massive Attack
Blue Lines (1991)
Uma cinematográfica viagem, cheia de sombra e emoção, por territórios como dub, rap, soul, funk e eletrônico. O hit "Unfinished Sympathy" é capaz de comover até o mais macho dos pit boys. O vocal de Shara Nelson mais uma sessão de cordas celestial mexem nas câmaras mais profundas da alma. "Daydreaming" é um rap tão sossegado que parece que o vocalista o interpretou deitado olhando a chuva fina pela janela. E por aí vai, impecavel. Classe, pura classe.

David Holmes
Let's Get Killed (1997)
Foi graças a trabalhos como *Let's Get Killed* que o mundo percebeu o talento desse DJ irlandês tarado por trilhas de cinema. Holmes saiu por Nova York gravando falas e sons da metrópole, que vão de malucos conversando sozinhos a traficantes de rua. No disco, ele intercala várias dessas falas com um roteiro de lounge, jazz-funk, ambient, dub, breakbeats e, claro, música de cinema. Perfeito como trilha sonora de um filme que só existe dentro da sua cabeça .

Kruder & Dorfmeister
K&D Sessions (1998)
Essa coletânea da dupla austríaca é uma coleção de sons chapados e preguiçosos, daqueles cheios de barulhinhos que a mente só consegue captar em certos estados alterados. Entre os artistas retrabalhados por eles estão Bomb The Bass, Depeche Mode, Count Basie, Bone Thugs-N Harmony e Roni Size. Não encane se a relação parecer meio disparatada, porque as cirurgias deixam apenas vagas referências dos originais. Som para prender a fumaça por bastante tempo.



The Orb
U.E.Orb (1999)
O líder do Orb, Alex Patterson, tornou-se o primeiro DJ de chill out da história quando foi convidado pelo mega-DJ Paul Oakenfold para tranqüilizar os foliões numa pistinha menor de seu clube Land Of Oz, em 1988. Essa compilação dá uma boa idéia da sonoridade dub-techno-progressiva-psicodelica da banda. E o Orb também é legal porque é debochado (chill out, afinal, é para dar risada também). Um exemplo é a capa acima, com o dedo medio em riste

DJ Shadow
Entroducing (1996)
O trip-hop é lento, sujinho, meio deprê, com bases de hip-hop, técnicas de dub e dinâmica eletrônica. A estréia do DJ Shadow é considerada um marco no estilo e uma obra essencial da eletrônica em geral. *Endtroducing* foi criado a partir de samples, na maioria das vezes irreconhecíveis. O resultado é um nevoeiro de texturas e trechos sonoros quicando nas faixas. Profundo e perturbador, é o tipo de disco que vai fazer você sonhar acordado (cuidado para não queimar o sofá).

Air
Moon Safari (1998)
Nos créditos de *Moon Safari* há uma profusão de teclados antiga (Moog, Rhodes, Wurlitzer), responsável pela atmosfera cool dessa dupla francesa. O hit é "Sexy Boy", o que os Mutantes estariam fazendo se tivessem surgido em 1995. A canção dá o tom para o resto do disco, que se esbalda por lounge, jazz e bossa nova. "La Femme D'Argent" é a seguinte cena traduzida em forma de música: fim de tarde na beira da praia, com uma brisa suave balançando você numa rede.

XRS Land
Sarau (1999)
Quem podia imaginar que uma bateria eletrônica com um violão ia soar tão bem, como na faixa de abertura, "The Secrets Of The Floating Island"? XRS Land, o projeto do DJ e produtor paulistano Xerxes, agrega toda a finesse e sutileza da bossa nova a ritmos de drum'n'bass tranquilos. Dessa combinação surge um mix fluido de levadas e timbres que escorrega gostoso pelo cerebro, sem abdicar da melodia e da inovação. Um disco para se ouvir de boca fechada.

Augustus Pablo
Dub, Reggae & Roots From the Melodica King (2000)
Não dá para deixar de fora um representante de dub em uma seleção de chill out. Essa coletânea de Dom Pablo é bem abrangente e repleta de momentos históricos que influenciaram praticamente todo mundo citado nesta materia. Derreta com categoria ao som da "melodica" , do baixo estremecedor, das baterias minimais e de uma série ilimitada de efeitos de estúdio destinados a fazer sua consciência sair do corpo. Fundamental.

Cadê aquele?

Conhecido como o cara mais organizado dos Raimundos, o baterista Fred não demonstra o mesmo cuidado com seus álbuns. São vinis e CDs espalhados entre Rio e Brasília, alguns sem caixa, outros só com a embalagem ou ainda lacrados

A proposta de mostrar sua coleção para BIZZ deixou Frederico Melo preocupado. Primeiro, porque seus vinis ficaram na casa dos pais, em Brasília. E também porque o baterista dos Raimundos já morou em São Paulo e hoje está confortavelmente instalado com a mulher, Cristiane, em um apartamento no Leblon, bairro carioca imortalizado pela novela *Laços De Família*. E, você sabe, é praticamente impossível não ter perdido (ou não ter a mínima idéia de onde anda) algum CD depois de tantas mudanças. "Manda arrumarem as capas do *Destroyer*, do Kiss, do *Killers*, do Iron Maiden, e do *Back In Black*, do AC/DC. Foram meus primeiros discos de rock, quando era moleque, e me tornaram um fissurado", avisa ele. Fred lembra ainda de *Thriller*, de Michael Jackson ("tive minha fase"), e do clássico *It's Alive*, dos Ramones, que o ajudou a conhecer um certo trio em Brasília.

Além de ainda não ter concluído o processo de mudança para o novo lar, a vida pregressa de Fred não contribui para a organização dos discos. "Quando eu morava com o Zé Ovo *(ex-baixista do Little Quail And The Mad Birds e atual roadie do Maskavo Roots)* em São Paulo, o apartamento era tão pequeno que os CDs só cabiam sem caixa", recorda, abrindo um estojo onde bolachinhas dos Pixies, Beach Lizzards e outros disputam espaço. A recíproca também existe: caixas sem discos dentro. "Pô, onde foi parar o do 311? É um dos que mais gosto", lamenta o baterista. CDs ainda lacrados também não faltam. "Devo estar no mailing de alguma gravadora", desconfia ele, enquanto contabiliza Fafá de Belém e uma banda chamada Os Bussolas na lista dos escuto-quando-tiver-tempo.

Fred confessa – não sem um certo orgulho – que a lineariedade não é o forte de sua coleção. "Não é aquele velho papo de que eu ouço de tudo, mas há umas coisas que não têm nada a ver umas com as outras aqui, como punk rock, grunge, alternativo nacional tipo Second Come e a minha querida caixa do Luiz Gonzaga." Isto porque a coleção de vinis ficou lá em Brasília...

Bernardo Araujo

Fred exibe os sobreviventes de tantas mudanças

Prateleira Especial

O primeiro disco
"*Destroyer*, do **Kiss**. Imagina essa capa, esses caras mascarados... Não tem como uma pessoa não ficar fascinada com o Kiss na adolescência."

Jóia do acervo
"O melhor presente que alguém pode receber a caixa do **Police**. Sou viciado nessa banda, principalmente no Stewart Copeland, o baterista. É por causa dele que eu toco."

Alta rotação
"Escuto direto o segundo do **Foo Fighters**, *The Colour And The Shape*, desde que foi lançado. É um disco de rock praticamente perfeito. Estava louco para vê-los no Rock In Rio, mas a gente tinha show marcado, então meio... Tanto *Lapadas Do Povo* quanto *Só No Forévis*, dos **Raimundos**, também estão entre os favoritos de Fred. Mas um traz lembranças muito melhores do que o outro. "O *Lapadas*... foi um estresse só para gravar, tava todo mundo meio brigado. No *Só No Forévis* foi o contrário, tudo fluiu bem, o disco tem todo esse astral pelo qual a gente estava passando."

É claro que clássicos do punk rock têm frequência garantida no CD-player do baterista. Os **Dead Kennedys** aparecem em toda a sua magnitude. *Fresh Fruit For Rotten Vegetables* não sai da moda. "Foi o que me fez largar um pouco o hard rock pelo punk, essas melodias, essa irreverência", diz.

Confissão
A indefectível **PJ Harvey** é o símbolo de um fetiche musical de Fred. "Adoro mulher cantando, sou tarado por isso." Ele tira da manga o grupo **Letters To Cleo**. "Se eu um dia for produzir um grupo com vocal feminino, quero que o disco soe como esse."

Receita para se fazer um trabalho clássico

Disposto a indicar um caminho diferente para o combalido rock nacional, o Ira! dispensou o produtor, recorreu a referências diversas e criou o tão belo quanto incompreendido *Psicoacústica*

O terceiro disco do Ira! já foi chamado de tudo: maldito, visionário, ousado, suicida... A começar pela decisão do quarteto de abdicar de um produtor para o trabalho. Apenas os integrantes e o engenheiro de som português (que viraria um megaprodutor no futuro) Paulo Junqueiro seriam suficientes – nenhum grupo de rock nacional nascido nos anos 80 havia feito proposta semelhante às suas gravadoras.

A criação de "Farto Do Rock'n' Roll" dá uma idéia do clima reinante durante as gravações no estúdio Nas Nuvens, no Rio de Janeiro. O baixista Gaspa chegou com um tema pesadíssimo. A música ficou pronta, mas a letra não saía. Então, o guitarrista Edgard Scandurra apareceu com os versos que falavam de "outros sons, outras batidas, outras pulsações" e agrediam o rock de uma maneira inteligentíssima. Nasi não quis cantar aquilo, por julgar ofensivo demais. Pediu para Edgard assumir a bronca, mas não se furtou a demonstrar seus dotes de DJ fazendo scratches na canção, enquanto o baterista André Jung introduzia batuques de samba. Mais tarde, o guitarrista confessaria que sua intenção era dar um toque em Nasi e André, envolvidos até o talo com a produção hip-hop da época.

Concluído, o trabalho não deixava dúvidas quanto aos méritos. Os problemas ao redor da obra, no entanto, foram vários. Primeiro: a gravadora não conseguia achar uma música de trabalho. As faixas eram compridas e consideradas "difíceis". A reflexiva "Pegue Essa Arma" foi a encarregada de puxar o disco e já determinou seu fracasso – apenas 50 mil cópias vendidas, 200 mil a menos que o antecessor *Vivendo E Não Aprendendo*.

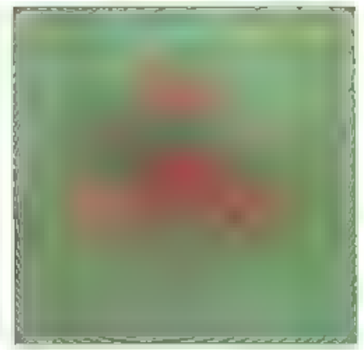
Segundo: o single seguinte foi o protoreggae "Receita Para Se Fazer Um Herói", cuja letra fora fornecida por um excolega de exército de Scandurra, o soldado Esteves. Ele saiu nos créditos, mas cismou de pedir uma grana absurda pela autoria, sob a ameaça de embargar a obra. Paralelamente, uma leitora de BIZZ acusava o Ira! de plágio, pois tinha lido a letra de "Receita..." em um livro de História. O rolo fenomenal só terminou quando a viúva do escritor português Reinaldo Edgar de Azevedo e Silva Ferreira, o verdadeiro dono do poema, foi encontrada.

Terceiro: usar sampler não era algo comum nos idos de 80, o que levou Nasi a procurar o cineasta Rogério Sganzerla para a liberação das frases de seu filme de estréia (*O Bandido Da Luz Vermelha*) para as faixas "Rubro Zorro" e "Pegue Essa Arma". O diretor concordou, contanto que fosse chamado para dirigir um clipe para a banda. A gravadora topou, Sganzerla pediu muito dinheiro, a gravadora deu para trás, Sganzerla passou a ligar para Nasi de madrugada ameaçando embargar a obra (mais um!).

Apesar de reunir rocks sublimes como "Poder, Sorriso, Fama" e "Manhãs De Domingo", nos quais o guitarrista abusava de camadas, efeitos e recursos de produção da época, *Psicoacústica* chocava o ouvinte pela ruptura com o passado recente do Ira!. "Advogado Do Diabo", um rap sobre base de pandeiro, foi fundamental para o surgimento do mangue beat. Chico Science era tão maluco pela música que chegou a incluí-la no repertório da Nação Zumbi.

Por ter antecipado tendências e reunir as melhores canções adultas da banda, o disco manteve seu frescor por todos esses anos. Jogou o Ira! no ostracismo, mas isso é só um porém. Nasi confirma: "Fariamos tudo de novo, nunca achamos que tinhamos dado uma bola fora"

José Flávio Júnior



Ano de lançamento: 1988
Produção: Ira! e Paulo Junqueiro
Músicas: "Rubro Zorro"•"Manhãs De Domingo"•"Poder, Sorriso, Fama"•"Receita Para Se Fazer Um Herói"•"Pegue Essa Arma"•"Farto Do Rock'N'Roll"•"Advogado Do Diabo"•"Mesmo Distante"

O grande atrativo do LP eram os óculos 3D que vinham de brinde para que os efeitos da capa saltassem aos olhos. Já o cassete trazia uma faixa-bônus gravada no festival Hollywood Rock do mesmo ano, a antiga porém inédita "Não Pague Pra Ver". O baterista dos Titãs (e ex-Ira!) Charles Gavin aguarda o OK da WEA para poder remasterizá-lo, como fez com os dois anteriores.

Edgard, Nasi, Gaspa e André posando com os óculos 3D que acompanhavam o LP

Divulgação

Por Fabiana Batistela
Discos independentes, demos e fanzines:
envie para Caixa Posta. 66157, CEP 05315-970, São Paulo, SP

Só para sentir

Eles sobem ao palco como se estivessem homenageando o rock'n'roll. Muito bem vestidos, de terno, gravata e sapato social, transformam cada apresentação em um momento superespecial. E é logo após o primeiro acorde que qualquer dúvida sobre o respeito que o quarteto goiano tem pela música desaparece definitivamente. Na ativa desde novembro de 1994, os **Mechanics** são uma explosão de energia e paixão.

O primeiro álbum da banda, *Psycho Love*, lançado no fim do ano passado, consegue transmitir isso muito bem. Nele, a espontaneidade e libertinagem do rock de garagem se misturam à crueza e emoção do grunge. Stooges, Mudhoney e Nirvana são os primeiros na lista de artistas preditetos dos integrantes. Além disso, faixas como "Reptile" e "Cool" lembram Greg Dulli e seu Afghan Whigs.

A opção pelo inglês, segundo o vocalista Márcio Jr., vem do conjunto de referências que o grupo tem. A ideia é fazer a voz funcionar como outro instrumento, contribuindo para que o público sinta a música. "Quando você canta em português, explicita tudo o que está sendo dito e acaba limitando a percepção de quem está ouvindo", enrola Márcio. "Já em inglês, as pessoas entendem apenas um verso ou outro e intuem o resto, viajando na música do jeito que desejar"

Com frases curtas e expressões fortes, os Mechanics dão o tema e cada um faz o que quiser com ele. Amores bizarros, relações doentias e todo um universo paralelo da pop art, histórias em quadrinhos, cinema e pornografia viram influência e assunto. O encarte é impecável e vem recheado de ilustrações de Fabio Zimbres, "o cartunista mais doente do Brasil" para o vocalista. Coisa muito fina! **Contatos: tel. (62) 223-7721; e-mail mechanics@monstrodiscos.com.br**

O quarteto canta em inglês para as pessoas viajarem

zZunido na cena gaúcha

O **zZona** é a banda de dois irmãos gaúchos que surgiu no meio do ano passado por causa do filme *Tolerância*, de Carlos Gerbase. Fabian (33 anos, vocal) e Roger (30, guitarra, baixo e viola) compuseram "Solidão" e mandaram para o diretor pouco antes de o projeto ficar pronto. Com produção de Flu e 4Nazo, a música foi escolhida entre mais de 400 concorrentes e acabou entrando na trilha sonora do filme, com outros artistas do Rio Grande do Sul – a maioria independente, como Tom Bloch, Wander Wildner e Jupiter Apple.

A partir daí, a dupla, já com certa experiência adquirida em bandas anteriores, empolgou-se e resolveu não parar mais de compor. Eles já têm três músicas gravadas e várias outras prontinhas para chegar ao estúdio e completar o primeiro álbum. Funk, rock, samba, bossa nova e dance se misturam à base eletrônica esperta e moderna. Jorge Ben, Lobão, Morcheeba e Freakpower (antigo projeto de Norman Cook, também conhecido como Fatboy Slim) são alguns nomes que gostam de citar como influência. "É uma verdadeira zona", sorri Roger, explicando que, a princípio, era essa a pronúncia certa do nome do grupo, mas um locutor de uma rádio gaúcha, uma vez, pronunciou o primeiro "z" e ficou z-zona. **Contatos: tel. (51) 9128 9553; e-mail: zzona@poa.zumnet.com.br**

Roger e Fabian *(lota maior)*: zZoeira zZonora

No mundo da lua

"Conexão, informação e integração, em busca da unificação humana a serviço da cultura, gerando paz, amor e evolução." Essa é a filosofia de **Vadeco E Os Astronautas**, um trio de Curitiba, de apenas um ano de vida, que já impõe moral. Apesar da pouca idade da banda e de seus integrantes – Vadeco (vocal e violão) tem 22 anos e seu irmão Vina (percussão), 20 –, os paranaenses têm pontos respeitáveis em seus currículos. Em abril de 2000, por exemplo, ainda recém-nascidos, foram escolhidos para abrir um show de Tom Zé na cidade onde moram.

Os dois irmãos e o velho amigo Luciano (teclado e sintetizador), porém, já tocam juntos há quatro anos. Participaram de várias bandas de reggae e chegaram a ser músicos de apoio de Amlak Tasari, baixista do Pato Banton, durante sua turnê pelo Sul do Brasil, no verão de 1999. Vadeco também tocou no Skuba entre 1997 e 1998. "Mas nunca foi muito nossa praia. Só hoje fazemos exatamente o que gostamos", diz o vocalista.

Ele está se referindo à Música Popular Cósmica Brasileira, ou seja, uma MPB em contato com o universo, sem preconceito e com mistura de rock, rap e vários elementos eletrônicos e referências étnicas. Dá até para sentir uma certa atmosfera trip-hop em algumas faixas. As influências passam por Zé Ramalho, Cocteau Twins, Bjork e Chico Science. Tudo muito bem costurado pelas boas letras e pela espiritualidade dos garotos. Não é apenas uma banda, mas "um movimento neo-hippie". A citação do começo do texto refere-se aos eventos multiculturais promovidos pelos integrantes. "A idéia é aproveitar o espaço e os custos da realização de um show, por exemplo, para divulgar outros artistas, fotógrafos, cineastas, escritores", explica Vadeco, a fim de unir mídias e expressões artísticas em prol da cultura e de uma vida melhor. **Contatos: tel. (41) 253-2760; e-mail. vadeco@terra.com.br**

Vadeco se diz "neo-hippie" e acha isso legal

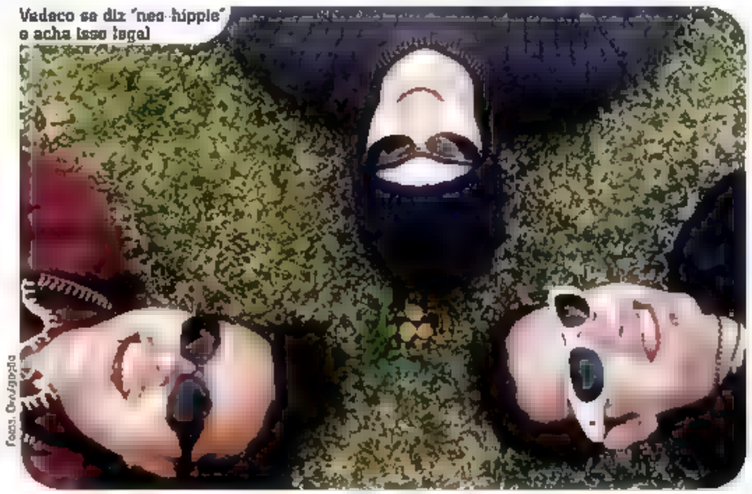


Foto: Divulgação

Promoção Monstro Discos.

Estas são as dez pessoas que melhor souberam soltar o monstro de dentro de si e, por isso, vão receber no conforto de seus lares um kit com os incríveis CDs, fitas cassete e compactos coloridos da Monstro Discos:

Alexsandro F. Corrêa – Campinas, SP / Eduardo Reis Oliveira – São Leopoldo, RS / Erpetson da Silva Lucena – Patos, PB / Fabiana Maria Gonçalves de Moura – Santos, SP / Hélio Luis Medina – Paulínia, SP / Mariana Magalhães Esteves – Pindamonhangaba, SP / Marco Antonio C. Lima – Santos, SP / Nilce de Souza Sampaio – Rio de Janeiro, RJ / Reinaldo Zanello Klostermann – Curitiba, PR / Rinaldo Gomes Branquinho – Cruzeiro, SP

Zines, selos, festivais e o escambau

UDI

São José dos Campos está invadindo o underground paulistano. Depois do Blemish quase monopolizar as casas de shows alternativas de São Paulo, é a vez do **Vermelho 40** e do **Jerks** começarem a mostrar a cara. Dia 8 de fevereiro, as duas bandas se apresentaram no Borrachana Bar na capital paulista, e presentearam as poucas pessoas que compareceram ao local com um bom repertório retirado de seus álbuns de estréia, além de garotas bonitas e integrantes com muita disposição para o rock. O Vermelho 40 abriu a noite e convenceu com composições vibrantes e covers de Astromato e Gang 90, sem falar na performance da vocalista Débora. Vestida de bruxinha (com um chapéu enorme e pontudo), pulou o tempo todo no pequeno espaço que tinha e esbanjou carisma. Nasceu para isso! Os Jerks, pela primeira vez na cidade, pareciam meio tímidos no começo, mas logo começaram a impressionar. As ótimas "Hello" e "Fora De Mim" ficaram ainda melhores ao vivo, e "Hey You", no final, teve coro e tudo. Pecaram na dobradinha de Pixies, mas acertaram na cover de "Fale Mal De Mim", dos Autoramas, "a melhor banda do mundo" segundo a baixista e vocalista Selma. Shows melhores que as gravações. Como deve ser, pelo menos no mundo independente ● **A banda Wacko, de Guarulhos (SP), na ativa desde 1997, acaba de lançar a epônima segunda demo. Letras em inglês e proposta de misturar a psicodelia da década de 60 com o pós-punk dos anos 80 e as bandas guitar dos 90. Fica ali na praia do Jesus And Mary Chain, Ride, etc. Site: www.wacko.hpg.com.br** ● Já faz cinco anos que o escritor e produtor cultural baiano Edmilson Sacramento resolveu transferir seu fanzine do papel para o telefone, criando assim o **Telefanzine**. A idéia é boa e simples: você liga para o telefone (71) 533-6640 e recebe informações sobre o mundo underground, agenda de shows, lançamentos de CDs, anúncios de compra e venda de discos e instrumentos e ainda pode deixar seu recado gravado. A atualização é diária e custa apenas o preço de um interurbano normal, menos para Salvador, claro. Edmilson recebe hoje quase 500 ligações por dia, a maioria local. "Salvador não tem muita opção de cultura alternativa", acredita ele. No começo de 2000, lançou uma coletânea só com bandas de ouvintes, chamado *Linha Direta Com O Rock*. Tem de punk a pop e mostra a nova cena soteropolitana. Encomende o seu pelo e-mail 533@terra.com.br ● **Outra opção para ficar por dentro do que acontece nos porões do Brasil é o Assessorindie, um informativo semanal via e-mail que traz datas de shows, festas e eventos do underground de várias cidades do país, além de novidades, dicas de sites, CDs, zines e comentários bem-humorados sobre tudo o que é notícia no mundo indie. Para receber o seu, escreva para assessorindie-subscribe@egroups.com**

Sai da frente!

Gostaria que vocês publicassem a discografia do Front 242.

André dos Santos – Guarujá, SP

André, anote aí: *Geography* (1982); *Back-catalogue* (1987); *Official Version* (1987); *Front By Front* (1988); *Mixed By Fear* (1991); *Tyranny (For You)* (1991); *06-21-03-11 Up Evil* (1993); *05-22-09-12 Off* (1993); *Angels Versus Animals* (1993); *Live Code 5413356424225* (1994); *Mut@ge.-Mix@ge* (1995); *Headhunter 2000* (1998); *Re-Boot Live* (1998).

Antes tarde do que nunca

Eu sou um amante do grunge. Adoro Nirvana, Pearl Jam e conheço muito o Alice in Chains, mas ainda não tinha ouvido Soundgarden. Hoje estou louco pela banda e queria saber um pouco sobre ela. O grupo acabou mesmo? Qual o nome dos caras?

Vicente de Paulo Lamas – Belo Horizonte, MG

Demorou para ouvir Soundgarden, hein, Vicente? A banda nasceu em 1984, em Seattle e, infelizmente, já acabou, sim. Faz quatro anos que o quarteto não toca mais junto. Apesar de haver boatos de que o motivo do rompimento teria sido o fracasso de vendas do último álbum, *Down On The Upside* (1996), o grupo alegou que a verdadeira causa foi a divergência de interesses entre os integrantes, que queriam trilhar caminhos diferentes. Um comunicado no site oficial da banda diz que a separação foi amigável e que todos estavam de pleno acordo. Desde 9 de abril de 1997, Chris Cornel (vocal), Kim Thayil (guitarra), Ben Shepherd (baixo) e Matt Cameron (bateria) estão cuidando de suas próprias vidas e carreiras. Cris lançou o disco-solo *Euphoria Morning* em 1999. O baterista está tocando com o Pearl Jam e tem um projeto paralelo com o ex-guitarrista do Monster Magnet, John McBain, chamado Wellwater Conspiracy. Parece até que o próximo trabalho deles terá a participação especial de Eddie Vedder nos vocais. Thayil integrou o WTO Combo, banda formada com o ex-Dead Kennedys Jello Biafra no vocal e o ex-Nirvana Krist Novoselic na guitarra. E, finalmente, o baixista fará parte da banda que acompanhará Mark Lanegan, ex-vocalista do Screaming Trees, nos shows na turnê de divulgação de seu quinto trabalho-solo, *Field Songs*, previsto para maio.

Esposa espiritual

Depois de ler a matéria com Richard Ashcroft em BIZZ de outubro, fiquei sabendo que sua esposa toca no Spiritualized. Então, procurei no Napster músicas da banda e fiquei virada no som deles! Vocês poderiam me dar a discografia do grupo e dizer quais CDs foram lançados no Brasil, além de quantas estrelas vale cada um?

Lívia Baptista – Rio de Janeiro, RJ

Kate Radley, mulher do ex-vocalista do Verve desde 1995, toca teclados e guitarra no Spiritualized, banda que nasceu em 1989 na Inglaterra. O grupo tem como líder Jason Pierce (vocal/guitarra) e herdou o minimalismo hipnótico de seu ex-grupo, o Spacemen 3. Sua discografia é a seguinte: *Lazer Guided Melodies* (1992); *Pure Phase* (1995); *Ladies & Gentlemen We're Floating In Space* (1997); *Live At The Royal Albert Hall* (1998). O único com edição nacional é *Ladies...* É difícil dizer quantas estrelas vale cada álbum, pois depende de quem os avalia.

Em busca do blues

Queria saber quantos trabalhos tem Kenny Wayne Shepard e em qual disco dele estão as músicas "Where Am I?" e "Last Goodbye".

Renato Miranda Ferreira – Capão Bonito, SP

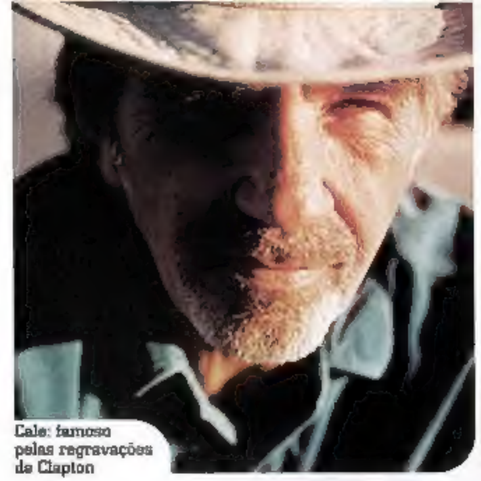
Kenny Wayne Shepard e seu grupo de blues-rock lançaram três trabalhos: *Ledbetter Heights* (1995); *Trouble Is...* (1997); *Live On* (1999). As duas músicas que você procura estão no último álbum.

Carreira de brilho

Moro fora do Brasil desde 1998, mesmo assim sou assinante da revista. Gostaria que publicassem a discografia do J. J. Cale e, se possível, que me dessem algumas informações sobre o sujeito, se ainda compõe, grava, toca, vive. Lembrem-se de que Eric "God" Clapton já regravou duas músicas do cara.

Wellington S. Cassiano – Riad, Arábia Saudita

Nascido Jean Jacques Cale, em 1938, o cantor e compositor J. J. Cale realmente é responsável por algumas dezenas de canções já interpretadas por artistas como Johnny Cash, Santana, Captain Beefheart e Deep Purple, entre outros. Além disso, como você disse, Wellington, duas de suas composições viraram hit no mundo inteiro com Eric Clapton: "Cocaine" e "After Midnight", que chegou à parada americana em 1970 e foi a primeira música de Cale a tocar no rádio. No ano passado, ele e Clapton gravaram três músicas com os Crickets para uma coletânea de tributo a Buddy Holly. Até o meio de 2000, Cale estava trabalhando na composição de um novo álbum, mas teve de ser interrompido no segundo semestre pela morte do amigo e produtor Audie Ashworth. Sua discografia é: *Naturally* (1972); *Really* (1973); *Okie* (1974); *Troubadour* (1976); *5* (1979); *Shades* (1981); *Grasshopper* (1982); *Number 8* (1983); *Special Edition* (1984); *Travel-Log* (1990); *Number 10* (1992); *Closer To You* (1994); *Guitar Man* (1996); *Anyway The Wind Blows – The Anthology* (1997); *The Very Best Of J. J. Cale* (1998).



Cale: famoso pelas regravações de Clapton

A pedido do leitor Cláudio Carvalho da Rocha - São Paulo, SP

FICHA Butthole Surfers

Importância

Um dos representantes do movimento pós-punk, o Butthole Surfers nasceu em 1981 no Texas e será certamente lembrado por suas performances marcantes, uma das mais depravadas já saídas do underground americano. Combinando tendências *no wave*, hardcore, psicodelia, hip-hop e muito barulho, muitas de suas gravações eram consideradas inaudíveis pelas rádios e pela imprensa.

Biografia

Filho de um apresentador de programa infantil de Dallas conhecido como "Mr. Peppermint", o vocalista Gibby Haynes conheceu o guitarrista Paul Leary na faculdade no fim dos anos 70 e formou com ele o Ashtray Baby Heads no começo da década seguinte. Logo eles se tornaram os Butthole Surfers, após um locutor de rádio se confundir e chamá-los pelo nome de uma de suas músicas. O primeiro trabalho saiu pelo selo Alternative Tentacles de Jello Biafra em 1984. Um ano depois, o grupo assinou com a Touch And Go, selo no qual permaneceu até 1989 e que lançou seus mais notórios e venerados trabalhos, incluindo os discos *Rembrandt Pussyhorse* e *Locust Abortion Technician*. Vários baixistas passaram pela banda até que, em 1983, King Coffey juntou-se à dupla original. Viviam na estrada, levando seu freak show a várias partes dos Estados Unidos. Dançarinas andróginas nuas, projeções de acidentes de carro e operações de mudança de sexo, efeitos pirotécnicos toscos e as incansáveis performances lascivas de Haynes eram constantemente apresentadas à platéia. Em 1992, o grupo assinou com a Capitol Records, para surpresa de toda a indústria musical. E, em 1996, causaram espanto emplacando um hit – "Pepper", do álbum *Electriclarryland* – na parada de sucesso americana. Desde 1993, o vocalista vem tocando ocasionalmente com seu projeto paralelo chamado P, que conta com um integrante ilustre, o astro de Hollywood Johnny Depp. O baterista Coffey administrou o Trance Syndicate, um respeitado selo alternativo especializado em bandas do Texas, até 1998. O guitarrista Paul Leary dedicou-se à sua carreira de produtor nos últimos anos e chegou a trabalhar com Meat Puppets, Supersuckers e Sublime. Depois do álbum de 1996, a banda andou meio parada por causa de problemas com a Capital, o que acabou fazendo com que abandonassem a gravadora. Recentemente, contribuíram com uma faixa, "They Came In", para a trilha sonora do filme *Missão: Impossível II*.

Foto: Divulgação

Trio pôs os surfistas em seu devido lugar

Discografia

Live PCPPEP (1984); *Psychic ... Powerless ... Another Man's Sac* (1985); *Rembrandt Pussyhorse* (1986); *Locust Abortion Technician* (1987); *Hairway To Steven* (1988); *Double Live* (1989); *Ploughd* (1990); *Independent Worm Saloon* (1993); *Hole Truth... And Nothing Butt* (1995); *Electriclarryland* (1996); *After The Astronaut* (1998)

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

BIDÊ OU BALDE

MUNDO LIVRE S/A

Qual é o melhor esquema para fisgar Melissa?

"Se tu quiser que eu te leve/Eu aprendo a dirigir." Essa é a cantada, com erro de português e tudo, que os gaúchos da **Bidê Ou Balde** jogaram para conquistar uma menina de pele branquinha e olhinhos puxados no hit "Melissa". Já Fred 04 e seu **Mundo Livre S/A** recorreram a comparações para exaltar uma galega na sensacional "Meu Esquema", tema do programa de Luana Piovani na MTV. Agora é sua vez de bancar o galanteador e bolar uma resposta para a pergunta: **"Qual seria seu esquema para faturar a Melissa?"**. Nossas leitoras estão mais do que convocadas a participar também. Podem usar de toda a intuição feminina e formular a cantada perfeita para a garota ou podem substituí-la pelo "Gerson" (outra música da Bidê). Os 25 mais criativos ganharão os discos *Por Pouco* (eleito o melhor de 2000 por BIZZ), do Mundo Livre S/A, e *Se Sexo É O Que Importa, Só O Rock É Sobre Amar!* (terceiro melhor de 2000, finalmente em edição nacional), da Bidê Ou Balde, ambos cortesia da Abril Music. Prove que é bom de lábia mandando sua carta para a **Promoção Com a Melissa tem esquema?**, Rua São Carlos do Pinhal, 60, 8º andar, São Paulo, SP, CEP 01333-000. O prazo final é dia 30 de março e o resultado sai em maio.

PROMOÇÃO • PROMOÇÃO • PROMOÇÃO

Fale com a gente: Rua São Carlos do Pinhal, 60, São Paulo, SP, CEP 01333-000
Atendimento ao leitor: e-mail: showbizz@simbolo.com.br

Só sexo e hempa
Estou feliz que esteja, finalmente, havendo um descontentamento por parte da revista em relação à estupidez vigente no cenário pop rock nacional. Está tudo muito igual e, pior, tudo igualmente chato. Reflexo nefasto do que acontece nos Estados Unidos, só fazem hardcore com "atitude hip-hop". Raimundos, Charlie Brown Jr., Tihuana, O Surto... Argh! E as letras? Esse pessoal todo só tem dois temas: sacanagem e maconha. Depois ainda vêm reclamar que o mal do país é o axé. Graças a Deus, bandas como Barão Vermelho, Ira! e Capital Inicial, do tempo em que se sabia fazer música, ainda estão aí para salvar a pátria da ruína completa. A menos que apareça uma nova e boa geração de artistas, é preferível ser um eterno "viúvo dos anos 80".
Mario de Sousa – São Paulo, SP

Saudade da Brasília amarela
Há cinco anos, o maior fenômeno da música pop brasileira nos deixava, exatamente no dia 2 de março de 1996. Acho que não é preciso mencionar o nome da banda. Mas, para os esquecidos: Mamonas Assassinas. Durante aquele ano, todos os meios de comunicação se mobilizaram e deram toda a cobertura do acidente. Mas será que eles foram lembrados nos anos seguintes? Infelizmente, não. Os Mamonas Assassinas foram os heróis da minha adolescência. Eles me ensinaram a gostar de música e a enxergar a vida de uma maneira diferente. Ainda me emociono ao ouvir as suas canções, que possuem uma energia muito positiva.
Lívia Carolina – Campina Grande, PB.

Pau no Rock In Rio da Globo
Parabéns, a revista está ótima. Gostaria de aproveitar este espaço para protestar! Foi péssima a cobertura do Rock In Rio pela Rede Globo. Não vi nada! Nem Foo Fighters, nem R.E.M., nem Neil Young, nem ninguém. Não se interrompe um show ao vivo para passar os melhores momentos de outro que já rolou! O apresentador também estava horrível, não entendia do assunto, sendo que na própria emissora havia pessoas mais gabaritadas para a função.
Emanuel Zuza Malta – São Paulo, SP

Tá legal, tá legal. Um dos mais chatos clichês dos clichês chatos é falar mal da Rede Globo. Mas, o que fazer? Os caras são de uma babaquice que é impossível ficar indiferente. Os anúncios de que transmitiriam o show de Neil Young me seduziram. Eu: inocente, puro e besta. Fiquei em frente da televisão, "desestoquei" as cervejas e me submeti ao Márcio Garcia. Onde é que a Globo consegue descobrir tantos apresentadores e repórteres beirando a debilidade mental? Pior, completamente ignorantes sobre o evento que transmitiam, com comentários simplórios. O festival em si até que trouxe três ou quatro nomes de respeito: os superestimados, mas bem legais Queens Of The Stone Age; Beck, apesar da "mudernice"; R.E.M.; o velho e bom Iron Maiden; o Oasis, apesar da descabida babação de ovo em cima deles; e, claro, o único que não fazia nenhum sentido naquele meio adolescente mongolóide: Neil Young. Quando o cara finalmente entra, toca cinco minutos daquele rock'n'roll completamente atemporal, ousado, livre e sem moldes. A primeira e única canção apresentada "mais ou menos inteira" vai por um improviso infindável e maravilhoso, com Young e Frank Sampedro duelando como se estivessem ensaiando na garagem. Música inclassificável, mas decididamente familiar. De uma hora para outra, enquanto estava embevecido com o estrago que aqueles senhores de camiseta, jeans e tênis faziam, quem reaparece? Sim, o Márcio Garcia, entrevistando Paula Toller e exibindo os melhores momentos do Kid Abelha! Tudo bem, Paulinha estava gostosinha naquela roupa brilhosa, mas, porra, era o show do Neil Young! Depois disso, só passaram flashes do velho outsider e fui dormir esbravejando, com aquela sensação de ter estragado minha cerveja. Bem feito, quem mandou querer assistir?
Eudes Baima – Fortaleza, CE

Direitos iguais para os pelados
Venho, através desta, dar minha opinião sobre um acontecimento que me marcou no Rock In Rio III: o baixista Nick Oliveri, do Queens Of The Stone Age, preso por mostrar o pau! Por que ainda não prenderam a Feiticeira, a Tiazinha e as outras popozudas que estão por aí? Faz alguma diferença para os "pudorentos" de plantão e para os defensores da moral e do bom costume se o que aparece no palco e na TV é um cu, um peito ou um pau?
Leonardo Pacheco – Belo Horizonte, MG.

Correções:
A foto de Eddie Vedder na matéria do Pearl Jam (Tudo pelos fãs, edição 186) é de Bianca Jhordão.

As palavras que nos comoveram

PAPO FIRME

É definitivamente estranho o comportamento do roqueiro brasileiro. Estive no Rock In Rio (na única noite "rock" do festival) e presenciei cenas estranhas que me levaram a chegar a uma conclusão: o roqueiro brasileiro não tem atitude. Claro, eu estava lá pela grande atração da noite (Iron Maiden), mas também estava curioso para ver o show do Queens Of The Stone Age, que é definitivamente a maior revelação musical dos últimos tempos. Mas, para minha decepção, o público presente simplesmente vaiou a banda apenas pelo fato de o baixista ter entrado nu no palco (será que ele tem algo que nunca vimos?), apresentando um elemento que está cada vez mais raro de se encontrar no rock: a atitude. Tudo bem, para o roqueiro brasileiro, que cresceu assistindo ao *Show da Xuxa*, atitude é falar palavrão, bancar o machão e usar cabelos compridos. Nossos roqueiros, além de tudo, são semi-analfabetos, pois enquanto nos países de primeiro mundo as pessoas prestigiam as qualidades das novas tendências musicais, por aqui o público vaia o que há de melhor na nova geração do rock e aplaude o que há de mais saturado. OK, o som do Iron Maiden é de qualidade, mas é preciso conhecer outras coisas.
Rafael Peres – Vitória, ES

Marcos Hermes
Nick, do Queens, manda uma saudação aos metaleiros

SÍMBOLO
Diretora-Presidente
Joana Woo
Vice-Presidente: Roberto Melo
Superintendente de Finanças: Pedro Frazão
Diretora de Circulação e Marketing: Regina Bacco
Diretora de Publicidade: Dilu Freire Huth
Diretora Jurídica: Henriqueta Pezelli

Bizz

Diretora da Divisão de Segmentadas: Laís de Castro
Diretora de Arte da Divisão: Claudia Vargas

REDAÇÃO
Editor-Chefe: Emerson Gasperin
Editor: José Flavio Júnior
Editor de Arte: Dalton Flemming
Diagramador: Roberto Morgan Lopes
Revisão: Ângela Maria Cruz
Colaboradores: Texto: Abonico R. Smith, Alexandre Matias, André Luiz Fiori, Bernardo Araujo, Camilo Rocha, Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Celso Pucci, Charles Gavin, Clarah Averbuck, Daniel Oliveira, Fabiana Batistela, Fabio Bianchini, Guilherme A. Hungria, Luciano Vianna, Luís Antônio Giron, Marcel Plasse, Marco Bezzi, Matias Maxx **Fotografia:** Daniel Oliveira, Eugênio Vieira, Luiz Queiroz, Matias Maxx **Ilustração:** Cobiaco **Revisão:** Marco Aurélio Fiocchi
Correspondentes: Ricardo Woo e Amy Florence Hu (Nova York)
Produção Gráfica: Flávia Levorin
Coordenadora: Andréa Leverin
Símbolo Press: Ana Carolina Olmero

PUBLICIDADE
Gerente de Agências: Claudia Di Carmo • **Executivos de Negócios:** Cidinha Castro, Luciana Bergamasco, Marisa de Souza, Renato Mascarenhas e Sibele Resende • **Gerente de Diretos:** Luciana Valle • **Executivos de Negócios:** Andrea Branco, Rosangela Fernandes, Nadia Bronze, Cristiana Gallori e Fernando Piccinini • **Gerente de Representantes:** André Barreto • **Representantes** • **Brasília:** JCZ - Comunicações Ltda., SRTVS - qd. 701, bl. C, s. 330, Brasília, DF, CEP 70340-907, tel. (61) 322-2034, fax (61) 314-1541 - Ulysses Cova • **Interior de SP:** FatC Representações, R. Caramuru, 1.250, cj. 106, Ribeirão Preto, SP, CEP 14030-000, tel./fax (16) 620-2702 - Fernando Campos: FatC Representações, R. Felisberto Brolese, 226, Campinas, SP, CEP 13084-790, tel./fax (19) 3289-1661 - Luciene Dias • **Minas Gerais:** Magalhães Enock Ltda., Av. do Contorno, 8.000, Bairro de Lourdes, Belo Horizonte, MG, CEP 30110-120, tel. (31) 3291-4929, Gisele Magalhães • **Paraná:** Yahn Repres. Comerciais Ltda., R. Senador Xavier da Silva, 488, cj. 608, Curitiba, PR, CEP 80530-060, tel. (41) 232-3466, fax (41) 232-0737 - Célia Yahn • **Rio de Janeiro:** Marca 21 Comunicações, R. Voluntários da Pátria, 45, cj. 401/402, RJ, CEP 22270-000, tel. (21) 579-2230, fax (21) 579-2240 - Carla Torres e Maria Pimentel **Rio Grande do Sul:** Integrada Atendimento e Mídia, Av. Getúlio Vargas, 1.594, 6º and., s. 607, Porto Alegre, RS, CEP 90150-004, tel./fax (51) 233-1513, - Andréa Hopper: Integrada Atendimento e Mídia, R. Tupinambá, 55, s. 4, Novo Hamburgo, RS, CEP 93310-220, tel. (51) 582-4120, fax (51) 594-4089 - Claudia Kruse • **Santa Catarina:** Central de Comunicação S/C Ltda., R. Anita Garibaldi, 79, cj. 701, Florianópolis, SC, CEP 88010-500, tel./fax (48) 222-4355 - Adriano Kalil

ADMINISTRAÇÃO
Gerente de Produção Gráfica: Eduardo Keppler
Gerente Administrativo: [illegible]

Fotolito Eletrônico: A. R. Fernandez
Impressão: Globo Cochrane, Gráfica e Editora - Vinhedo
Papel: Inpacel

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Símbolo Editora e Comunicação Integrada S.A. ISSN 0104-1649. Redação, administração, publicidade e correspondência: R. São Carlos do Pinhal, 60, Bela Vista, CEP 01333-000, São Paulo, SP, tel. (0xx11) 284-2253, fax (0xx11) 287-4979. Distribuída com exclusividade no Brasil pela DINAP S/A. Edições anteriores (mediante disponibilidade de estoque): solicite através de seu jornaleiro. **SHOWBIZZ** não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados.

ANER IVC

ASSINATURAS – (0xx11) 251-1255 (Grande São Paulo), 0800-153022 (outros estados) ou pelo e-mail: assinar@simbolo.com.br
SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE – Para renovar ou tirar dúvidas sobre sua assinatura: (0xx11) 253-9134 ou pelo fax (0xx11) 251-5455

Abril
PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
GABINETE DA PRESIDÊNCIA: José Augusto Pinto Moreira, Ophir Toledo, Thomaz Souto Corrêa
PRESIDENTE EXECUTIVO: Ophir Toledo
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

Para o pessoal que quer ter alguém com quem conversar

ENTRE LEITORES

CORRESPONDÊNCIA

Belle & Sebastian: Marcelo Vieira – Rua Gotaru Suzuki, 131 – CEP 06765-140 – Taboão da Serra, SP

Bidê Ou Balde e Ultramen: Letícia Teixeira Flores – Rua Barreto Viana, 97, ap. 34 – CEP 94480-500 – Viamão, RS

Black Sabbath e Led Zeppelin: Leandro Vieira dos Santos – Rua Zélia Frias Street, 691 – CEP 03583-060 – São Paulo, SP

Cure: Adriana B. Silva – Av. Coronel Nogueira Padilha, 1253 – CEP 18020-002 – Sorocaba, SP

Guns N' Roses e Ramones: Tereza Cristina Nunes – Rua Alberto Filipini, 338 – CEP 06030-050 – Osasco, SP

Janet Jackson: Ricardo de Jesus – Rua Fundão, 129, Parque Novo Mundo – CEP 02179-030 – São Paulo, SP

Korn e Papa Roach: Patrícia Davis – Rua Gustavo Budag, 512, ap. 304 – CEP 89036-500 – Blumenau, SC

Marilyn Manson e Placebo: Glauber Molko – Rua João Basílio, 917 – CEP 63260-000 – Brejo Santo, CE

Rumbora e Tihuana: Rafael Ferreira – Rua Ouro Preto, 54 – CEP 85816-200 – Cascavel, PR

Smashing Pumpkins: Luciano Alves – Rua Maceió, 846 – CEP 92500-000 – Guaíba, RS

FÃS-CLUBES

Aerosmith: Aero Force One Second Fan Club In Brazil – Rua Antônio V. Zanutto, 100 – CEP 87010-100 – Maringá, PR – E-mail: adrismith6669@hotmail.com

A-Ha: Fã-Clube Oficial Brasileiro do A-Ha Site: a-ha.clubeoficial.tripod.com E-mail: karinharket@yahoo.com

Capital Inicial: Fã-Clube Oficial Capital BH – Rua República de Israel, 92 – CEP 12216-620 – São José dos Campos, SP – E-mail: facapital@hotmail.com

Promoção Hey Hey, My My

Os 10 que levaram *Road Rock*:

André Luiz M. Ferreira (Pouso Alegre, MG), Alexsandro F. Corrêa (Campinas, SP), Everton Cazzo (Marília, SP), Greice Cristina Tavares (Senador Amaral, MG), Jésus Fernandes da Fonseca (Pouso Alegre, MG), Kleber Vinicius Santos Monte (São João do Meriti, RJ), Marcelo de Castro Curi (Rio de Janeiro, RJ), Márcio Alves da Costa (Guarulhos, SP), Paulo Roberto de Freire (Rio de Janeiro, RJ), Ricardo A. Chicula (Criciúma, SC)

Os 40 que ficaram com o single:

Adalio Alves (Goiânia, GO), Adê Samir Andrade (São Paulo, SP), Agnys Letewnski (Porto Alegre, RS), (Ailton Monteiro de Oliveira (Fortaleza, CE), Aline Carvalho (Euclides da Cunha, BA), Antônio Agostinho Pereira (Jandira, SP), Carlos Kleber S. Santos (Aracaju, SE), Cristiano Paulo Pitt (Mariano Moro, RS), Daniela Caroline da Costa (Gravataí, RS), (Douglas H. de Araújo (Valinhos, SP), Eder Valente (São Paulo, SP), Fagner Mello (Goiânia, GO), Francis Lopes da Silva (São Gonçalo, RJ), (Gustavo Henrich Evangelista Vieira (Sete Lagoas, MG), Heber Lucas de Amorim (Palmas, TO), Jairo Canuto de Araújo (São Paulo, SP), Jefferson Gomes de Amorim (Brasília, DF), João J. Faria Netto (Gália, SP), Joilson Mendes Arruda (Porto Velho, RO), José Eduardo C. M. R. Gonçalves (Vinhedo, SP), José Horta da Silva Barros (Ipatinga, MG), Júlio Cesar Florencio dos Reis (Curitiba, PR), Juni da Silva Magalhães (Carapicuiba, SP), Leandro Vieira dos Santos (São Paulo, SP), Leonardo Leme Barbosa (Colatina, ES), Lisiane Müller da Silva (Tapes, RS), Marcelo Augusto Reis Ribeiro (Santos, SP), Marcelo Sampaio Rinaldi (Rio de Janeiro, RJ), Marcilo de Andrade Thomaz (Piraporã, MS), Márcio Mário da Paixão Jr. (Goiânia, GO), Marco Antônio Querubini (Poços de Caldas, MG), Maurício Rigotto (Passo Fundo, RS), Morgana de Abreu Leal (Guapimirim, RJ), Phablo Marcelle Alves (Santa Helena de Goiás, GO), Reinaldo Zanella Klostermann (Curitiba, PR), Roberto Alexandre Fonseca Fagundes (São Paulo, SP), Rodrigo da Silva Magalhães (Carapicuiba, SP), Saulo Araújo (Itaquaquecetuba, SP), Sueli Aparecida Vieira (São Paulo, SP), Tiago Madureira Comide (Coronel Fabriciano, MG)

Nada continuou do mesmo jeito depois que isto aconteceu

Noel assiste à estréia do Oasis

O roadie do Inspiral Carpets foi ver a banda do irmão mais novo estrear num palquinho de Manchester. Um mês depois, assumia a guitarra, e o resto você já sabe

Foi no dia 18 de agosto de 1991. O Oasis faria seu primeiro show, abrindo para os conterrâneos mancunianos do Sweet Jesus. Liam Gallagher (voz), Bonehead (guitarra), Guigsy (baixo) e Tony McCarroll (bateria) estrearam em uma biboca chamada Broadwalk. Noel, que não passava de um roadie do grupo indie-dance Inspiral Carpets com um punhado de composições que ainda não havia visto a cor do sol, voltava de uma excursão americana e decidiu ir ao clube prestigiar. Se não fosse grande coisa, no mínimo daria umas boas risadas.

As cerca de 20 pessoas presentes assistiram a uma tímida performance de 15 minutos. Noel achou uma merda e foi falar isso para os integrantes. A intimidade era total. Tirando McCarroll, aqueles caras tinham crescido com ele, na mesma vizinhança, roubando bicicletas para conseguir uma grana a mais do que o seguro social oferecia. A resposta de Liam veio na lata: "Se somos tão ruins, entre na banda e faça-nos melhores". O irmão mais novo tinha total noção do talento do mais velho. Há pouco tempo, havia chamado Noel para formar um duo, o Gallagher Brothers. Envolvido com o Inspiral Carpets e sem saber o que queria, o guitarrista nem cogitou a idéia.

Mas dessa vez era diferente. Noel, um apaixonado por música, já tinha 24 anos e nunca havia feito parte de uma banda, o que o afligia bastante. Convidou o Oasis para ouvir umas composições em seu flat. Pegou seu violão e mostrou meia dúzia de canções para os rapazes. "Live Forever" era uma delas. Liam, Bonehead, Guigsy e McCarroll ficaram excitadíssimos com o que ouviram e passaram o mês seguinte tentando convencer Noel a entrar de vez no grupo.

A única certeza do Gallagher mais velho era que ele queria estar no universo da música. E o trabalho de roadie, que lhe rendia uma boa férias, já era algo. Na época do convite, Noel tinha turnês com o Inspiral marcadas no Japão, na Argentina e no Uruguai. Naqueles dias, seu cérebro estava totalmente entregue ao fantástico *Achtung Baby*, do U2, e sua maior felicidade era ter finalmente aprendido a tocar "Stairway To Heaven" – sim, aquela do Led Zeppelin.

A história do problemático e desempregado Liam era diferente. Foi em um show dos locais Stone Roses (eles estavam abrindo para o James no dia em que Noel completava 21 anos) que ele decidiu que iria virar cantor e ser famoso. A atuação do vocalista Ian Brown lhe deixou maluco. A postura drogada, os trejeitos econômicos, a linha melódica da voz... Liam tinha certeza de que poderia fazer aquilo. Com a perícia de gatuno que a vida miserável nos cafundós de Manchester lhe rendeu, apossou-se do melhor de Ian (que, às vezes, sentava no palco e ficava encarando a platéia, imóvel) e glamorizou um estilo de cantar.

Enquanto ficava sentado na cozinha de sua casa dizendo para a mamãe Peggy que um dia seria famoso, nascia a banda Rain. Bonehead juntou Guigsy, McCarroll e um vocalista chamado Hutton e, já no primeiro show, Liam desejou estar em cima do palco com eles. Sua sorte foi que Hutton, descrito pelos membros como um grande idiota, rapidamente perdeu seu lugar no grupo. O gogó do menino Gallagher pôde ser ouvido pela primeira vez no apartamento de Bonehead, num dia em que o amigo passava suas canções no violão. Liam improvisou qualquer coisa e ganhou o posto. Sua primeira medida foi mudar o nome Rain. Noel tinha um pôster do Inspiral Carpets em seu quarto, que trazia o nome de várias casas em que a banda havia tocado. De tanto olhar para aquilo, o irmão mais novo encontrou um clube chamado Swindon Oasis Leisure Centre. "É isso aí", comunicou aos outros três. "Oasis é um nome bem melhor do que essa porra de Rain."

Liam e sua turma: performance do Stone Roses serviu como farol

Reprodução

Passado o mês de indecisão, Noel aceitou entrar na banda do irmão, sob a condição de que todos se comprometessem 100% com aquilo. Seria demitido quem se atrasasse para os ensaios e/ou não soubesse lidar com drogas (todas eram permitidas e bem-vindas, desde que o aspecto artístico não fosse prejudicado). Até o fim de 1992, surgiriam pérolas do tamanho de "Whatever", "Hello", "All Around The World" e "She's Electric", que acabaram nem sendo aproveitadas em *Definitely Maybe*, disco de estréia do Oasis. Mas foi "Rockin' Chair" (relegada a lado B do single de "Roll With It" e depois incluída na colerânea *The Masterplan*) que encantou Alan McGee, proprietário do selo Creation. Os versos sinceros de Noel deixaram o empresário e produtor boquiaberto. Futuramente – após a sábia decisão de contratar o quinteto – o deixariam também milionário.

José Flávio Júnior

pizzicato five

the fifth release from MATADOR

Konishi Yasuharu e Nomyia Maki, a dupla japonesa mais pop do mundo, com mais um álbum matador

MATADOR

TRAMA

Também disponíveis em CD

www.trama.com.br

Made in USA

Happy End of The World

The Remix Album:
Happy End of You

The Sound of Music
by Pizzicato Five

Playboy & Playgirl